
FLÁVIA CARVALHO DE SÁ

Profissão: Arquiteta

**Formação profissional, mercado de trabalho e projeto
arquitetônico na perspectiva das relações de gênero.**

Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.
Área de Concentração Tecnologia da Arquitetura

Orientador:
Prof.º Dr.º Francisco Segnini Junior

São Paulo
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: arquitetura@flaviasa.com.br / flaviasaprojetos@yahoo.com

Sá, Flávia Carvalho de
S111p Profissão:arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero / Flávia Carvalho de Sá. -São Paulo, 2010.
196 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Tecnologia da Arquitetura) - FAUUSP.

Orientador: Francisco Segnini Junior

1.Arquitetura (Profissão) 2.Mulheres na arquitetura 3.Mercado de trabalho I.Título

CDU 72-050.52

DEDICATÓRIA

À vovó Nice (*in memoriam*) e
ao meu filho Renzo, amor maior do mundo.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Ao Enrico, marido, amigo e, acima de tudo, companheiro de vida, Mestre em economia. Obrigada pela ajuda nos gráficos e tabelas, além da leitura atenta deste trabalho e de todo o apoio sempre. Não posso esquecer-me de sua paciência, compreensão e tolerância nesses últimos meses.

A meu orientador, Prof. Dr. Francisco Segnini Junior, pelo apoio e influência inicial na escolha deste tema que sempre me intrigou, além da atenciosa análise e comentários importantes na versão final desta dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Érica Y. Yoshioka, pelos importantes comentários e sugestões em meu exame de qualificação.

À Prof.^a Dr.^a Monica Junqueira de Camargo, por sua atenção e valiosa contribuição em meu exame de qualificação.

À Prof.^a Dr.^a Ana Gabriela Godinho Lima, que me proporcionou conversa muito produtiva sobre o tema que muito conhece.

Às arquitetas Solange Parada, Humberta Farias, Yara Santucci, Barbara Bratke e Rosana Ferrari, pela atenção e interesse por este tema e pela disponibilidade para as entrevistas, sem o que este trabalho não seria possível.

Meus agradecimentos especiais a minha família, que sempre teve um papel essencial em minha vida:

Ao meu bebê Renzo, por ser tão sereno, contentar-se com os raros passeios nesses últimos meses e aguentar os abraços apertados da mamãe toda vez que, em frente ao computador, ouvia ao longe suas gargalhadas.

À minha mãe, Sonia, Mestre em jornalismo, pelo exemplo de amor incondicional e grande ajuda na trajetória desta dissertação.

Ao meu pai, Candido, que de certa maneira influenciou minha escolha pela arquitetura.

Aos meus irmãos, Bruno, Rafael e Fernando, por terem estado a postos sempre que precisei.

Ao meu novo bebê, ainda sem nome, que com certeza em seus “enormes” 3 cm de existência me inspirou nos dois meses finais desse percurso.

Aos meus avós queridos, Eunice, que infelizmente nos deixou mês passado e Afrânio, pelo exemplo de amor e que sempre se orgulharam de qualquer rabisco que fiz.

E, finalmente, a Ana Lucia, por me auxiliar nos cuidados com o meu pequeno, principalmente nesses últimos meses infundáveis em frente ao computador.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

RESUMO / ABSTRACT

Resumo

O objetivo deste trabalho foi identificar a participação das mulheres arquitetas e urbanistas na produção do projeto arquitetônico e analisar seu percurso profissional, procurando entender as formas de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho de arquitetura no Brasil, enfatizando sua participação na produção de edificações. O objeto da pesquisa foi elaborado a partir de depoimentos e entrevistas junto a profissionais selecionadas a partir de projetos publicados em dois periódicos especializados brasileiros — as revistas *AU – Arquitetura e Urbanismo* e *Projeto Design* — em edições da década de 1990. A hipótese desta pesquisa é que as mulheres vivenciam maiores dificuldades no processo de inserção profissional do que os profissionais masculinos no mercado de trabalho de arquitetura. A base para desenvolvimento desta análise foi construída a partir da bibliografia sobre o tema disponível no Brasil, tendo também como referência exemplos internacionais.

Abstract

The goal of this study was to identify the role of women architects in the development of architecture projects, as well as analyze their professional careers and how they insert themselves in the architecture labor market, with special regard to their participation in the production of buildings. Interviews were conducted with professionals selected on the basis of projects published in two major specialized Brazilian architecture periodicals — *AU – Arquitetura e Urbanismo* and *Projeto Design* — during the 1990s. The assumption underlying this study is that women have to face harsher conditions to insert themselves in the architecture labor market. This study was also based on the literature on this theme available in Brazil, as well as on examples from abroad.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

SUMÁRIO

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero.

Introdução		1
Capítulo 1	A escolha da profissão, escolas, formação e início da vida profissional	18
	1.1 – Escolas de arquitetura no cenário internacional	21
	1.2 – As primeiras escolas de arquitetura do Brasil	28
	1.3 – Questões de gênero em duas escolas de arquitetura e urbanismo nacionais	37
	1.4 – A escolha feminina pela arquitetura	44
	1.5 – Formação de cinco arquitetas brasileiras	49
	1.6 – Início da carreira de cinco arquitetas brasileiras	52
Capítulo 2	Questões de gênero no mercado de trabalho de arquitetura	56
	2.1 – Forma de inserção no mercado de trabalho de arquitetura	58
	2.2 – Campo de atuação da arquiteta, projetos e produção	65
	2.3 – Questões de gênero nos órgãos de classe internacionais	71
	2.4 – Questões de gênero nos órgãos de classe nacionais	75
	2.5 – Remuneração	81
	2.6 – Publicações em periódicos especializados	84
Capítulo 3	Questões femininas no exercício da profissão	89
	3.1 – Questões femininas no exercício da profissão	91
	3.2 – Parceria masculina na arquitetura e casamento	97
	3.3 – Participação na renda familiar	103
	3.4 – Maternidade e profissão	105
Considerações finais		110
Referências		117
Apêndice A	Planilha de dados coletados na revista AU – Arquitetura e Urbanismo	122
Apêndice B	Planilha de dados coletados na revista Projeto Design	135
Apêndice C	Entrevistas transcritas	151

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

Introdução

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

Na arquitetura, embora as mulheres atinjam cerca de metade do número de estudantes nas escolas, às vezes superando grandemente esta proporção, não é difícil notar que, no campo profissional, atuam em menor número e em relação a seus colegas homens, adquirem menor visibilidade e reconhecimento. Isso pode ser constatado num exame das obras publicadas em livros e periódicos, ou nos programas de ensino nas escolas de arquitetura. Admitindo que o fato de ser homem ou mulher não interfira diretamente na qualidade da produção da arquitetura, a menor participação da mulher neste campo torna-se algo difícil de explicar. (LIMA, 1999, p. 1)

Diferentemente de alguns países, no Brasil as pesquisas, palestras, discussões e publicações sobre o tema da mulher na arquitetura evoluem lentamente. Enquanto na Europa e América do Norte os estudos sobre a mulher na arquitetura tiveram início na década de 1970 (LIMA, 1999) — tendo o assunto desde então sido analisado seriamente nas universidades, principalmente em programas de pós-graduação —, no Brasil a bibliografia sobre o tema é ainda incipiente e as discussões muitas vezes pendem para enfoques feministas, jornalísticos, estatísticos ou até mesmo antropológicos, como poderá ser observado no decorrer do presente trabalho, no qual a discussão de teorias, pesquisas, dados e exemplos estrangeiros foi empreendida com o intuito de fundamentar a análise.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

Apesar da constatação do aumento do número de mulheres no mercado de trabalho de arquitetura no cenário internacional ter ocorrido antes do que no Brasil, a dificuldade de entender o contexto e a razão da arquiteta não se sobressair na carreira é também uma característica observada em âmbito internacional. Conforme apontada por Hughes (1996, p. X), “a ausência de mulheres na profissão de arquitetura, apesar de vários estudos, permanece muito difícil de explicar e muito lentamente se dá a mudança. Isso aponta uma falha que o profissional da arquitetura tende a ignorar [...]”¹

Visando identificar a participação da mulher na produção do projeto arquitetônico e analisar a inserção da arquiteta no mercado de trabalho no Brasil, a abordagem metodológica aqui adotada abrangeu dois aspectos: o científico e o empírico. Para fundamentar o trabalho de acordo com a base científica, estabeleceu-se com a base teórica a constatação de que a bibliografia sobre o tema disponível no Brasil é ainda escassa ocasionando a necessidade de recorrer constantemente a bibliografia estrangeira. Com o objetivo de criar uma base empírica, optou-se pela elaboração de uma pesquisa em duas importantes publicações nacionais especializadas, nas quais foram levantados projetos de autoria feminina, para que em seguida se pudessem selecionar as arquitetas que seriam entrevistadas. A elaboração das entrevistas teve como objetivo esclarecer questões sobre a inserção e atuação da mulher na profissão de arquitetura.

Os dois periódicos especializados nacionais escolhidos para elaboração da pesquisa foram as revistas *AU – Arquitetura e Urbanismo* e

¹ Tradução nossa. Texto original: “The absence of women from the profession of architecture remains, despite the various theories, very difficult to explain and very slow to change. It demarcates a failure the profession has become adept at turning a blind eye to [...]”

INTRODUÇÃO

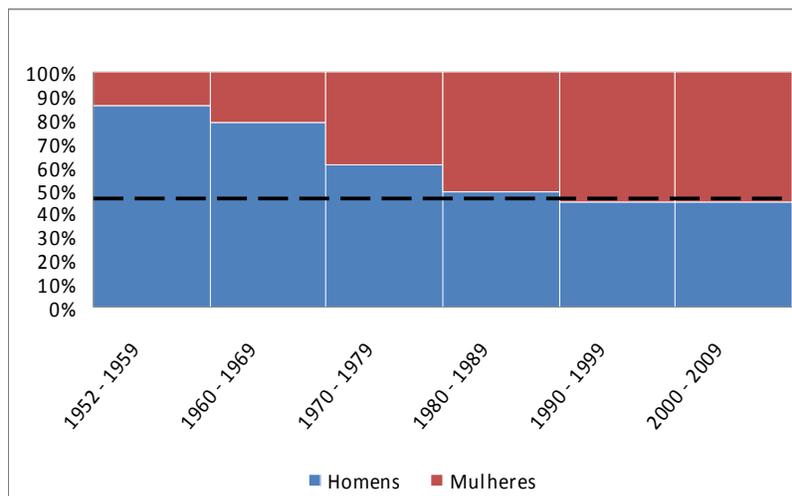
Projeto Design, que constituem importantes instrumentos disponíveis para a divulgação de projetos executados no Brasil.

O período pesquisado nesses periódicos foi delimitado com base em três aspectos:

1. Número de profissionais formados em duas escolas de arquitetura: a da Universidade de São Paulo (USP) e a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)². Como revelam os gráficos a seguir, em ambas as instituições as porcentagens de arquitetas egressas se igualam, no decorrer das décadas, às de diplomados masculinos, ultrapassando-as por fim.

GRÁFICO I

FAU-USP: PORCENTAGEM DE EGRESSOS, POR DÉCADA³



² A faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU-USP gentilmente forneceu a listagem de diplomados para a presente pesquisa. Com a intenção de fundamentar e comparar o cenário estabelecido por essa escola buscou-se outra fonte, chegando-se assim à pesquisa da arquiteta Elena Salvatori, realizada em 2008, de onde foram extraídos os dados referentes à faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade do Rio Grande do Sul - FAU-UFRGS.

³ Fonte: Dados fornecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 15 março de 2010.

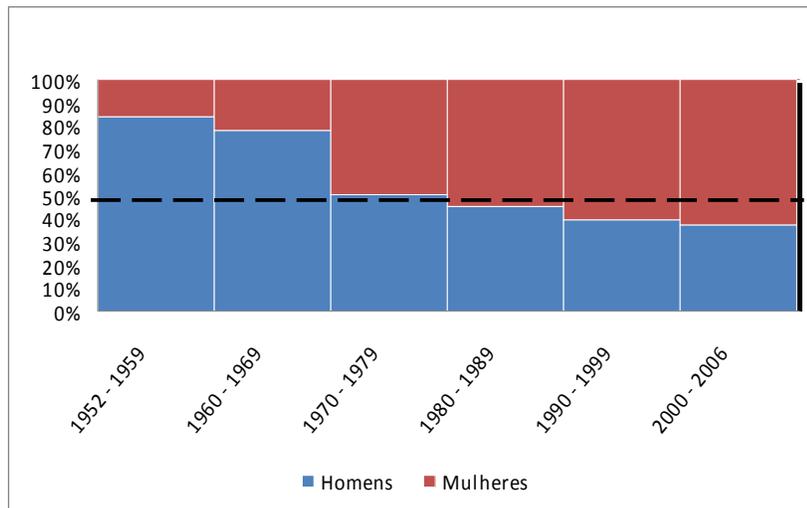
Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

GRÁFICO II

FAU-UFRGS: PORCENTAGEM DE EGRESSOS, POR DÉCADA⁴



Tomando por base os dados apresentados nos Gráficos I e II, foi possível confirmar que o processo de aumento da porcentagem de egressos do sexo feminino nos cursos de Arquitetura e Urbanismo se iniciou praticamente no mesmo período em duas diferentes regiões do país: Sudeste e Sul.

⁴ Fonte: SALVATORI, Elena – “Arquitetura no Brasil: ensino e profissão” - arquitetura revista Unisinos- Vol. 4, n° 2:52-77 (julho/dezembro 2008) p.57.

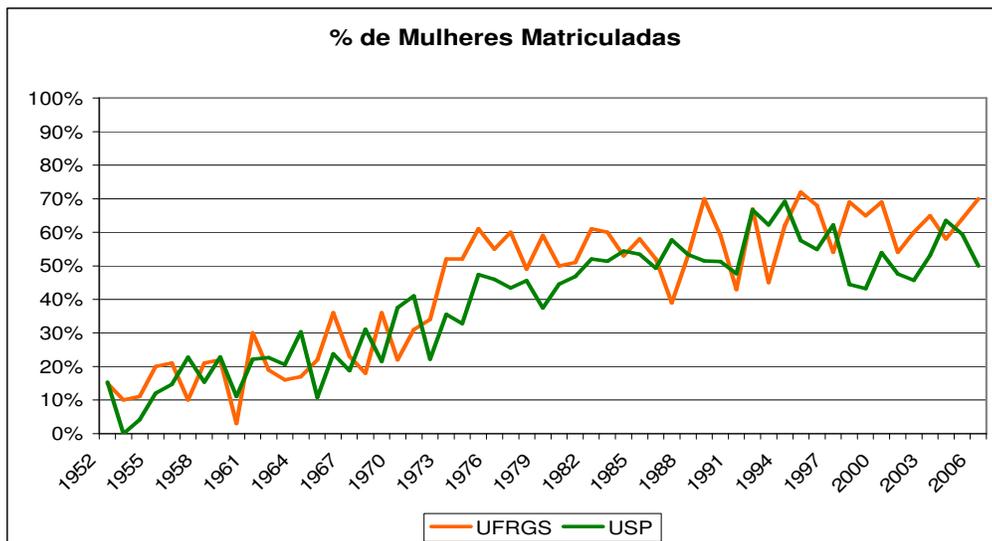
Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

GRÁFICO III

MULHERES DIPLOMADAS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO⁵ E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL⁶



Em ambas as universidades os números seguem uma tendência ascendente, assumindo em alguns anos um valor próximo a zero⁷, ou seja, revelando ausência feminina na FAU-USP em 1953, crescendo porém em seguida e aproximando-se dos índices masculinos ao longo da década de 1970, até que, a partir da década de 1980 tornam-se superiores a estes. Configura-se assim a década de 1980 como o período com maior número de egressas, tendência que se manteve estável após a década de 1990 e após a virada do século.

⁵ Fonte dos dados: FAU-USP, 15 mar. 2010.

⁶ Fonte dos dados: Salvatori (2008).

⁷ Nas duas universidades foi verificado que em três anos, só houve uma diplomada feminina (1954 na USP, 1952 e 1960 na UFRGS). Em 1953 nenhuma mulher se formou na USP.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

2. O segundo ponto levado em consideração para a definição do recorte foi a confirmação de haver, a década de 1980, sido o período de maior contingente de egressos femininos ao mercado de trabalho na área tecnológica⁸. Com base na pesquisa *A mulher e o mercado de trabalho*, de Ballario (1997), foi possível obter dados relativos ao ano de formação das mulheres que trabalham nessa área, constatando-se que um número expressivo das profissionais entrevistadas (46%) concluíram a graduação de 1980 a 1989, o que mostra que o período de estabilização nesse mercado é de cerca de 10 a 15 anos.
3. Por fim, corroborando o fato de que a inserção feminina na arquitetura ocorreu a partir desse mesmo período, a arquiteta Ana Gabriela Godinho Lima afirma que “tantas mulheres despontam, na década de 1990, como importantes protagonistas da arquitetura” (LIMA, 2004, p. 157) A autora também cita observações sobre a recente presença de arquitetas nas páginas especializadas na área:

Atualmente, um número cada vez maior de arquitetas tem aparecido nas páginas dos manuais e compêndios de arquitetura. Uma quantidade crescente de números monográficos de revistas e livros dedicados a arquitetas também pode ser constatada. (LIMA, 2004, p. 152)

Tal observação indica um caminho oportuno de trilhar com vistas a desvendar o que vem acontecendo no mercado atual de arquitetura no Brasil.

⁸ Pesquisa realizada com 493 mulheres com cadastro ativo no CREA-SP, 187 das quais eram arquitetas. Pesquisa quantitativa com abordagem telefônica, coordenada por Ballario (1997).

INTRODUÇÃO

Para esse fim, optou-se, no presente estudo, por consultar publicações brasileiras dessa área lançadas no período de uma década: 1991 a 2001. Esse período foi selecionado com base no fato de que a maior inserção feminina na arquitetura ocorreu por volta da década de 1980, conforme mostrado acima. Assim, os projetos executados por essas arquitetas, ao contarem com cerca de 10 a 15 anos de atividade profissional, estariam figurando em tais publicações a partir da década de 1990.

Procedeu-se então a um levantamento de projetos elaborados por arquitetas publicados nas revistas: *Projeto Design* incluindo a partir da edição 138 - jan/fev 1991 até a edição 262 - dez 2001 (Apêndice A) e *AU – Arquitetura e Urbanismo* incluindo a partir da edição 33 - dez/jan. 1990/1991 até a edição 99 - dez/jan. 2001/2002 (Apêndice B). Os dados coletados foram inseridos em planilhas, considerando as seguintes variáveis: número da edição da revista; mês e ano da edição; página do projeto; tipo de projeto; local do projeto - localização estadual do projeto; ano do projeto; nome(s) da(s) autora(s) ou co-autora(s); nome(s) do(s) co-autor(es) (se houver) e nome do(a) escritório/empresa de que a autora faz parte (caso informado). Em uma coluna extra, denominada Observações, foram indicados o ano e local de formação das arquitetas quando informado e/ou o tipo de matéria da revista em que o projeto foi publicado. Nesse levantamento (Apêndices A e B) consideraram-se apenas arquitetas brasileiras cujos trabalhos publicados tenham sido executados no Brasil.

O levantamento visou identificar arquitetas atuantes no mercado de trabalho brasileiro, enfatizando sua participação como autoras ou co-autoras na produção do projeto arquitetônico – produção do edifício. Outros tipos de produção, tais como projetos paisagísticos, urbanísticos, de restauro, de reformas, de interiores e de *design*, bem como a participação em concursos

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

nacionais, não foram considerados, uma vez que o foco deste trabalho foi a busca por projetos de edificação.

No decorrer do levantamento, constatou-se que em alguns projetos publicados não constava nos créditos a atividade exata exercida pelas arquitetas inseridas em renomados escritórios de arquitetura. Foi o que ocorreu no caso de projetos de escritórios reconhecidos pelo nome de um profissional masculino, como também de escritórios em que o nome do profissional titular vinha acrescido pelos termos “arquitetos associados”. Nesses casos, saber se essas profissionais haviam realmente contribuído na autoria dos projetos ou se apenas haviam participado de seu desenvolvimento como colaboradoras tornou-se tarefa impossível. Para que o levantamento não ficasse falho, decidiu-se incluir na planilha todos os projetos publicados cuja autoria estivesse expressamente creditada a uma profissional feminina, como também incluir os projetos que creditavam a autoria a uma arquiteta mesmo que não estivesse claramente descrito a função exercida pela profissional na produção arquitetônica.

Os dados obtidos com essa pesquisa permitiram selecionar um grupo de profissionais arquitetas a serem entrevistadas. Para tanto, após o levantamento inicial, optou-se por selecionar as profissionais cujos projetos publicados não contaram com participação masculina, o que gerou um grande número de possíveis candidatas para a entrevista. Como passo seguinte, verificou-se o interesse de cinco dessas arquitetas em participar desta pesquisa. No entanto, as publicações não trazem informações como endereços físicos e eletrônicos e telefones dos profissionais retratados nas reportagens, o que ocasionou grande dificuldade para o estabelecimento de contato. De início foram selecionadas vinte profissionais para se proceder à

INTRODUÇÃO

busca por esses dados.⁹ Dessas vinte arquitetas, foi possível obter informações de doze, às quais foi feito convite¹⁰ para participar da entrevista deste estudo acadêmico. Algumas vezes, porém, houve falta de interesse das profissionais sobre o assunto desta dissertação, por não acreditarem ser importante expressarem sua opinião e a descrição de sua carreira sob o enfoque da questão de gênero. Somente quatro profissionais se dispuseram a responder ao questionário e se interessaram em participar, aceitando fornecer dados com o objetivo de aprofundar a análise de sua trajetória profissional e procurar entender sua formação, inserção profissional e produção arquitetônica, conforme é possível conferir no Apêndice C, onde foram descritas as entrevistas na íntegra. As arquitetas entrevistadas foram:

- **Barbara Bratke**, que se formou em 1994 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e trabalha em seu escritório na capital paulista.



Barbara Bratke¹¹

⁹ A busca pelas informações de contato foi efetuada pesquisando-se os *websites* das arquitetas e consultando-se o *site* de buscas Google.

¹⁰ As tentativas de contato foram efetuadas por *e-mail* e telefone.

¹¹ As fotos das profissionais selecionadas provêm de arquivos pessoais dessas arquitetas.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

- **Humberta Farias**, que é formada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Alagoas em 1979 e trabalha em seu escritório sediado em Maceió, AL.



Humberta Farias

- **Solange Parada**, que se formou em 1980 na Faculdade Brás Cubas e mantém escritório em Mogi das Cruzes, SP.



Solange Parada

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

- **Yara Santucci**, se formou em 1992 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie e exerce a profissão em São Paulo, SP.



Yara Santucci

No desenvolvimento desta dissertação, com a busca por informações sobre o tema da mulher na arquitetura tornou-se necessário o estabelecimento de contato com órgãos especializados. Coincidentemente, ao se pesquisar sobre o Instituto de Arquitetos do Brasil – São Paulo (IAB-SP) constatou-se que a instituição era presidida, pela primeira vez em sua história, por uma mulher, a arquiteta Rosana Ferrari, que prontamente se colocou à disposição para auxiliar no que estivesse ao seu alcance. O IAB não possui dados relativos a gênero dos profissionais inscritos, mas como a arquiteta se encaixava no perfil desse trabalho, embora não houvesse sido selecionada por meio da pesquisa junto às revistas, o convite para participar da entrevista foi aceito e esta dissertação contou então, com a opinião de uma quinta arquiteta:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

- **Rosana Ferrari**, que se formou em 1981 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e mantém um escritório em Jundiaí, SP.



Rosana Ferrari

Para as entrevistas, as arquitetas Humberta Farias, de Maceió, e Rosana Ferrari, de Jundiaí, responderam por *e-mail* as questões que lhes foram enviadas. As demais participantes foram entrevistadas ao vivo em seus escritórios.

Um aspecto levado em conta na delimitação deste estudo foi que o ano de formação das profissionais selecionadas, considerando-se o limite estipulado para a análise das publicações — as edições publicadas de 1991 a 2001 —, poderia ter levado à seleção exclusiva de arquitetas formadas em um mesmo período. No entanto, os anos de formação das arquitetas entrevistadas abrangeram três décadas (1970, 1980 e 1990), o que tornou possível analisar três períodos distintos de formação e profissionalização, permitindo também analisar as diferentes formas de inserção dessas

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

profissionais no mercado de trabalho de arquitetura e seus processos de formação.

Apesar do maior número de projetos publicados em ambas as revistas terem sido projetados em São Paulo, foi possível contar com a participação de uma arquiteta da região nordeste, como também duas profissionais do interior do estado de São Paulo.

Em relação à forma de inserção no mercado de trabalho, as cinco arquitetas entrevistadas trabalham sozinhas, como autônomas ou empresárias, em seus próprios escritórios, sem a participação de sócias e parceiras. As profissionais atuam na área de arquitetura e arquitetura de interiores, este campo de atuação tem demonstrado atualmente forte presença de profissionais femininas, como será abordado nos próximos capítulos.

A elaboração de entrevistas junto as cinco arquitetas teve por função analisar a forma de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho de arquitetura no Brasil e entender o direcionamento de suas carreiras e percursos profissionais. Esse conjunto de dados visou propiciar a compreensão do papel que a mulher arquiteta e urbanista vem assumindo no mercado de trabalho brasileiro nos últimos anos.

Para tanto torna-se necessário discutir aspectos que possam interferir no processo de inserção profissional e na produção do projeto, tais como:

- Trajetória de formação profissional: papel desempenhado pelas escolas de arquitetura e urbanismo na formação acadêmica e profissional dessas mulheres.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

- Trajetória pós- formação profissional: inserção profissional.
- Campo de atuação da arquiteta: os projetos e a produção.
- Influência familiar: papel da família na definição da escolha profissional, além das influências do casamento e da maternidade no desenvolvimento da profissão.
- Parceria masculina: trabalho e competição entre homens e mulheres num mesmo grupo de produção – relações de gênero.
- Questões de gênero e participação das mulheres em órgãos de classe.
- Participação da arquiteta na renda familiar.

O estudo se organizou em torno de cinco questões norteadoras, a partir das quais foram gerados três capítulos. Tais questões foram:

- Qual a proporção, em relação a gênero, das mulheres nas escolas de arquitetura atualmente e qual o motivo da escolha das arquitetas por essa profissão?
- De que forma as arquitetas brasileiras se inserem na profissão de arquitetura e em que campo de atuação têm contribuindo no desenvolvimento dessa profissão?
- Qual a participação das mulheres no mercado de trabalho de arquitetura atual, em termos da produção de projetos de edificações?
- É possível definir as razões pelas quais as mulheres, ainda nos dias de hoje, não se destacam na profissão de arquitetura?
- Como as arquitetas brasileiras lidam com as influências das questões femininas, casamento, maternidade e preconceito em sua vida profissional?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

A partir dessas questões, a dissertação foi assim estruturada:

Capítulo 1 – A escolha pela arquitetura, escolas, formação e início da vida profissional

Esse capítulo abre o tema descrevendo como duas escolas internacionais, Bauhaus e Cambridge, se posicionaram em relação ao aprendizado da mulher na área de arquitetura. São também incluídos dados disponíveis de outras universidades internacionais. Em seguida são apresentadas informações sobre os primeiros cursos de arquitetura do Brasil e em seguida inclui-se a análise da questão de gênero em duas escolas de arquitetura brasileiras: a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir da confirmação da grande procura das mulheres por essa profissão, com base na opinião das arquitetas entrevistadas e na bibliografia disponível, procurou-se entender por que as mulheres se identificam com esse campo profissional. O capítulo foi finalizado com a descrição da opinião das cinco arquitetas entrevistadas em relação a sua formação acadêmica e início de sua vida profissional.

Capítulo 2 – Questões de gênero no mercado de trabalho de arquitetura

Nesse capítulo procurou-se traçar paralelos em relação às questões de gênero, descrevendo como se definem alguns aspectos fundamentais tais como: forma de inserção no mercado de trabalho de arquitetura, campo de atuação e produção do projeto arquitetônico além de questão relativa à remuneração. Questões de gênero em alguns órgãos de classe nacionais e internacionais também foram levantadas.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

INTRODUÇÃO

Capítulo 3 – Questões feminina no exercício da profissão

A espinha dorsal desse capítulo é a análise de como as questões femininas influenciam a vida profissional da arquiteta. Entendem-se por questões femininas: a discriminação e o preconceito sofrido pelo sexo feminino nesse campo profissional; como se dá a parceria masculina na produção do projeto, o que algumas vezes inclui o marido como parceiro profissional; a participação da arquiteta na renda familiar da família; e, por fim, a maternidade: como esse acontecimento influencia a vida profissional da mulher que opta por esse mercado profissional.

Esta dissertação foi desenvolvida a partir da escassa bibliografia existente sobre o tema, na qual ainda inexistem (segundo as informações disponíveis) trabalhos teóricos versando sobre a atuação da arquiteta no Brasil. Espera-se que não só as perguntas que serviram de ponto de partida para esta pesquisa, mas também as que puderam emergir durante a análise e reflexão tenham servido à construção deste estudo.

**A escolha da profissão, escolas, formação
e início da vida profissional**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

A feminização do campo profissional [da arquitetura], porém, é um fenômeno que se vem configurando incisivamente ao longo do tempo, sob o influxo das transformações sociais e econômicas ocorridas na segunda metade do século XX (SALVATORI, 2009, [s.p.])

A evidência da feminização da atividade [de arquitetura] necessita de um olhar mais detalhado [...]. Entretanto, registramos que essa parece ser uma ocorrência generalizada no mundo ocidental. Segundo Monedero¹ [...], isso acontece no ensino europeu, no qual não só as estudantes representam atualmente a maioria das matrículas universitárias, como também os cursos de Arquitetura têm sido escolhidos preferencialmente por uma maioria de mulheres. No Brasil, o fenômeno foi detectado por Durand² [...], que mostra o crescimento da presença feminina na Arquitetura e nas Artes Visuais, em geral, entre 1950 e 1980. (SALVATORI, 2008, p. 67, 68)

A “feminização” da arquitetura, como Salvatori (2008) denomina o fenômeno de cada vez mais mulheres participarem da composição desse mercado, é uma tendência mundial. Lapeyre (2004, p. 48), também

¹ MONEDERO, J. *Enseñanza y práctica profesional de la arquitectura en Europa y Estados Unidos: estudio comparativo sobre la situación en el año 2000*: Unión Europea. Barcelona: DEGA-ETSAB, 2003.

² DURAND, J.C.G. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

constatou que “a profissão de arquiteto testemunha um processo de feminização recente junto às profissões liberais.”³, complementando essa afirmação, Ringon⁴ (*apud* LAPEYRE, 2004) defende que o processo de feminização da profissão de arquitetura se iniciou ao mesmo tempo em que teve início sua democratização, desde a ruptura com as Belas Artes para um sistema de ensino inspirado na Universidade.

Como é possível notar, incluir nesta dissertação a perspectiva estrangeira foi inevitável, não só para auxiliar a construção de um panorama comparativo, como também pelo fato de as pesquisas no Brasil sobre esse tema serem escassas, tornando mais premente a necessidade de compreender melhor como se dá a introdução das mulheres nesse campo profissional no Brasil. Para tanto, buscaremos inicialmente descrever o que aconteceu no mundo, no âmbito da formação profissional em arquitetura, para depois observar o que ocorreu no Brasil, no sentido de buscar paralelos.

³ Tradução nossa. Texto original: “La profession d’architecte témoigne d’un processus de féminisation relativement récent par rapport à l’ensemble des professions libérales”.

⁴ RINGON, G. *Histoire du métier d’architecte en France*. Paris: PUF, 1997.

1.1 – Escolas de arquitetura no cenário internacional

No âmbito internacional de formação de profissionais femininas na arquitetura, duas escolas se sobressaíram, embora seguindo dois caminhos pedagógicos distintos, do ponto de vista feminino. Ana Gabriela Godinho Lima, em sua tese de doutorado, analisou essas duas escolas:

A primeira consiste na alemã Bauhaus (1919-1933), provavelmente a mais conhecida escola de artes e arquitetura de todos os tempos, tópico indiscutível no currículo de ensino da história da arquitetura do século XX. A segunda, a Escola de Cambridge, nos Estados Unidos (1915-1942), quase completamente desconhecida nos meios acadêmicos, mas que foi uma das mais interessantes experiências de graduação exclusiva para mulheres. (LIMA, 2004, p. 20)

A escola alemã Bauhaus (1919-1933), termo que se traduz literalmente como “casa para construir”, marcou o início do *design* moderno no mundo. Embora em seu discurso inaugural o diretor, o arquiteto Walter Gropius, tenha deixado clara a intenção de popularizar o *design*, além de frisar que as mulheres tinham os mesmos direitos de aprendizado que os profissionais masculinos, na prática se podia constatar uma evidente contradição. Quando alguma mulher conseguia entrar nessa escola, era diretamente enviada às aulas de tecelagem, ficando assim excluída do aprendizado de arquitetura (DROSTE, 1992).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Tal exclusão é sucintamente descrita por Olivia Fraga:

A Bauhaus era uma instituição de homens e ponto final. É célebre a ordem de Walter Gropius de que nenhuma representante do sexo feminino deveria entrar na oficina de Construção e Arquitetura – daí as mulheres terem sido encaminhadas a departamentos menos “nobres”, como Tecelagem, Cerâmica (extinto em 1925) e Interiorismo, algo parecido com o que hoje se costuma chamar de “decoreação”. (FRAGA, 2009, p. 9)

Nesse campo, algumas mulheres se destacaram nas áreas que lhes eram permitidas. É o caso de Guta Stolzl, escultora e tecelã, que criou padronagens e auxiliou a aperfeiçoar equipamentos industriais. Marianne Brandt, por sua vez, destacou-se desenhando conjuntos de louças e peças decorativas. Já Lilly Reich trabalhou no departamento de Montagens e Interiorismo (decoreação) em 1932-1933. Em parceria com Mies van der Rohe, projetou vários interiores modernos, além de *design* de mobiliário (FRAGA, 2009).



Figura 1-II – Marianne Brandt ⁵

⁵ Fonte: *Untitled (Self Portrait, double exposed)*, ca. 1930-31. Disponível em: <<http://tipografos.net/bauhaus/marianne-brandt.html>>. Acesso em 12 jun 2010.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero



Figura 1-III – Lilly Reich ⁶



Figura 1-IV – Gunta Stolzl ⁷

⁶ Fonte: *O Estado de São Paulo*, 22 mar. 2009, caderno Casa, p. 9.

⁷ Fonte: disponível em: <<http://stolz.com/>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Em sua definição, a principal característica do objetivo acadêmico da Bauhaus era a busca pela habilidade técnica, com a intenção de projetar para alcançar a funcionalidade, decretando, assim, o fim dos ornamentos desnecessários. Muitas criações de profissionais femininas foram por isso rejeitadas, por serem seus projetos julgados como sendo peças femininas e demasiadas decorativas. Não portanto é de surpreender que a imagem que a escola difundiu perante o mundo seja quase que exclusivamente masculina (FRAGA, 2009).



Figura. 1-I – Estudantes do ateliê de tapeçaria da Bauhaus. No alto da escada, Guta Stolzl, portando casaco de trama quadriculada.⁸

⁸ Fonte: *O Estado de São Paulo*, caderno Casa, Uma idéia do moderno. p. 9, 22 mar. 2009.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Infelizmente, a discriminação ao sexo feminino na formação acadêmica de arquitetura não se limitou somente à Bauhaus. Nos Estados Unidos, no início do século passado, as mulheres não eram bem-vindas às escolas de arquitetura, o que ocasionou o surgimento de um estabelecimento voltado exclusivamente ao ensino de arquitetura para mulheres. Em uma época em que mulheres não eram admitidas na Universidade Harvard (Graduate School of Landscape), surgiu a Cambridge School (1915-1942), escola que implementou um currículo focado na “arquitetura doméstica” (decoração de interiores), em curso composto de três partes: *Design*, Construção e Desenho livre. As diplomadas, porém, não aceitaram fronteiras a seus conhecimentos e acabaram por se destacar em áreas de arquitetura tão diversas como elaborar projetos de escolas, hospitais, teatros, casas de campo, restaurantes e museus, entre outras. Foi apenas em 1941 que o diretor Henry Atherton Frost reconheceu que na escola de Cambridge não se aprendia apenas arquitetura doméstica e se surpreendeu com o nível das alunas: “Nesses últimos anos, primeiro de depressão da economia, e agora de guerra, as estudantes femininas já evoluíram para um patamar que impressiona aqueles que trabalham com elas diariamente. Fica evidente que elas têm um bom raciocínio. [...]” (COLE, 1973, p. 81)⁹.

Na primeira metade do século XX, visava-se no curso da escola de Cambridge não apenas ensinar arquitetura a mulheres que buscavam um desafio intelectual, mas sim garantir que elas fossem capazes de, uma vez graduadas, seguir uma carreira profissional. Após 15 anos de existência, em

⁹ Tradução nossa. Texto original: “In these later years, first of depression, now of war, the woman student has progressed to a degree which astonishes us who can work with her daily. She thinks clearly, reasons well [...]”. Letter from Henry Frost to Herbert Davis, June 20, 1941, p. 3.

1930, 83% das arquitetas até então formadas mantinham uma vida profissional ativa na área. A escola de Cambridge era reconhecida pelo sucesso de encaminhar mulheres à carreira profissional, como também em formar arquitetas que se destacavam apresentando projetos com *design* inovador. Em 1942, a escola de Cambridge foi fechada e a de Harvard passou a aceitar alunas. (COLE, 1973)

Um fato curioso ocorreu décadas antes, no Massachusetts Institute of Technology (MIT), renomada universidade americana criada em 1865, que implementou o primeiro curso de Arquitetura do país. Em 1890, aos 22 anos, Sophia Hayden Bennett (1868-1953) foi a primeira mulher a se formar nessa área, cursando os quatro anos do programa integral da universidade. Em 1893, a arquiteta venceu um concurso para o projeto do Pavilhão das Mulheres, na exposição comemorativa dos 400 anos de descobrimento da América, promovida pela Columbia University. As pressões sofridas no acompanhamento das obras e as críticas que fora submetida fizeram com que a jovem arquiteta sofresse um colapso nervoso. Na época, esse fato foi interpretado como a confirmação da incapacidade do sexo feminino de trabalhar em arquitetura, considerando-se então mais prudente afastar as mulheres dessa profissão (LIMA, 1999).



Fig. 1-V – Sophia Hayden Bennett¹⁰



Fig. I-VI – Fine Arts Museum.
Fachada, 1890.

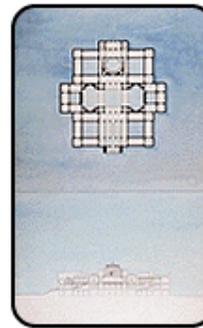


Fig. I-VII – Fine Arts Museum.
Planta e corte, 1890.

Em 1938, no Canadá, considerando-se que a arquitetura de interiores era uma carreira que convinha às mulheres, a Universidade da Província de Manitoba tornou-se a primeira instituição canadense de ensino superior a oferecer um curso de decoração de interiores destinado expressamente a estudantes femininas (ADAMS; TANCRED, 2000).

De 1950 até o final do século, o número de arquitetas diplomadas nos Estados Unidos cresceu constantemente. Nas escolas de arquitetura americanas as mulheres inscritas alcançaram 35% do total de alunos. Nas

¹⁰ Fonte: Disponível em: <<http://web.mit.edu/museum/chicago/bennett.html>>. Acesso em: 14 fev. 2009.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

escolas mais importantes de arquitetura a proporção de estudantes de ambos os sexos se equiparou. Também foi observado que na década de 1990 os melhores trabalhos produzidos nessas escolas foram elaborados na mesma proporção por ambos os sexos. (TOY, 2001)

Na França, em 1999 e 2000, as mulheres representavam 46% dos egressos das escolas de arquitetura, reafirmando a proporcionalidade similar de ambos os sexos de diplomados em arquitetura. (NOGUE¹¹, *apud* LAPEYRE, 2004)

1.2 – As primeiras escolas de arquitetura do Brasil

No Brasil a inserção feminina no mercado de trabalho de arquitetura se deu posteriormente ao momento que ocorreu em alguns países do mundo ocidental. Esse fato foi influenciado pelo tardio estabelecimento das escolas de arquitetura no país, causado pela pouca demanda de serviços desses profissionais, pois quase não se construiu no Brasil até o final da República. (DURAN, 1989. p.69) O que ocasionou o atraso da inserção masculina na profissão de arquiteto e conseqüentemente postergando o acesso das mulheres em alguns anos. Apesar das dificuldades culturais impostas ao sexo feminino, tudo leva a crer que em nenhum momento foi claramente

¹¹ NOGUE, N. Les chiffres de l'architecture: populations étudiantes et professionnelles. *Observatoire de l'économie de l'architecture*, tome 1, p. 65, 2002.

explicitada algum tipo de restrição ao acesso feminino às escolas de arquitetura neste país.

As primeiras escolas de arquitetura do país se originaram dos cursos de belas artes e engenharia, com exceção do curso da Universidade de Minas Gerais, como será descrito a seguir.

De acordo com a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura – ABEA (2003), em 1933, ano da primeira regulamentação profissional no Brasil, existiam quatro escolas de Arquitetura no país: o curso da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro; o da Escola Politécnica e o da Escola de Engenharia do Mackenzie em São Paulo e um curso independente, o da Universidade de Minas Gerais. Fiore¹² [...] menciona, também, a existência de outros dois antigos cursos, da Escola de Belas Artes e da Escola Politécnica da Bahia, fundadas em 1877 e 1896, respectivamente. Ao que tudo indica, esses cursos estavam inoperantes em 1933, como é também o caso do antigo curso de Arquitetura da Escola de Engenharia de Porto Alegre, que funcionou entre 1898 e 1911. (SALVATORI, 2008, p. 57)

A Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro originou-se da Academia de Belas Artes, fundada em 1816, sendo assim o mais antigo curso universitário de arquitetura do Brasil. Em 1945 constituiu-se em uma unidade da universidade federal daquela cidade, quando a então Faculdade Nacional de Arquitetura foi desvinculada da Escola Nacional de Belas Artes,

¹² FIORE, R.H. *Arquitetura moderna e ensino de arquitetura: os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

denominando-se Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). (UFRJ, 2010).

Por volta de 1930, em Belo Horizonte, um grupo liderado por Luiz Signorelli, um dos arquitetos mais atuantes no cenário belo-horizontino da época, se reuniu com o objetivo de “organizar uma escola de formação de técnicos da arquitetura e profissionais das artes auxiliares, como decoradores, escultores e pintores” (FIGUEIREDO,¹³ *apud* OLIVEIRA; PERPÉTUO, 2004, p. 3). Assim, em 5 de agosto de 1930, foi criada a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (FAU-UFMG), primeira escola da América do Sul desvinculada das Escolas Politécnicas e de Belas Artes. (OLIVEIRA; PERPÉTUO, 2004)

O idealizador do curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie foi o arquiteto Christiano Stockler das Neves, diplomado pela University of Pennsylvania, nos Estados Unidos. O curso foi criado em 1917 na Escola de Engenharia Mackenzie (EEM), mas somente em 1947 foi separado, tornando-se assim a primeira Faculdade de Arquitetura do estado de São Paulo (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 2010).

Tendo se originado do antigo curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, a Faculdade de Arquitetura dessa mesma universidade (FAU-USP) foi fundada em 1948. Seu fundador e primeiro diretor foi o Professor Luiz Ignácio de Anhaia Mello. (USP, 2010)

Nascida do impulso e mobilização estudantil, em 1952 foi fundada a Escola de Arquitetura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a

¹³ FIGUEIREDO, João Kubitschek de. A Escola de Arquitetura e sua história. Belo Horizonte: Arquitetura, Engenharia, Urbanismo, Belas Artes e Decoração. Ano I, Set/Out. 1946.

partir da fusão entre os cursos de arquitetura até então existentes na Escola de Engenharia e na de Belas Artes daquele estado. (UFRGS, 2010)

O primeiro curso de arquitetura na Bahia foi fundado em 1877 na Escola de Belas Artes da Bahia. A partir de seu desmembramento em 1959 foi criada a Faculdade de Arquitetura da Bahia (FAUFBA). (UFBA, 2010)

A multiplicação de escolas de arquitetura no país se acelerou a partir de 1960, com novas unidades em muitas cidades.

Segundo a [...] ABEA, as escolas já eram doze, em 1966; vinte e oito, em 1974; setenta e duas, em 1994 e cento e quarenta e sete, em 2002. Em 2008, são contabilizadas cento e oitenta e quatro escolas de Arquitetura. Os períodos de crescimento mais significativos ocorreram entre 1966 e 1974 e entre 1994 e 2002, de 16,66% e 13,02% ao ano, respectivamente. (SALVATORI, 2008, p. 57)

Atualmente estão cadastradas no Ministério da Educação (MEC) 222 instituições de educação superior que ministram cursos de arquitetura e urbanismo no país.¹⁴

Devido à diversificação e disseminação territorial das escolas, pode-se, mesmo sem dados oficiais, afirmar que hoje existam muitos cursos em funcionamento ainda não reconhecidos pelo MEC. Elena Salvatori (2008)

¹⁴ A Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, ABEA informa, porém, em sua página na internet, que atualmente apenas 85 cursos já estão devidamente reconhecidos pelo Ministério da Educação - MEC no Brasil. (ABEA, 2010).

acrescenta que “a qualidade dos cursos será a medida de sua sobrevivência no mercado da educação e da adequada inserção dos profissionais no mercado de trabalho.” (SALVATORI, 2008, p. 76) Quanto à avaliação do ensino em escolas de arquitetura e urbanismo de todo o país, efetuada pelo MEC em 2005, Fernanda Bassete relata:

Na edição 2005 do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade)¹⁵ foram avaliados 166 cursos (de arquitetura e urbanismo) de todo o país. Desses, 63 (38%) receberam conceito 3 e sete (4,2%) obtiveram 5, a nota mais alta. Entre as graduações de conceito máximo, seis são de universidades federais e uma de instituição particular. Do total de cursos (de arquitetura), 25,3% ficaram sem conceito, pois não apresentavam alunos ingressantes ou concluintes. (BASSETE, 2007)

O fato de somente 4,2% dos cursos de arquitetura e urbanismo terem obtido nota máxima em 2005, levanta a dúvida se atualmente os cursos de arquitetura e urbanismo estão proporcionando aos alunos formação completa e suficiente para o ingresso no mercado de trabalho. Nesse contexto, alguns arquitetos acreditam que um dos maiores problemas enfrentados pelos profissionais da área é o aumento no número de escolas de arquitetura no país, com consequentes dificuldades de inserção no

¹⁵ O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. É importante salientar que a FAU-USP e as outras escolas públicas estaduais, não são obrigadas a participar dessa avaliação, e optaram por não fazê-lo.

mercado de trabalho. Conforme Gilberto Belleza, ex-presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) em São Paulo, em entrevista concedida ao portal de notícias da emissora de televisão Globo na Internet (G1) em 23 de janeiro de 2007:

Atualmente, com o grande crescimento do número de escolas de arquitetura e conseqüentemente do número de arquitetos, o mercado tornou-se complicado. O que percebemos é uma escassa quantidade de trabalho, a falta de profissionais capacitados e com boa formação, e, principalmente, um achatamento nos honorários profissionais pela concorrência de preços num mercado livre de atuação. (BASSETE, 2007)

Corroborando essa opinião, a professora Maria Inês Sugai, ex-coordenadora do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aponta uma possível saída:

Há quem diga que o mercado de trabalho não tem mais como absorver os cerca de seis mil jovens que se formam anualmente no Brasil. Mas, apesar dessas avaliações pouco otimistas, prevalece o entendimento de que há boas perspectivas, principalmente nas centenas de cidades de pequeno e até médio porte que têm dificuldades para atender à recente legislação que torna obrigatória a elaboração de Planos Diretores nas cidades acima de 20 mil habitantes. (BASSETE, 2007)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Polemicas a parte, segundo o Congresso Mundial de Arquitetos de 2005 (DADOS..., 2007), a demanda de profissionais nessa área no Brasil se distribui da seguinte maneira:

FIGURA 1-VIII**PROFISSIONAIS DE ARQUITETURA ATUANTES NO BRASIL. 2005** ¹⁶

¹⁶ Fonte: Federação Nacional de arquitetos e urbanistas. Apud: Portal G1 Notícias. DADOS..., 2007.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

É possível constatar que a desproporcionalidade de distribuição dos profissionais de arquitetura no Brasil é um reflexo da desproporcionalidade da densidade populacional do país e, conseqüentemente, do número de escolas presentes em cada região. No entanto, aos poucos essa desproporção parece estar regredindo, pois dois anos mais tarde, em 2007, os dados já apresentam leve mudança. Segundo Salvatori (2008), os números de arquitetos diplomados por região do país se distribuíam da seguinte maneira: regiões Norte e Centro-Oeste juntas: 10% dos arquitetos do país; região Nordeste: 11%; região Sul, 21%; e região Sudeste. 58%. Os dados revelam um leve aumento de profissionais nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste e ligeira diminuição no Sudeste.

Dados de pesquisas elaboradas nos periódicos *AU - Arquitetura e Urbanismo* e *Projeto Design*¹⁷ permitem constatar que a localização dos projetos ali publicados retrata de certa forma a distribuição de profissionais por região do Brasil, acompanhando os números descritos por Salvatori (2008). A região que hoje concentra a maior parte dos arquitetos do país é a Sudeste (58%), na qual também se situa a maioria dos projetos publicados (67%). A região Sul, contabiliza 21% do número de profissionais e 12% dos projetos publicados. A região Nordeste dispõe de 11% dos arquitetos e 14% dos projetos publicados e, por fim, as regiões Norte e Centro-Oeste apresentam conjuntamente a menor quantidade de profissionais do país (10%), sendo que apenas 2% dos projetos publicados foram executados no Norte e somente 2% no Centro-Oeste.¹⁸

¹⁷ Pesquisa realizada para a elaboração do presente trabalho.

¹⁸ Vale salientar que as revistas pesquisadas são publicadas em São Paulo, o que pode trazer certa facilidade à publicação de projetos dessa cidade.

Com relação ao estado de São Paulo, o número de arquitetos inscritos no sistema CREA-CONFEA era de 23 868 em 2007, o que representava mais da metade (56%) dos profissionais inscritos em toda a região Sudeste (42 949), ou seja, 32% do total de arquitetos de todo o país. Segundo os dados das revistas pesquisadas, São Paulo também concentra a maioria dos projetos publicados (47%), o que tem consonância com o fato de ser o estado com o maior número de arquitetos da região Sudeste. (DADOS..., 2007)

No estado de São Paulo também se localiza a maioria das escolas de arquitetura do país (32%), considerando-se que os cursos de arquitetura em todo o Brasil perfaziam 184 em 2007 e que na região Sudeste concentravam-se 93 cursos, 60 dos quais estavam localizados nesse estado (SALVATORI, 2008). Segundo o arquiteto Ângelo Arruda, presidente da Federação Nacional de Arquitetos e Urbanistas (FNA), São Paulo também apresenta o mercado de trabalho mais atraente. (DADOS..., 2007)

1.3 – Questão de gênero em duas escolas de arquitetura e urbanismo nacionais

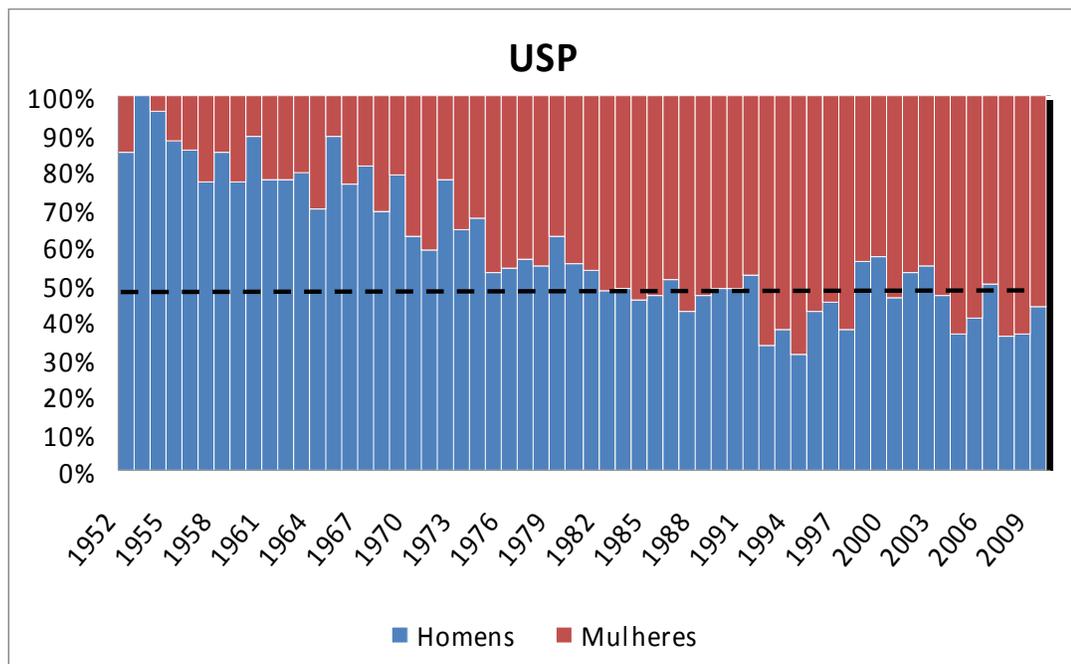
Considerando a questão de gênero como foco do presente trabalho, os dados até aqui apresentados são de suma importância para ajudar a traçar um panorama da inserção profissional do arquiteto no Brasil. Infelizmente, porém, a obtenção de informações sobre o gênero dos profissionais diplomados nas universidades não é tarefa simples, dada a inexistência desses dados nas estatísticas de egressos dessas instituições. Sendo assim, foi possível incluir nesta pesquisa a composição por sexo dos egressos de duas universidades brasileiras: a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAU-UFRGS).

No decorrer de 57 anos formando arquitetos e urbanistas, a Universidade de São Paulo contabilizou o total de 5 368 profissionais diplomados, sendo 2 805 homens e 2 563 mulheres¹⁹, o que permite constatar que a representação feminina nos egressos dessa escola, até 2009, alcançou 47,74%. Como mostram o gráfico 1-IX e a tabela 1-X, a porcentagem de mulheres formadas nesta universidade vem aumentando progressivamente desde seu início. No gráfico 1-XI é possível conferir o aumento do número de egressos de ambos os sexos no decorrer dos anos.

¹⁹ Dados fornecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 15 de março de 2010.

GRÁFICO 1-IX

FAU-USP: PORCENTAGEM DE EGRESSOS, POR GÊNERO E ANO²⁰



²⁰ Dados fornecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 15 de março de 2010.

Profissão: Arquiteta

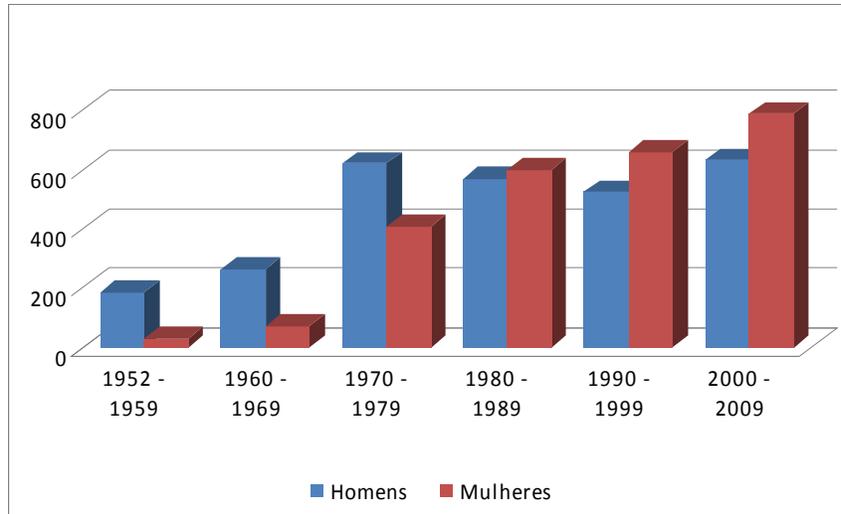
Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

TABELA 1-X

FAU-USP: PORCENTAGEM DE EGRESSOS, POR GÊNERO E DÉCADA²¹

Período	USP	
	Homens	Mulheres
1952-1959	85%	15%
1960-1969	79%	21%
1970-1979	60%	40%
1980-1989	49%	51%
1990-1999	44%	56%
2000-2009	45%	55%
1952-2009	52,3%	47,7%

GRÁFICO 1-XI

FAU-USP: NÚMERO DE EGRESSOS, POR GÊNERO E DÉCADA²²

²¹ Dados fornecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 15 de março de 2010.

²² Dados fornecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 15 de março de 2010.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Analisando esses dados, é possível concluir que a partir do ano em que se formou a primeira turma (1952) até o de 1959, ou seja na primeira década desse curso da USP, a participação feminina foi bem pouco expressiva, com média de 15% do total de arquitetos formados no período, sendo que em 1953 não houve diplomadas nesse curso. Na década seguinte, de 1960 a 1969 a porcentagem sofreu pequeno crescimento, para 21% de profissionais egressas. De 1970 a 1979, a proporção continuou crescendo, com 40% dos diplomas auferidos a mulheres nesse período. No período de 1980 a 1989, a porcentagem de mulheres (51%) diplomadas se igualou e pela primeira vez ultrapassou²³ a de homens. A partir de 1980 o crescimento do número de arquitetas formadas na FAU-USP permaneceu estável, sendo que em muitos anos esse número continua a ultrapassar²⁴ o de formados do sexo masculino.

A arquiteta Elena Salvatori elaborou em 2008 uma pesquisa sobre as escolas do Rio Grande do Sul, na qual incluiu questões de gênero dos egressos das universidades desse estado. Serão aqui incluídos dados relativos à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAU-UFRGS), por permitirem comparar informações de duas universidades estatais de duas regiões do mercado de trabalho. A escola de arquitetura em questão foi fundada em 1952 e em seus primeiros 50 anos de existência formou 2 670 arquitetos, dos quais 1 425 (53,4%) eram homens e 1245 (46,6%) mulheres. No entanto, nem sempre essas porcentagens foram tão próximas. A quantidade de graduados do sexo feminino (16%) na década de 1950 era muito pouco expressiva, se

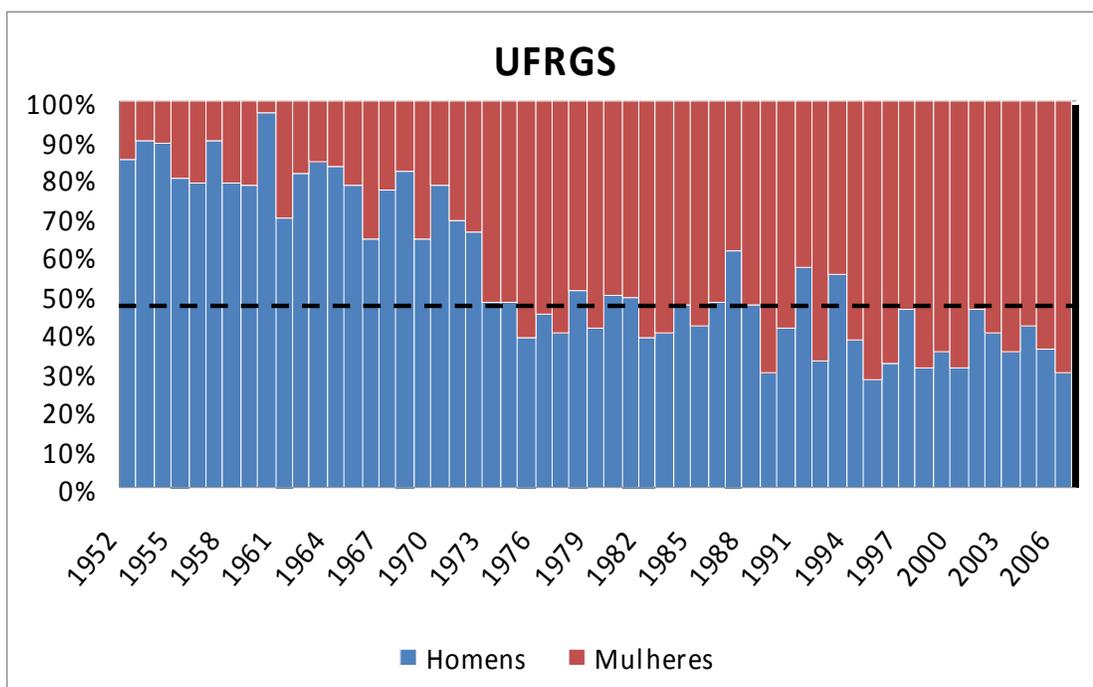
²³ Na década de 1980 as mulheres superaram os homens no número de diplomas nos seguintes anos: 1982, 1983, 1984, 1985, 1987, 1988 e 1989.

²⁴ O número de diplomadas femininas continuou ultrapassando o de masculinos nos anos de 1990,1992,1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 2000, 2003, 2004, 2005, 2007, 2008 e 2009.

comparada à da década de 1990 (61%). De fato, o número de diplomadas vem aumentando gradativamente desde a criação da escola. (SALVATORI, 2008)

GRÁFICO 1-XII

FAU-UFRGS: PORCENTAGEM DE EGRESSOS, POR GÊNERO E ANO²⁵



²⁵ Fonte dos dados: Salvatori (2008).

Profissão: Arquiteta

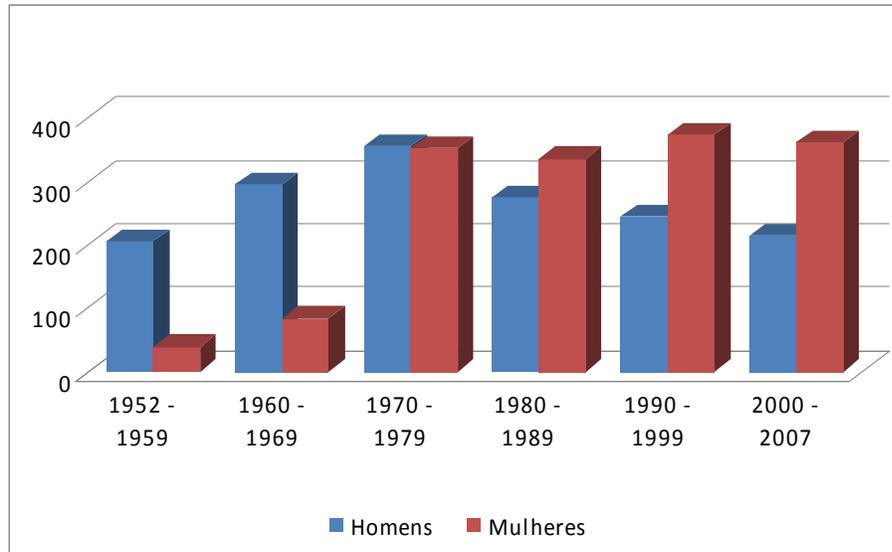
Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

TABELA 1-XIII

FAU-UFRGS: PORCENTAGEM DE EGRESSOS, POR GÊNERO E DÉCADA²⁶

Período	UFRGS	
	Homens	Mulheres
1952-1959	84%	16%
1960-1969	78%	22%
1970-1979	50%	50%
1980-1989	45%	55%
1990-1999	39%	61%
2000-2006	37%	63%
1952-2007	50,7%	49,3%

GRÁFICO 1-XIV

FAU-UFRGS: NÚMERO DE EGROSSOS, POR GÊNERO E DÉCADA²⁷²⁶ Fonte dos dados: Salvatori (2008).²⁷ Fonte dos dados: Salvatori (2008).**Profissão: Arquiteta**

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Conforme mostra o gráfico 1-XII, a partir de 1973 as mulheres passam a constituir a maioria do contingente de egressos da escola gaúcha, com exceção de três anos (1981, 1987 e 1993). O número de mulheres diplomadas também têm se tornado maior em relação aos homens nas últimas décadas nessa universidade.

O gráfico 1-XIV, por sua vez, permite notar que, diferentemente do que ocorreu na FAU-USP, o número de egressos masculinos sofreu um decréscimo progressivo a partir da década de 1980 na FAU-UFRGS. Isso aponta uma diminuição da procura masculina pela profissão de arquitetura e urbanismo no Rio Grande do Sul.

Embora o cálculo do total geral indique uma porcentagem maior de homens do que de mulheres entre os diplomados²⁸, é possível afirmar que a porcentagem dos diplomados do sexo feminino seguiu uma trajetória ascendente. Sendo assim, no decorrer dos anos, em ambas as universidades, o número de mulheres egressas equiparou-se ao de homens e, em muitos anos, o ultrapassou.

²⁸ Na FAU-UFRGS, até 2006, 49,3% dos egressos eram mulheres, enquanto na FAU-USP, até 2009, a representação feminina entre os formados alcançava 47,7%.

1.4 – A escolha feminina pela arquitetura

[...] tais segmentos da pequena burguesia industrial e comercial vêm formando preponderantemente por meio de suas mulheres um capital de gosto (ou de disposição estética) que posteriormente repercutirá na procura por serviços culturais como cursos de arte, arquitetura ou decoração, e de modo geral, em tendência à sofisticação de consumo e de estilo de vida. (DURAND, 1989, p. 170)

No final da década de 1980, o fenômeno do aumento do número de mulheres no mercado de trabalho de arquitetura no Brasil, já havia sido apontado por Durand (1989). O autor descreve para o período de 1970 a 1980 um crescimento total de profissionais de arquitetura à razão de uma vez e meia (1,5), enquanto entre mulheres essa razão alcançaria 7,0. Para explicar o fenômeno, Durand considera que o acesso das mulheres à carreira de arquitetura deve-se ao novo papel social por elas desempenhado e que a escolha pode de certa maneira ser explicada pelo desincentivo econômico da época, relativo às crescentes dificuldades de absorção do mercado de arquitetura. Dificuldades essas que teriam levado a um abandono do campo pelos homens, que se dirigiram a ocupações ou ramos de ensino economicamente mais seguros. Caberia às mulheres a liberdade de optar por atividades financeiramente irregulares.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

A instabilidade e volatilidade econômica foi de fato apontada pelas arquitetas entrevistadas²⁹ como sendo uma das maiores dificuldades encontradas por elas no exercício profissional. Como informado pela arquiteta alagoana Humberta Farias: *“A maior dificuldade encontrada por mim no escritório, foi prover a minha equipe de arquitetas, num mercado tão oscilante [...]”*.³⁰

Salvatori (2003) confirma que atualmente as mulheres passaram a constituir a maioria dos diplomados no Rio Grande do Sul, perfazendo cerca de dois terços do total de arquitetos formados a cada ano. Segundo a arquiteta, os motivos disso podem ser diversos, mas o primeiro deve ser reflexo do novo papel assumido pelas mulheres no mercado de trabalho após a Segunda Guerra Mundial. A pesquisadora acredita que a escolha decorre de uma maior proximidade à arte e à decoração e, por isso, ao universo feminino.

Outro motivo, citado por Durand, que poderia influenciar a escolha das mulheres por essa carreira, seria uma percepção social da arquitetura como mais próxima da decoração do que da engenharia. Além de ser classificado como um ramo de ensino superior de elite, conciliando as artes visuais e um campo profissional prestigiado, mudando assim a maneira de ver uma carreira anteriormente de predomínio masculino (DURAND, 1989). Corroborando o autor, a arquiteta Yara Santucci acredita que o grande aumento de mulheres no curso se explique pelo fato de a arquitetura se confundir com a decoração, sendo uma atividade com raízes femininas.

²⁹ Entrevistas realizadas para a elaboração do presente estudo.

³⁰ Todas as citações indicadas em itálico neste capítulo são informações colhidas a partir das entrevistas com as arquitetas selecionadas.

A percepção de que a arquitetura se configura como uma profissão de elite, apontada por Durand, é respaldada por Ballario (1997), que constatou que 53% das arquitetas entrevistadas em pesquisa do Crea-SP em 1997 pertencem aos extratos sociais mais elevados, a classe A, enquanto no restante da população do Brasil esse índice é de 7%. A porcentagem das profissionais que pertencem à classe B é de 45%, contra 26% no índice referente a população em geral (BALLARIO, 1997).

A Tabela 1-XV, abaixo, permite constatar a preponderância de mulheres nos cursos de arquitetura, com maior porcentagem do que entre médicas, advogadas, procuradoras, consultoras jurídicas, juízas e engenheiras no Brasil. É também a única das profissões listadas em que a porcentagem de mulheres ultrapassa a de homens.

TABELA 1-XV
PARTICIPAÇÃO FEMININA EM PROFISSÕES SELECIONADAS³¹

Ocupações	1990		1993		1996		2002	
	Total	% Mulheres						
Médicos	151.653	31,5%	135.089	36,3%	145.451	37,9%	174.735	40,1%
Advogados	25.957	32,8%	24.729	35,1%	231.211	38,8%	28.902	43,5%
Procuradores e Consultores Jurídicos	8.467	38,0%	7.183	40,6%	9.115	42,0%	11.370	44,9%
Juízes	7.938	19,8%	10.818	22,5%	11.802	25,5%	12.961	33,2%
Engenheiros	140.538	10,7%	142.686	11,6%	130.619	11,6%	139.827	14,4%
Arquitetos	6.160	47,3%	7.118	51,5%	6.799	53,5%	7.081	55,5%

³¹ Fonte: Ministério do trabalho, Relação Anual de Informações Sociais, MTE-RAIS, BRASIL, 2002.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Na opinião da arquiteta Solange Parada, o grande aumento de mulheres no curso de arquitetura se deve a uma característica que ela acredita ser feminina: *“Na minha turma³² já era a maioria mulheres. Acredito que para o projeto, a concepção da forma, do espaço para a composição dos detalhes, é preciso muita sensibilidade e é isso que fascina as mulheres”*. Já a arquiteta Humberta Farias descreve o fato com certa desilusão: *“Sempre pensei que a presença maior no curso de arquitetura fosse de mulheres. A dominância com sucesso no exercício profissional é que é masculina”* — o que confirma a discrepância que ocorre no mercado de arquitetura.

A influência exercida pela família foi outro fator importante relatado pelas cinco arquitetas entrevistadas. A arquiteta Rosana Ferrari descreve que sua mãe comentava sobre obras de arquitetura, enquanto o pai, por muitos anos, atuou como projetista.

Barbara Bratke carrega um sobrenome de peso no cenário da arquitetura paulista. Neta do arquiteto Oswaldo Bratke e filha do arquiteto Carlos Bratke, fazem parte de sua família mais de 22 arquitetos, incluído a mãe, Amélia Bratke, o marido, Orlando França de Carvalho Neto, dois tios e muitos primos, confirmando-se assim a grande influência que a família recebeu por parte de seu patriarca, Oswaldo. “[...] às vezes penso que não escolhi, mas fui escolhida pela arquitetura, pois para mim, mais do que uma profissão, ela é uma opção de vida. (BRATKE, 1998, p. 64). A arquiteta exerce a profissão levando consigo um pouco da experiência absorvida no convívio com o pai arquiteto, em relação à importância de ser criativa, acreditando, porém, que o belo é uma questão muito subjetiva. Como é

³² Solange Parada se formou em 1980 na Faculdade Brás Cubas, Mogi das Cruzes, SP.

possível notar, as influências familiares foram muitas e Barbara relembra com carinho da infância:

Nunca ouvi alguém comentando sobre futebol ou novelas como na casa de meus amigos. Arquitetura era o tema das conversas dos almoços aos domingos no sítio do meu avô [Oswaldo Bratke], em Itapecerica da Serra. (BRATKE, 1998, p. 64)

Humberta Farias foi influenciada pela avó e tias artistas e desde a faculdade a arquiteta tem como *hobby* fazer desenhos em nanquim, dos mais variados, sempre levando material para desenho quando viaja. E acrescenta:

“Tenho necessidade psicológica de executá-los, acho que para extravasar a pressão que recebo dos clientes e do mercado imobiliário que não me permitem liberdade total de criação, de expressão artística. Quando fico alguns dias sem desenhar, chego a sonhar com isso. É o meu relax.”

Solange Parada desejava estudar Arte Dramática, mas como inexistia curso próximo a sua residência, em Mogi das Cruzes, SP, seu pai não permitiu que fosse estudar em outra cidade. Sem saber o que cursar, Solange foi assistir a uma aula de história da arte. Gostou tanto da aula que se motivou a prestar vestibular para Arquitetura e Urbanismo, mesmo

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

admitindo não ser boa em matemática. Durante todo o curso, as aulas de história da arte e arquitetura foram as que mais a atraíram.

Yara Santucci, por sua vez, comenta que tocou piano por dez anos e compôs sete músicas, além de alguns arranjos. Em seu tempo livre, também gosta de escrever poesias.

Essa admiração das arquitetas pelas artes exemplifica mais uma vez o que Durand aponta sobre a escolha da arquitetura pelas mulheres:

[...] entre os artesões e pintores comumente de origem popular, e as moças aprendizes de desenho e pintura das famílias de elite, geralmente condenadas a um amadorismo sem vigor, surgiu uma nova categoria – os arquitetos – de condição social privilegiada e com investimentos de carreira mais pesados, visto que voltados para a direção de um processo industrial que mobiliza grandes somas de recursos: a construção civil. (DURAN, 1989, p. 73)

1.5 – Formação de cinco arquitetas brasileiras

A partir do momento em que entramos na faculdade, nos tornamos observadores incansáveis, críticos mordazes. Lá aprendi a parte teórica da arquitetura, suas implicações políticas, sociais, filosóficas, antropológicas e a falar como arquiteto: a verdade estrutural versus o ornamentalismo, a métrica espacial, as linhas de força, o pictórico, a funcionalidade, o formalismo etc. Conheci a parte chata: o ego do artista, aí me decepcionei, era um pouco ingênua, não imaginava que a criação pudesse trazer tantas implicações subjetivas, tantos pré-conceitos! (BRATKE, 1998, p. 64)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Com opiniões distintas quanto à formação acadêmica, talvez por exemplificarem períodos e cidades diferentes, as profissionais descreveram suas impressões sobre as escolas que as formaram.

Com forte herança familiar, Bárbara Bratke nunca teve dúvida sobre a faculdade que iria cursar — desde a infância tinha certeza. No entanto, só depois de ingressar na FAU-USP³³ foi que surgiram as dúvidas. Bárbara sentiu muita cobrança por parte dos professores, por ser filha e neta de arquitetos renomados, e relembra do curso com certa mágoa, acreditando haver sofrido muito preconceito. Acredita, porém, que a faculdade contribuiu para sua formação, pelo aporte teórico que agregou, sendo que as disciplinas que mais acrescentaram a sua formação foram História da Arquitetura, Paisagismo e Planejamento Urbano. Já na área de Projeto, a arquiteta acredita que existia muito preconceito e a achava uma área muito estagnada, dado o foco muito particular adotado na época pela escola, preconizando uma linguagem e tomando-a como verdade absoluta, além de criar preconceito para com outras linguagens. Barbara admite que se encantou com a universidade e se decepcionou ao mesmo tempo.

Humberta Farias, formada em 1979 na primeira turma do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, cita que as dificuldades enfrentadas por uma universidade “pobre”, sem verbas, são enormes, mas que isso lhe serviu de estímulo e suporte para vencer.

³³ Bárbara Bratke se formou em 1994.

Rosana Ferrari³⁴ reconhece que a PUC de Campinas foi muito importante por ensinar os alunos a desenvolver sua maneira pessoal de projetar e de criar sua própria metodologia junto ao mercado de trabalho.

Yara Santucci, formada na Universidade Mackenzie, em São Paulo, em 1992, não levou consigo uma boa experiência do curso. *“Você vai me achar pessimista, mas naquela época eu tinha professores que eram muito antiquados [...]. O primeiro ano foi dramático. Minha turma batalhou para substituir professores, principalmente de projetos, [...]”*. A arquiteta acredita que os docentes das disciplinas de projeto deveriam estar atuantes no mercado de arquitetura e finaliza admitindo que saiu da universidade frustrada.

Por sua vez, com uma visão positiva da faculdade, Solange Parada, que se formou em 1980, revela seu contentamento com a qualidade do curso da Faculdade Brás Cubas, acreditando que a escola forneceu instrumentos importantes para seu desenvolvimento profissional, tendo em conta muitos colega de classe que se tornaram arquitetos renomados no cenário paulistano.

³⁴ Rosana Ferrari se formou em 1981.

1.6 – Início da carreira de cinco arquitetas brasileiras

Acredito que o maior problema que enfrentamos ao começar somos nós mesmos. Saímos da faculdade com uma autocrítica absurda, ao mesmo tempo totalmente crus e inseguros, morrendo de medo de nos prostituir, mas tendo que pagar o leiteiro das crianças, vivendo, assim, um drama de consciência diário. Sentindo na pele o peso da responsabilidade desta profissão, ser criativo e contemporâneo, respeitar os cidadãos, os clientes, a cidade, o entorno e, ainda, conseguir aliar tudo à tecnologia e preço, ufa! (BRATKE, 1998, p. 64)

Na Europa e nos Estados Unidos, a inserção das mulheres na profissão de arquitetura e urbanismo ocorreu a partir do final do século XIX, lenta e gradualmente. Na maior parte das vezes tomou a forma de trabalhos teóricos sobre a habitação, mais especificamente descrevendo o melhor funcionamento da residência, do ambiente doméstico. A produção dessas teóricas foi a publicação de textos e desenhos sobre a residência. (LIMA, 1999, p. V) No Canadá, as pesquisadoras Adams e Tancred constataram que as arquitetas entraram no mercado de trabalho canadense depois das profissionais americanas e inglesas. E acrescentam que se nos basearmos nas pesquisas impressas, constataremos a criação de papéis aparentemente complementares para as mulheres, à margem da profissão, afastando-as das tarefas principais do arquiteto, como elaborar projetos de edificações — fato ocorrido desde o início de sua inserção, durante os anos 1920 no país. (ADAMS; TANCREDE, 2000)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

No Brasil, a participação da mulher no mercado de trabalho em geral, em todos os níveis sociais e todas as faixas de qualificação, se deu a partir dos anos 1960 e 1970 (DURAN, 1989). Desde o estabelecimento da profissão da arquitetura e urbanismo no Brasil, a inserção das mulheres na prática da produção do edifício se estabeleceu muito lentamente. De fato, as mulheres adquirem menos visibilidade e reconhecimento do que seus colegas homens (LIMA, 1999).

As arquitetas entrevistadas para elaboração desse trabalho, inseriram-se no mercado de trabalho no início da vida profissional de maneiras diversas. Em Maceió não havia nos anos 1980 escritórios consolidados para absorver os recém-formados, razão pela qual Humberta Farias optou por passar as férias estagiando em escritórios de Recife, onde recebeu forte influência da escola pernambucana. Desde o começo, portanto, a arquiteta percebeu que a única forma de projetar em sua cidade seria montando um escritório próprio, embora confesse que no início trabalhava de graça para formar uma carteira de clientes, até que no decorrer do tempo um projeto fora conquistando outro, permitindo-lhe estabilizar-se profissionalmente.

Rosana Ferrari teve dois filhos enquanto cursava a universidade, decidiu, após se formar em 1981, dedicar-se à família por alguns anos, iniciando sua vida profissional em 1987 ao associar-se com outros cinco arquitetos em um escritório de Jundiaí, sociedade que manteve até 2001, quando decidiu montar seu próprio escritório.

Barbara Bratke, formada em 1994, estagiou no início da faculdade com o pai, Carlos Bratke, e também em um escritório de arquitetura

promocional³⁵, até surgir um projeto de reforma da casa de um amigo de sua mãe, sendo logo depois convidada a participar de uma mostra de decoração. Acredita que as coisas foram acontecendo muito rapidamente, com projetos aparecendo sem que tivesse tempo para pensar. Assim surgiu a oportunidade de iniciar a carreira independente, ainda no começo do quarto ano da faculdade, abrindo um escritório com um amigo. O insucesso nessa parceria a levou a criar escritório próprio.

Os primeiros clientes que aceitam ideias ou materiais um pouco diferentes se transformam imediatamente em cúmplices, viram grandes amigos! Afinal, eles estão apostando algumas fichas em você. Não é moleza começar. Antes do primeiro projeto, já tinha tentado de tudo: desenhando para fora, montado estandes, pintado fachada de prédio, feito floreiras, decorado sala de TV, bolado embalagens, feito cartazes, mosaico, papel reciclado, arrumado salão de festas para casamento, e por aí vai [...]. (BRATKE, 1998)

Quando Solange Parada se formou, com 26 anos, em 1980, em Mogi das Cruzes, montou um escritório com uma sócia, parceria que durou um ano, quando a colega teve um filho e se afastou. Solange prosseguiu, tornando-se arquiteta renomada na região. Atualmente a ex-sócia está retornando ao mercado de trabalho, atuando na área de interiores. Logo que saiu da faculdade, a Escola de Belas Artes de São Paulo se encontrava em greve e, por meio de colegas, a arquiteta submeteu seu currículo, pensando em assumir mais um compromisso profissional: lecionar. Ela relata sua

³⁵ A arquitetura promocional pode ser definida como sendo escritórios que elaboram projetos de *stands*, *show-room*, quiosques, para ponto de venda como também feiras e eventos provisórios.

surpresa: *“Eu era tão nova que não imaginava se ia aprender ou ensinar. Meu currículo foi aprovado e eu ia todo dia a São Paulo dar aula”*.

Yara Santucci, depois de formada, trabalhou três anos com um arquiteto renomado, participando de todas as fases de projeto, desde o estudo preliminar até o detalhamento completo. Aponta que a experiência foi muito importante para o início de sua carreira independente.

Ao longo deste capítulo foi possível observar em duas escolas de arquitetura, localizadas em duas regiões distintas do Brasil, que o número de mulheres se equipara e algumas vezes supera o de egressos masculinos, revelando que a escolha feminina tem se configurado como tendência para essa profissão, o que, na opinião das arquitetas entrevistadas, se justifica pela proximidade dessa área com as artes e por ser ela uma atividade com raízes femininas. Apesar das dificuldades apontadas no início da vida profissional, sob formas distintas para cada uma das entrevistadas, as cinco arquitetas exercem a profissão em seus próprios escritórios, como plenas autoras dos projetos que elaboram.

Torna-se oportuno, portanto, investigar algumas questões de gênero no mercado de trabalho de arquitetura, incluindo forma de inserção, campo de atuação, remuneração e órgãos de classe, questões estas com que as arquitetas se deparam ao ingressarem no mercado de trabalho de arquitetura. Esse será o objeto do próximo capítulo.

**Questões de gênero no mercado
de trabalho de arquitetura**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

A inserção das mulheres brasileiras no mercado (de arquitetura) acompanhou a lógica social. Ainda que se comprovem exceções concretas em campo, de modo geral estariam elas mais relacionadas aos trabalhos desenvolvidos em ambientes privados – como podem ser os escritórios –, aos espaços residenciais – locus do feminino na cultura ocidental –, às habilidades artísticas e ao refinamento estético. Por isso, poderiam aparecer como mais aptas a satisfazer as demandas desta nova população em movimento de ascensão e aquisição de capital cultural e simbólico, notadamente na expansão da demanda por arquitetura residencial. Ocorre, ainda, uma crescente prestação de serviços de arquitetura de interiores, indicadora de estilos de vida superiores a que estes estratos aspiram. (SALVATORI, 2009, p. 27)

Nas últimas décadas tem sido evidente o aumento das mulheres nas escolas de arquitetura, mas o que acontece depois da graduação? Conclusões precisas são difíceis de obter, porém estimativas são possíveis.

Atualmente, a consciência social da necessidade de contratação do arquiteto e o crescimento econômico do Brasil são fatores importantes para a expansão do mercado, influenciando a inserção da mulher nesse campo. “A participação das mulheres é cada vez mais efetiva e o mercado [de arquitetura] está favorável nesse sentido” (BALLARIO, *apud* ORNELLAS, 2010).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

2.1 – Formas de inserção no mercado de trabalho de arquitetura

Nos Estados Unidos, em 1930 as arquitetas diplomadas pela escola de Cambridge em sua grande maioria (83%) exerciam a profissão, distribuindo-se na época da seguinte maneira: 34% inseriam-se no mercado de arquitetura como autônomas associadas ou sócias de firmas de arquitetura, 39% eram contratadas por escritórios como projetistas e 10% exerciam a profissão como acadêmicas ou dedicando-se a trabalhos editoriais (COLE, 1973).

Atualmente, a porcentagem de arquitetas registradas nos órgãos de classe americanos que ocupam cargos de chefia ou que são sócias nos principais escritórios de arquitetura dos Estados Unidos é de aproximadamente 10%, caindo para 5% em grandes empresas. Apenas 20% dos docentes em regime de dedicação integral nas universidades do país são mulheres e somente 10% dos docentes de arquitetura efetivados são do sexo feminino; as diretoras ou pró-reitoras constituem menos de 4% dos cargos de chefia administrativos de todos os cursos de arquitetura dos Estados Unidos. Todas as 57 medalhas de ouro do American Institute of Architects (AIA) de 1907 a 2001 foram outorgadas a homens, Toy (2001) ainda ressalta existirem muitas maneiras sutis de manter a mulher em segundo plano.

Durand (1989, p. 261) considera que a arquitetura, por sua natureza, se define como uma “arte aplicada e regulamentada como objeto de categoria profissional ‘liberal’”, e relata que a formação de um campo autônomo de arquitetura no Brasil teve início com o apoio do governo e de particulares, suprindo os arquitetos com encomendas. No entanto, tendo-se

Profissão: Arquiteta

em vista o atual mercado de trabalho de arquitetura no Brasil, é possível apontar outras formas de inserção do profissional nessa área com base no total de arquitetos graduados no Brasil: 66 256 (44,2% homens e 55,8% mulheres) (FGV, 2005), cuja inserção é assim composta: quase metade (49%) corresponde à soma de empregadores e liberais autônomos (contribuindo com a previdência social – INSS); em segundo lugar vêm os assalariados registrados (23%); uma minoria se insere como empregados sem vínculo empregatício (8,55%) ou funcionários públicos (6,15%). Os arquitetos aposentados constituem apenas 8,49%; 4,59% estão desempregados. Entre os homens há mais empregadores e autônomos (54%) do que entre as mulheres (45%). Enquanto as arquitetas inativas somam 11% e os homens perfazem 5% (FGV, 2005).

No âmbito do estado de São Paulo, do total de 186 arquitetas incluídas na pesquisa do CREA-SP em 1997, 80% trabalham na área. Em relação à maneira que as mulheres encontraram para se inserirem na profissão de arquitetura, o cenário se configura do seguinte modo: em sua maior parte (43%) as arquitetas exercem a profissão como liberais autônomas regulares, contribuindo com o INSS, e apenas 13% são empresárias (ou seja, 56% são empregadores e liberais autônomos). As assalariadas registradas somam 28% e as assalariadas sem registro 5%. As arquitetas que elaboram projetos sem compromisso formal em busca de renda fixa mensal (*freelancers*), totalizam 10%; as bolsistas registradas são apenas 1% (BALLARIO, 1997).

Uma pesquisa realizada por alunos da FAU-USP em 2008 e orientada pelo Prof. Francisco Segnini¹ revelou que em sua maior parte as arquitetas

¹ Essa pesquisa, cujo objetivo foi analisar o exercício profissional e diferentes formas de inserção no mercado de trabalho de arquitetas formadas na FAU-USP, foi conduzida no primeiro semestre de 2008 pelos alunos da

selecionadas exerciam a profissão como profissionais liberais. A metade (50%) exercia a profissão como autônoma, 27% como empresárias, 18% como prestadoras de serviços terceirizadas, elaborando em sua própria residência desenhos para grandes escritórios de arquitetura se configurando como freelancers, e apenas uma era assalariada registrada (SEGNINI, 2008)

Traçando um paralelo sobre os dados fornecidos pelas três pesquisas referidas (FGV, 2005; BALLARIO, 1997; SEGNINI, 2008), a ocupação dos profissionais arquitetos se distribui como indicado na Tabela 2-I:

TABELA 2-I
FORMA DE INSERÇÃO PROFISSIONAL ARQUITETO ²

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	HOMENS E MULHERES 2005 BRASIL (FGV)	MULHERES 1997 SÃO PAULO (BALLARIO)	MULHERES 2008 SÃO PAULO (SEGNINI)
EMPRESÁRIOS + LIBERAIS AUTÔNOMOS (CONTRIBUINDO COM INSS)	49%	56%	77%
ASSALARIADOS REGISTRADOS	23%	28%	5%
FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS	6%	--	--
ASSALARIADOS SEM REGISTRO	9%	5%	--
<i>FREELANCERS</i>	--	10%	18%
BOLSISTAS REGISTRADOS	--	1%	--
APOSENTADOS	8%	--	--
DESEMPREGADOS	5%	--	--
TOTAL	100%	100%	100%

disciplina "Prática Profissional e Organização do Trabalho", ministrada por Francisco Segnini. Os alunos, divididos em grupos, deveriam entrevistar uma profissional formada nessa faculdade no período de 1980 a 1990. No total foram entrevistadas 22 profissionais.

² Fontes dos dados: FGV (2005), Ballario (1997) e Segnini (2008).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Os dados dessa tabela permitem constatar que a forma de inserção profissional na área de arquitetura e urbanismo é similar para ambos os sexos. Os profissionais que exercem essa profissão no Brasil atuam em sua maioria de forma autônoma ou com seu próprio negócio, o que se explica pelo fato de hoje haver poucos empregos fixos nos grandes escritórios de arquitetura no país (CAMPOS *et al.*, 2003). Um fato curioso notado nas pesquisas é que parte das profissionais femininas se insere no mercado como *freelancers*, categoria que não figurou entre as detectadas em estudo que abrangeu arquitetos de ambos os sexos.

A tabela 2-1 também revela que a inserção como assalariado ocupa a segunda mais freqüente forma de atuação. De fato, muitos escritórios de arquitetura têm entre seus funcionários profissionais de arquitetura sem vínculo empregatício,³ que exercem as atividades na empresa, mas fornecem ao empregador recibos simples (recibo de profissional autônomo – RPA), configurando uma categoria denominada no mercado como “falso autônomo”⁴. Esse tipo de inserção não se destaca claramente entre os dados da tabela, pois tais profissionais podem estar distribuídos em duas formas descritas de inserção: como liberais autônomos ou como assalariados sem registro.

[...] apesar da expansão do assalariamento, sobretudo na região Sudeste do país, a profissão do arquiteto ainda é predominantemente exercida de forma liberal. De acordo com dados fornecidos pelo CONFEA, baseados no Cadastro Nacional de Profissionais, existem no Brasil 74 375 arquitetos; entre eles, [...] 6 621 formalmente assalariados no país. Esse dado foi obtido

³ Trata-se de trabalhador sem direitos sociais garantidos pela Consolidação da Leis do Trabalho (CLT).

⁴ Perante a lei, RPAs ou recibos semelhantes configuram, quando emitidos de forma consecutiva, uma relação de emprego, que legalmente garantiria ao trabalhador todos os direitos e garantias do empregado com carteira assinada.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, na base de dados RAIS/CAGED, que registra tão somente o trabalho formal (com carteira assinada) no Brasil. (SEGNINI, 2002, p. 17)

TABELA 2-II
ARQUITETOS ASSALARIADOS NO BRASIL – 1999⁵

	Homens	Mulheres	Total
Distrito Federal	85	116	201
Goiás	42	60	102
Mato Grosso	16	09	25
Mato Grosso do Sul	40	30	70
Rio Grande do Sul	251	269	520
Santa Catarina	64	74	138
Paraná	135	147	282
São Paulo	945	1.179	2.124
Rio de Janeiro	737	858	1.595
Espírito Santo	29	48	77
Minas Gerais	108	161	269
Bahia	259	282	541
Sergipe	08	10	18
Alagoas	17	50	67
Pernambuco	72	120	192
Paraíba	35	38	73
Rio Grande do Norte	07	12	19
Ceará	72	57	129
Piauí	17	09	26
Maranhão	07	06	13
Tocantins	02	04	06
Amapá	05	02	07
Pará	31	47	78
Roraima	01	00	01
Amazonas	12	14	26
Acre	02	04	06
Rondônia	11	05	16
TOTAL	3.010	3.611	6.621

⁵ Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Ministério do Trabalho, 1999. *Apud* Segnini (2002, p. 18).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Como mostra a Tabela 2-II, considerando-se as 27 unidades da federação, em 19 localidades brasileiras “o trabalho assalariado do arquiteto é exercido por um número maior de mulheres, representando 55% do total dos arquitetos empregados” (SEGNINI, 2002, p. 19).

A análise dos dados contidos nas pesquisas citadas neste capítulo permite afirmar que: entre os homens há mais empregadores autônomos (54%) do que entre as mulheres (45%) (FGV, 2005); 43% das arquitetas são profissionais liberais autônomas, 28% são assalariadas registradas e somente 13% são empresárias (BALLARIO, 1997); e as arquitetas e urbanistas inativas somam 11% (BALLARIO, 1997), enquanto que os homens perfazem 5% (FGV, 2005). No entanto, quando se analisa a predominância dos profissionais assalariados, de ambos os sexos, constata-se que a maior fatia do mercado é constituída por mulheres (55%) (SEGNINI, 2008).

Na França, constatou-se um fato curioso: cada vez mais as mulheres arquitetas optam pelo exercício liberal da profissão e os homens arquitetos, pelo trabalho assalariado (NOGUE⁶, *apud* LAPEYRE, 2004).

As cinco arquitetas entrevistadas para o presente estudo exercem a profissão como empresárias/autônomas. Apontam como maior vantagem dessa forma de inserção a liberdade profissional, como desvantagem, a oscilação financeira. É o que descreve Rosana Ferrari em sua entrevista:

⁶ NOGUE, N. 2002. *Les chiffres de l'architecture. Populations étudiantes et professionnelles*, tome 1, observatoire de l'économie de l'architecture, Éditions du Patrimoine. 2002.

“As vantagens resumem-se na liberdade profissional de se decidir com o que trabalhar. Minha personalidade não combina com “ser empregado de alguém”. As desvantagens são as financeiras, que muitas vezes advêm da oscilação na carteira de clientes. As contas a pagar não oscilam e são permanentes.”⁷

Humberta Farias concorda: *“A maior desvantagem é a instabilidade financeira e a maior vantagem é a liberdade de trabalho.”* E complementa que a escolha por ser autônoma-empresária foi definida pela questão de realização pessoal.

Solange Parada aponta haver escolhido essa forma de inserção por lhe permitir *“ ter mais independência profissional e uma renda melhor”*.

Yara Santucci escolheu ser empresária por influência de sua própria personalidade: *“Na verdade, sempre tive o perfil de trabalhar por conta, de ter meu negócio, minha linha de trabalho, minha liberdade e autonomia plenas.”* Comenta, porém, que a instabilidade econômica e as dificuldades de ser empresária a desanimam frequentemente:

“Hoje, depois de muito pensar, penso que ter um emprego e uma remuneração fixa seria mais ameno. É ao contrário do que muita gente pensa, empresários ‘matam um leão por dia’ para manterem seus negócios, e lucro, de fato, é uma luta gigantesca. São muitas contas a pagar, e sobra pouco, menos que muitos salários medianos por aí. A ‘liberdade’ sempre teve um alto custo.”

⁷ Todas as citações indicadas em itálico neste capítulo são informações colhidas a partir das entrevistas com as arquitetas selecionadas.

Em sua entrevista, Barbara Bratke menciona uma frase do pai, Carlos Bratke: *“Um arquiteto precisa ter três características: vocação, perseverança e força”*. Ela complementa: *“É uma carreira de altos e baixos. Tem momentos que não entra nada, não entra dinheiro e você tem que ser perseverante”*. Por experiências anteriores, Barbara não acredita em sociedades com outros arquitetos para elaboração de projetos, mas considera que o formato de parcerias profissionais pode ser interessante, pois arquitetura é um trabalho simultaneamente muito solitário e dinâmico. Aponta que o mesmo tempo o arquiteto tem de fazer *marketing*, elaborar o projeto, vendê-lo e convencer e conquistar o cliente — é preciso ser um vendedor e um artista ao mesmo tempo.

2.2 – Campo de atuação da arquiteta, projetos e produção

[...] vem me chamando a atenção como arquiteta e professora universitária: a quantidade de mulheres que estudam e atuam no mercado arquitetônico. De duas turmas que leciono no curso de arquitetura e urbanismo da UFPI [Universidade Federal do Piauí], o que claramente demonstra a predominância das mulheres na arquitetura. Infelizmente, apesar de tal fato, o mercado ainda é machista em determinadas áreas, como, por exemplo, ocorre com a elaboração de projetos arquitetônicos de grandes empreendimentos, ficando destinados às mulheres, projetos de arquitetura de interiores, ou mesmo, a área de ensino, pesquisa, preservação e paisagismo. Mas, cabe a nós, arquitetas, profissionais liberais ou não, reforçar o nosso papel nesta sociedade e a importância do nosso trabalho em todos os campos da arquitetura e do urbanismo.” (AFONSO, 2008)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

A formação oferecida pelo curso de arquitetura e urbanismo não é só técnica, mas também artística, reunindo tanto disciplinas comuns aos cursos de engenharia, como cálculo, estrutura e resistência de materiais, quanto matérias de história e artes. Da mesma forma que o currículo é eclético, as opções de trabalho são bastante variadas (SILVA, 2001).

No Brasil 63% dos arquitetos, de ambos os sexos, exercem sua atividade atuando na prestação de serviços, sendo que 10,8% dos profissionais dessa área trabalham no serviço público, 6,3% na construção civil e 4,4% em outras áreas (FGV, 2005).

A elaboração de projetos de edifícios é o campo mais tradicional da arquitetura e também o mais concorrido, principalmente nas metrópoles brasileiras (SILVA, 2001). Em razão do apuro estético próprio da formação acadêmica, o arquiteto é capacitado a elaborar projetos de reformas internas, além de contar com preparo para atuar em aspectos técnicos de infraestrutura e projetos de edificações, embora atualmente muitos arquitetos tenham sido requisitados a trabalhar com reformas, decoração e paisagismo (CAMPOS, 2003). Nas últimas décadas, a arquitetura de interiores se tornou um campo de serviços em ascensão, e muitos profissionais ou escritórios desenvolvem exclusivamente essa atividade (SALVATORI, 2003a). “A mulher parece inclinar-se, de um modo quase “natural”, com as esferas mais 'internas' e 'privadas', como a coordenação do trabalho no escritório, os projetos de arquitetura residencial e de interiores.” (SALVATORI, 2003b).

Conforme afirma essa pesquisadora, a participação das mulheres no mercado de trabalho de arquitetura se tornou mais comum, incluindo maior facilidade de acesso às áreas de *design* e interiores do que nas de arquitetura e urbanismo. Corroborando essa afirmação, a pesquisa já citada

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

anteriormente, empreendida por alunos da FAU-USP em 2008, sob orientação de Francisco Segnini, permitiu constatar que 50% das profissionais atuam elaborando projetos de arquitetura de edificação e de interiores, 14% exercem a profissão dedicando-se exclusivamente a projetos de interiores, 9% atuam como docentes e 27% trabalham em outras áreas. Nenhuma das 22 profissionais entrevistadas exerce a profissão elaborando exclusivamente projetos de edificações.

O fato de que o trabalho feminino na arquitetura esteja associado à residência, assim como à decoração, é uma questão complexa, fundamentada em grande parte em teorias vitorianas que supunham que o cérebro feminino estaria mais capacitado a modificar ou concluir trabalhos empreendidos por homens do que para criar seus próprios projetos (ADAMS; TANCREDO, 2000).

Na pesquisa realizada nas revistas *AU – Arquitetura e Urbanismo* e *Projeto Design*⁸, foram identificados 405 projetos realizados com participação feminina, sendo que 67% dos projetos publicados são institucionais, enquanto a minoria, 33%, consiste de projetos residenciais, ou seja, habitacionais. O fato de que em sua maioria os projetos publicados sejam institucionais não permite concluir que tal característica tenha advindo de escolha das autoras. Tampouco é possível concluir que essa proporção majoritária seja reflexo de uma seleção de tipologias feita pela revista.

As cinco arquitetas entrevistadas⁹ elaboram projetos de edificações, como também projetos de interiores, nos mais diversos segmentos: residencial, industrial, comercial, hospitalar, *resorts*, hotelaria urbana e até

⁸ Pesquisa realizada para a elaboração do presente trabalho.

⁹ Entrevistas realizadas para a elaboração do presente trabalho.

uma usina de açúcar. Rosana Ferrari realiza projetos hospitalares, industriais, reformas, comerciais e de residências, tanto de arquitetura como de arquitetura de interiores. Humberta Farias elabora vários tipos de projetos, e acredita que:

“[...] num mercado como o de Maceió, o que salvou o escritório foi a pluralidade de projetos. Fazemos desde arquitetura de interiores em pequenos apartamentos e peças de design a grandes resorts, hotéis urbanos, prédios residenciais e até uma usina de açúcar como a que estamos projetando em São Paulo para um grupo alagoano. É complicada e trabalhosa essa variedade mas só assim conseguiria manter a equipe.”

Solange Parada contabiliza praticamente a mesma proporção de projetos residenciais e comerciais no decorrer da carreira, com muitos projetos de arquitetura de interiores. E complementa *“fiz muitas coisas diferentes, no início era mais projetos grandes, depois foi aparecendo obras, e lecionei muito tempo, hoje desenvolvo mais interiores.”*

Yara Santucci recorda que, de suas colegas da universidade, 99% não exercem a profissão: uma é fotógrafa, outra é desenhista, várias se casaram e abandonaram a profissão, e algumas fazem decoração, *design* de jóias e de objetos.

Barbara acredita que arquitetura é uma profissão que começa a melhorar na maturidade, dado o tempo necessário para ter-se controle e

Profissão: Arquiteta

plena noção do espaço que está sendo elaborado. Hoje a arquiteta acredita ter plena noção do que está criando, bem como domínio de suas idéias. Quando faz um projeto, dorme com o caderninho na mesa ao lado, pois as ideias podem surgir a qualquer momento. Pesquisa muito, procura conhecer novos projetos de vários arquitetos. Quando surge um projeto grande, associa-se com o marido. Quanto aos projetos de interiores, geralmente os elabora com sua equipe.

A inserção das mulheres na área de interiores também é observada nos Estados Unidos. Ali, embora as mulheres sejam majoritárias nessa área (81%), 50% das premiações são concedidas a homens (TOY, 2001). Em 1948, a publicação *Architectural Record* trouxe aos leitores uma série de artigos denominados “A thousand women in architecture”, revelando que a maior parte das arquitetas se dedicava à decoração de interiores. Nos anos 1960, várias políticas visando coibir a discriminação no mercado de trabalho foram introduzidas, mas ainda assim o tratamento diferenciado não deixou de existir (COLE, 1973).

No Canadá, segundo Adams e Tancred as primeiras arquitetas ficavam à margem da profissão, especializando-se na área de decoração e, mais tarde, no restauro de monumentos históricos, permanecendo sua participação no mercado de trabalho de arquitetura sempre dependente dos profissionais masculinos. Em 1920, os poucos escritórios que empregavam arquitetas como decoradoras conquistavam sucesso considerável. (MASSEY, 1920¹⁰ *apud*: ADAMS; TANCRED, 2000) Em 1921, a porcentagem de arquitetas canadenses em relação ao total de arquitetos era

¹⁰ MASSEY, Alice Vicent. *Occupations for trained Women in Canada*, Londres/Toronto, J.M.Dent. 1920.

de 0,3%, subindo para 7,3% em 1981 e alcançando 19,1% em 1991 (ADAMS; TANCRED, 2000).

No entanto, a atividade do arquiteto não se resume somente ao trabalho projetual no escritório, mas abrange também a visita à obra para conferir a perfeita execução do projeto. Estudos comprovam que quando uma profissional feminina trabalha na construção, os operários se comportam de maneira exemplar (TOQUE..., 1998). Conforme analisado por Salvatori quanto à questão do canteiro de obras, evidencia-se certa disparidade na forma de inserção da mulher quando esta exerce a profissão em parceira com profissionais masculinos:

[...] quase na totalidade dos casos, no momento mesmo que divide sua atividade com um profissional do sexo masculino, a arquiteta irá prescindir de ocupar-se da execução de obras e outros serviços “externos” e “públicos”, como fiscalização, coordenação de equipes ou resolução de problemas no canteiro - que caberão a seu parceiro. A mulher parece inclinar-se, de um modo quase “natural”, com as esferas mais “internas” e “privadas”, como a coordenação do trabalho no escritório, os projetos de arquitetura residencial e de interiores [...]. Ou seja, se pode escolher, a arquiteta declina de muitas de suas atribuições, ou melhor, reduz-se a um âmbito mais confortável, enquanto reproduz, profissionalmente, os papéis sociais convencionais de gênero presentes na cultura brasileira. Apesar disso, outras experiências comprovam que as tradicionais qualidades femininas podem ser vantajosas nas questões que tratam de relações humanas. Quando estamos presentes na construção, por exemplo, parecem ser mais raras as demandas judiciais com empregados e contratados [...]. (SALVATORI, 2003)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Com relação à obra, as cinco profissionais entrevistadas nessa pesquisa executam pequenas reformas. Humberta, que executa principalmente projetos residenciais, tem planos para começar a executar obras de seus projetos, acreditando que terá acréscimo enorme nos lucros, pois atualmente o escritório está sempre presente nas obras sem receber remuneração para isso. Rosana Ferrari revela o mesmo objetivo. Em seus planos para o futuro, está a vontade de empreender e construir, e por isso montou uma empresa constituída como construtora.

Yara, por sua vez, assume um caminho inverso. Sempre executou as obras de reforma de seus projetos, mas decidiu não mais o fazer, por causa do desgaste e pouca disponibilidade atual de tempo.

2.3 - Questões de gênero nos órgãos de classe internacionais

No Canadá somente em 1921 as arquitetas foram pela primeira vez incluídas nas estatísticas profissionais do país. A primeira arquiteta canadense a se inscrever em um órgão de classe o fez em 1925, ao passo que nos Estados Unidos e na Inglaterra as pioneiras se inscreveram respectivamente em 1888 e 1898 (ADAMS; TANCRED, 2000).

Entre o período de 1920 a 1992, as estatísticas canadenses da proporção das mulheres que fizeram adesão a órgãos de classe de arquitetura evidenciam uma lenta mudança no decorrer dos anos. Na

década de 1920, a proporção de mulheres inscritas era de uma para 284 homens, ou seja, 0,4%. No decorrer do tempo, houve um aumento significativo, constatando-se na década de 1940 que 4,8% dos arquitetos associados eram mulheres, índice que na década de 1970 passou a 5,8% e, na de 1980, a 15,8%. De 1990 a 1992 foi alcançado um ápice de 20,9%. Contabilizando-se o total do período 1920-1992, verifica-se que as arquitetas associadas a órgãos de classe regionais perfaziam 9,3% dos profissionais desse setor no país. Enquanto que as estatísticas de arquitetas inscritas no órgão de classe denominado L'Ordre des architectes du Québec (OAQ) de 1940 a 1992 mostram que na década de 1940 houve somente três inscritas, ao passo que na década de 1980 estas já eram 313 (ADAMS; TANCRED, 2000).

Na Itália, em 1969, 18% dos arquitetos registrados em Milão eram mulheres, um número bem maior que nos Estados Unidos e no Canadá no mesmo período. É possível, no entanto, que esses números tenham sido influenciados pela a estrutura social e classe, além da política, aspectos estes que afetam a nação e as mulheres que nela vivem (COLE, 1973).

Na França, um fato interessante é que muitas mulheres arquitetas não se inscrevem em órgãos de classe após se diplomarem, o que dificulta avaliar o número real de mulheres que trabalham na profissão. Segundo as últimas pesquisas, apenas 50% das mulheres formadas haviam se inscrito, em contraste com 80% dos homens (NOGUE¹¹, *apud* LAPEYRE, 2004).

No Reino Unido, de 1909 a 1989, a porcentagem de arquitetas era extremamente baixa: apenas 9%. A partir de 1996 observou-se um aumento,

¹¹ NOGUE, N. Les chiffres de l'architecture: populations étudiantes et professionnelles. *Observatoire de l'économie de l'architecture*, tome 1, p. 65, 2002.

alcançando de 10% a 11%, índice que, no entanto, continua extremamente baixo, sobretudo quando se comparado as médicas (50%) e as advogadas (30%). Se o número de mulheres arquitetas no Reino Unido continuar a crescer no ritmo atual, só se atingirá um índice de 50% no ano 3000 (TOY, 2001).

Segundo o American Institute of Architects (AIA), a porcentagem de mulheres registradas em arquitetura nos Estados Unidos era de 10,8% em 1995, enquanto no Reino Unido, em 1994, estas não passavam de 9%, segundo o Royal Institute of British Architects. Já a porcentagem de mulheres registradas em outras carreiras, como psicologia, era de 20% nos Estados Unidos em 1995, segundo a American Medical Association, e de 28% no Reino Unido em 1992, segundo a British Medical Association. As advogadas que atuavam nos Estados Unidos prefaziam 24% dos profissionais em 1990, de acordo com a American Bar Association; no Reino Unido, 29% em 1994, segundo a Law Society. Ao analisar todos esses dados (AIA, 2007), pode-se constatar que a lenta inserção da mulher na carreira de arquitetura, em comparação com outras carreiras, no cenário internacional.

Atualmente as mulheres constituem cerca da metade de todos os estudantes de graduação em arquitetura nos Estados Unidos. No entanto, segundo o American Institute of Architects, elas representavam em 2006 apenas 13,3% de seus membros — apenas 1,2% mais que em 1975, o que, sob qualquer ponto de vista, é um número desanimador (OUROUSSOF, 2008).

Com sede em Los Angeles, a Association for Women in Architecture (AWA) é uma organização profissional sem fins lucrativos que se dedica a promover e apoiar a posição das mulheres na arquitetura e campos afins.

Profissão: Arquiteta

Fundada em 1922, essa organização de estudantes e profissionais cresceu ao longo dos anos, oferecendo suporte a seus membros, especialmente mulheres que se inserem na profissão de arquitetura como autônomas por meio de suas próprias empresas. A AWA também levanta fundos para premiar anualmente estudantes femininas da área, além de oferecer bolsas para mulheres que desejam cursar arquitetura. A associação, constituída por arquitetas, engenheiras, *designers*, paisagistas, projetistas, empreiteiras e artistas, trimestralmente publica um boletim informativo e envia comunicações eletrônicas periodicamente para informar os membros das atividades, revisão de livros e exposições, além de fornecer um calendário de eventos e discutir temas de interesse comum (AWA, 2007).



Fig. 2-III – The Association for Women in Architecture (AWA). Reunião em 1950¹².

¹² Fonte: The Association for Women in Architecture (AWA). Disponível em: <<http://www.awa-la.org/>>. Acesso em 15 dez. 2007.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Em 1985, o Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech), nos Estados Unidos, criou o programa International Archive of Women in Architecture (IAWA) com o propósito de documentar e preservar documentos e estudos históricos do envolvimento da mulher na profissão. O órgão coleciona estudos de mulheres arquitetas datados desde o início do século XX, época em que as mulheres eram minoria nas universidades, até os dias atuais. Com o objetivo de se estabelecer como importante fonte de informação de arquitetas que continuam na ativa, o arquivo armazena catálogos, livros, monografias e outras publicações escritas por mulheres arquitetas ou versando sobre elas. Abrange registros biográficos de mais de 650 mulheres, representando 48 países. Do Brasil estão cadastradas as arquitetas Rosa Grena Kliass, Marília Penteado Sant'Anna de Almeida e a italiana naturalizada brasileira Lina Bo Bardi (IAWA, 2009).

2.4 – Questão de gênero nos órgãos de classe nacionais

Uma contagem dos profissionais cadastrados em 2003 no Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, realizada por Salvatori [...], computou 7 278 arquitetos, identificando que 3 188 eram homens (43,8%) e 4 058, mulheres (55,8%) [...]. (SALVATORI, 2008, p. 66)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Em 1921, no Rio de Janeiro, foi fundado o Instituto Brasileiro de Arquitetura (IAB, [s.d.]), que em 1933, após reforma estatutária, teve denominação alterada para Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), que se mantém até os dias atuais (IAB, [s.d.]). O IAB atua através de órgãos estaduais e em conselhos referentes a assuntos relativos aos profissionais arquitetos e a sociedade, com ênfase nas questões que envolvem a formação do arquiteto e na divulgação da atividade deste profissional. Atualmente, o departamento paulista da entidade é responsável por mais de 30 núcleos distribuídos no estado, congregando, como maior departamento do instituto, 10 313 arquitetos e arquitetas cadastrados, embora não se disponha de pronta estatística que revele os números relativos a gênero dos associados. O livro de registro do IAB traz o nome de Paola Maria Taglia Cozzo Pestalozzi como primeira arquiteta a se filiar, em 19 de abril de 1948, sob o número de inscrição 132¹³.

Quando o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Rio de Janeiro (CREA-RJ, 5.^a Região)¹⁴ foi formado em 1933, foram registradas apenas 14 mulheres, enquanto os homens somavam 2 023 registrados (ORNELAS, 2010)¹⁵. Isso significa que naquele ano apenas 0,69% dos profissionais formados nas carreiras incluídas no conselho eram mulheres. Em 1959 as mulheres representavam ainda somente 2% dos inscritos no CREA-RJ. Acompanhando o aumento da inclusão das mulheres nas universidades, os números foram subindo lentamente com o passar dos anos, contabilizando-se hoje 36 138 mulheres, que perfazem 13% dos registros no CREA-RJ, em contraste com 246 011

¹³ Dados fornecidos pelo IAB-SP em 5 jun. 2010.

¹⁴ O CREA regulamenta e fiscaliza as áreas de engenharia, agronomia, arquitetura, geologia, geografia, meteorologia e técnica industrial.

homens (87% dos inscritos). No entanto, esses índices omitem o fato de que a arquitetura é, das carreiras regulamentadas pelo conselho, a única em que o número de mulheres inscritas mais se aproxima do de inscritos masculinos. Segundo Maria Helena de Carvalho, assessora de comunicação do CREA, o número de arquitetas inscritas no CREA-RJ no final da década de 1970 era de 1 910 (31%), enquanto os homens inscritos eram 4 111 (69%). Em 2010, as arquitetas inscritas já eram 13 495 (45%); os homens, 16.009 (55%) (CARVALHO, 2010).

Confirmando o fato de que a participação da mulher na área tecnológica é mais proeminente na carreira de arquitetura, no total de profissionais femininas registradas no CREA-SP as arquitetas (42%) superam as engenheiras civis (23%) em representatividade (TOQUE..., 1998).

Apesar da dificuldade de acesso a informações oficiais sobre a questão de gênero nos órgãos de classe de arquitetura do Brasil, os dados descritos confirmam a participação da mulher na área tecnológica brasileira, com maior evidência de sua inserção na área de arquitetura e urbanismo.

Rosana Ferrari, atual presidente do IAB-SP, acredita que uma profissão só se constrói coletivamente. Participante ativamente do órgão há mais de 20 anos, já foi conselheira do Conselho Municipal de Habitação de Jundiaí e também do Conselho de Gestão da Serra do Japi, além de, por três vezes, ter sido presidente do núcleo Jundiaí do IAB. As demais arquitetas entrevistadas descrevem a pouca atuação dos órgãos e desconhecem a eficiência destes. Na opinião de Barbara Bratke, os órgãos de classe não proporcionam o suporte necessário à carreira. Acredita ela que o CREA seja o mais funcional.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Uma das maiores dificuldades apontadas por Yara Santucci no exercício da profissão é a falta de uma organização de classe organizada:

“Não temos uma organização que nos defenda e proteja. Qualquer um pode obter projetos e fornecedores nas bancas de revistas, por exemplo, ou cobrar o quanto quiser. Até hoje não há um critério único contratual ou de cobrança que tenha se consagrado e sido adotado por todos. Já sofri muito com isso, levando anos para aprender na prática como me impor comercialmente perante tantos atravessadores.”

Atualmente são organizados muitos debates e fóruns sobre o tema da mulher na área tecnológica no Brasil. Com o objetivo de aumentar o ingresso das estudantes nos cursos tecnológicos, o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea) tem unido esforços aos CREAs regionais, presentes em todas as unidades federativas do Brasil, para incentivar o debate sobre o tema. A partir dessa iniciativa, criaram-se grupos de trabalho — os GT Mulher — com o objetivo de incentivar a participação das profissionais no sistema e fazer com que seja compreendida a importância da participação feminina na área tecnológica.

Os grupos de trabalho são responsáveis pela promoção de fóruns temáticos, cujo propósito é incentivar a igualdade de oportunidades entre profissionais. Como exemplos citam-se os encontros realizados durante a Semana Oficial da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia (SOEAA), que ocorre anualmente e já acumula 67 edições. Alternando diferentes capitais brasileiras como sede, em 2004 incluiu uma atividade até então

inédita: o 1.º Fórum da Mulher na Área Tecnológica, com o objetivo de destacar o trabalho dessas mulheres para que recebam o devido reconhecimento pelos colegas e pela sociedade (MANUAL..., 2004). Com a intenção de discutir temas referentes às atividades das mulheres e assegurar um espaço exclusivo para expressão do trabalho da mulher na área tecnológica e sua expressiva relevância, esse primeiro fórum teve como foco o reconhecimento das contribuições de mulheres brasileiras nessa área, destacando as mulheres que desenvolveram projetos autossustentáveis. No evento foi lançado o livro *Proposições legislativas sobre a questão feminina no Parlamento Brasileiro – 1826-2004*¹⁶.

Na 62ª SOEAA, em 2005, durante o 2.º Fórum da Mulher na Área Tecnológica, foram definidas ações como a partilha de experiências com outros grupos de mulheres profissionais e de negócios e a realização de estudos e elaboração de estatísticas sobre os diferentes níveis de atuação profissional das mulheres (CONFEA, 2009). Desde então, o fórum vem ocorrendo ano a ano. O evento mais recente teve lugar em 2009, na forma do 6.º Fórum Temático Grupo de Trabalho Mulher, com o objetivo de garantir a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres (CREA-RJ, 2010). Em agosto de 2010 ocorreu o 7.º Fórum da Mulher, abrangendo o panorama mundial “Inserção, perspectivas, desafios da mulher no contexto mundial”.

Todos os anos, com a proximidade do Dia Internacional da Mulher, 8 de março, muitos eventos são desenvolvidos por diversas organizações para discutir o tema da mulher no mercado de trabalho. Foi o que ocorreu em 2008, quando, em homenagem a esse dia, o CREA-RJ promoveu o debate

¹⁶ Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/senado/secretarias/arquivo/PDF/PropFemininas/05554.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

Mulheres e trajetória profissional. O evento abriu a Semana Internacional da Mulher. Com o objetivo de avaliar as causas do distanciamento feminino do Sistema CONFEA-CREA e encontrar soluções para promover uma maior inserção das mulheres nas profissões tecnológicas, como no caso da arquitetura, o CREA-RJ promoveu debate sobre a trajetória profissional das mulheres e seu papel na sociedade e no mercado de trabalho. Por fim, o conselho ratifica sua responsabilidade para com a valorização das mulheres, tanto em sua vida profissional como na do sistema, buscando a garantia da igualdade de direitos e de oportunidades entre os profissionais de ambos os sexos (CREA-RJ, 2010).

Em Recife, o papel da mulher na arquitetura moderna no país foi tema de debate na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) em março de 2008. A mesa-redonda abriu a 6.^a Semana da Mulher e contou com a palestrante Prof.^a Dr.^a Guilah Naslavsky, do curso de arquitetura. Durante o evento, a expositora destacou o trabalho de três mulheres no campo da arquitetura e engenharia: Carmem Portinho, Lina Bo Bardi e Janete Costa. De acordo com a professora, a presença feminina na área é intensa, principalmente na arquitetura: “Quando essas graduações começaram, eram predominantemente masculinas. Hoje o quadro se inverte e a participação de mulheres já é bem considerável” (ALVES, 2008).

Infelizmente, não se dispõe de informações sobre os resultados e conclusões desses eventos, o que porém não invalida a evidência do súbito aumento do interesse sobre esse tema. No entanto, como é possível notar, muitos eventos relacionados ao tema da arquiteta no mercado de trabalho vêm sendo organizados. No entanto, foge da intenção desse trabalho pesquisar e descrever todos eles.

Profissão: Arquiteta

2.5 – Remuneração

Há mais de 40 anos uma lei federal instituiu um piso salarial para a categoria de arquitetos e urbanistas do Brasil. O valor definido foi de seis vezes o salário mínimo vigente, o que significa que atualmente o mínimo a ser recebido por um profissional que atua nessa área seria de R\$ 3.060,00¹⁷. No entanto, a lei só vale para profissionais contratados por empresas privadas e não se aplica a funcionários públicos e profissionais liberais (DADOS..., 2007).

Segundo pesquisa elaborada pela Fundação Getúlio Vargas, o salário da carreira de arquitetura e urbanismo ocupava em 2005 a 29.^a colocação entre as rendas médias¹⁸ de carreiras (profissional somente com graduação: R\$ 5.000,00)¹⁹ Carreiras como as de medicina (com mestrado e/ou doutorado) R\$ 13.025,00 e administração (com mestrado e/ou doutorado) R\$ 10.471,00 ocupavam posição mais alta na lista²⁰ (FGV, 2005). Confirmando esse cenário, em um universo de 17 profissões a arquitetura é a de pior remuneração do mercado, sendo o salário inicial de R\$ 2.221,00 e o salário após dez anos de R\$ 3.920,00²¹. Nenhum outro profissional (administradores, médicos, advogados, biólogos, matemáticos, analistas de sistemas, enfermeiros, profissionais formados em educação física,

¹⁷ Esse valor refere-se a uma jornada de trabalho de 6 h diárias. Quando o profissional trabalha mais que 6 h o salário é acrescido e as horas adicionais são consideradas horas extras. Assim, para uma jornada de 8 h diárias a remuneração mínima equivalerá a nove salários mínimos vigentes.

¹⁸ A pesquisa incluiu todos os rendimentos, ou seja, o do trabalho profissional e outros, como aluguéis e aplicações financeiras. O salário médio para arquiteto e urbanista, se considerados apenas os rendimentos do trabalho profissional e ajustado pela inflação do período R\$ 3.351,00.

¹⁹ Valor atual ajustado pela inflação do período. O valor informado pela pesquisa FGV de 2005 era de R\$ 3.835,00.

²⁰ Valores atuais ajustados pela inflação do período. Os valores informados pela pesquisa FGV de 2005 para medicina era de R\$ 9.966,00 e administração R\$ 8.012,00.

²¹ Valores atuais ajustados pela inflação do período. Os valores informados pela pesquisa FGV de 2005 era de R\$ 1.700,00 e após a 10 anos R\$ 3.000,00.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

economistas, geógrafos, engenheiros, jornalistas, licenciados em letras, dentistas, psicólogos e publicitários) ganham tão mal quanto o arquiteto (CAMPOS *et al.*, 2003).

Se a remuneração na carreira de arquitetura não se destaca frente às demais carreiras, para as mulheres o cenário ainda pode se complicar. A faixa salarial das arquitetas com registro no CREA-SP em 1997, expressa em valores atuais ajustados pela inflação do período, é de R\$ 3.425,00²² mensais para 25% das profissionais, R\$ 3.425,00 a R\$ 6.850,00 para 43% e superior a R\$ 6.850,00 para apenas 10% (BALLARIO, 1997). Muitas vezes as profissionais com a mesma capacidade intelectual ganham menos os que os homens que ocupam os mesmos cargos (ORNELAS, 2010).

No panorama internacional, *A Alliance for Women in Architecture*, de Nova York, elaborou no início dos anos 1970 uma pesquisa que revelou que a média de salário dos arquitetos masculinos americanos era na época de US\$ 15.800 ao ano, enquanto a das mulheres era de US\$ 13.200 anuais — uma diferença de quase 20%. A diferença não se limitava ao salário, mas também à evolução da carreira. Poucas mulheres chegavam a tornar-se sócias dos escritórios em que trabalhavam (COLE, 1973). Os salários inferiores recebidos pelas mulheres que desempenham funções idênticas às dos homens atestam o preconceito ainda existente na sociedade (TOQUE..., 1998), mostrando que as mulheres ainda se deparam com discriminação sob o ponto de vista salarial.

A discrepância desfavorável do salário feminino em relação ao masculino é questão polêmica que dividiu a opinião das arquitetas entrevistadas. Para Humberta Farias, as mulheres arquitetas ganham em

²² Os valores informados pela pesquisa do CREA-SP de 1997 variavam de R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00.

média menos que os homens, e completa: “*Se esse arquiteto morar em outro estado, sim [a mulher ganha menos]. Se for em Maceió talvez a diferença não seja tão gritante mas ela existe sim.*” Já Rosana Ferrari considera, com base em sua própria experiência, que nem sempre os homens ganham mais que as mulheres.

O cálculo dos honorários utilizado pelas cinco arquitetas entrevistadas para cobrar por seus projetos é elaborado de maneiras diferentes. Algumas estudam cada orçamento de forma distinta; outras utilizam tabelas fornecidas pelos órgãos especializados, variando o cálculo conforme a metragem quadrada e as horas técnicas. Solange Parada elabora projetos fora da cidade de São Paulo, em Mogi das Cruzes, e acredita não ser possível cobrar ali o mesmo que na capital do estado:

“Eu faço parâmetros com a caçamba de entulho. A de São Paulo é muito mais cara. Eu fiz um projeto em Higienópolis e vi que tudo era muito mais caro que aqui [em Mogi das Cruzes]. Eu não tenho uma tabela. Eu analiso as dificuldades que eu vou ter. Às vezes uma área menor dá mais trabalho que uma maior. Cada cliente é um cliente. Cada obra é uma obra. Houve uma época em que eu tinha tabela, mas fica muito engessado.”

Rosana Ferrari segue uma tabela própria, que em alguns casos é mais alta que a tabela do IAB SP. Mas sempre tenta seguir o mínimo da tabela, observando o mercado de trabalho. A forma de cobrar varia entre metragem quadrada e horas técnicas. Yara Santucci utiliza uma planilha de custo conforme hora trabalhada ou percentagem sobre o custo final da obra.

Profissão: Arquiteta

Para estabelecer seus honorários, Barbara Bratke utiliza a tabela do IAB, calculando o custo da obra por metro quadrado e cobrando pelas horas que irá passar desenhando e, depois, pela execução.

As arquitetas estão satisfeitas com a remuneração, embora admitam as dificuldades do mercado.

2.6 – A arquitetas em publicações de periódicos especializados

A pesquisa realizadas nas edições de *Projeto Design* e *AU – Arquitetura e Urbanismo* teve como foco, num primeiro momento, a busca por arquitetas brasileiras atuantes em projetos de arquitetura/edificação executados no Brasil e publicados nesses dois veículos na década de 1990. Em seguida, conforme descrito anteriormente, foram identificadas nessas edições as profissionais cujos projetos publicados não contaram com colaboração masculina. Com esse conjunto de dados procurou-se elucidar as indagações levantadas e descritas no objetivo desta pesquisa, além de retratar e compreender o papel que a mulher arquiteta vem assumindo no mercado de trabalho nesses últimos anos.

Foram analisadas 191 edições de ambas as revistas, sendo que 42 edições (22%) não traziam nenhum projeto de edificação de autoria feminina. Foram levantados 405 projetos de edificação que contaram com a participação feminina em sua autoria, 149 deles na revista *AU* e 256 na *Projeto Design* (Apêndices A e B). Desses projetos, 20% foram elaborados somente por uma profissional feminina, 7% por equipes formadas

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

exclusivamente por mulheres, 12% por grupos que congregavam profissionais de ambos os sexos e a maioria, 61%, por duplas formadas por arquitetas e parceiros masculinos.

O fato de que mais da metade dos projetos publicados foi elaborado por profissionais de ambos os sexos em conjunto, revela que a atuação da profissional feminina em projetos de edificação ainda é condicionada, na maioria das vezes, à parceria masculina. Há porém, casos em que algumas profissionais mantêm escritório autônomo, embora estabelecendo parceria com profissionais masculinos na elaboração de somente alguns projetos. Muitas arquitetas desenvolvem sua vida profissional em escritórios de arquitetura já estabelecidos, sendo muitas vezes difícil identificá-las como autoras de projetos, na medida em que trabalham na retaguarda de escritórios geridos por homens, os quais assumem a autoria das obras. Talvez seja essa a razão de existirem poucas arquitetas, não só brasileiras como também estrangeiras, com projeção nacional e internacional.

Tal característica foi também observada décadas antes no Canadá, por Adams e Tancred. Nos anos 1920, com o objetivo de assumir uma posição respeitável e atuar na concepção de projetos de arquitetura de edificações, um grande número de arquitetas canadenses participou de projetos publicados na revista do Institut Royal d'Architecture (IRAC), principal periódico especializado do Canadá, assumindo responsabilidades secundárias ao lado de seus colegas masculinos. Porém Adams e Tancred alertam que os pesquisadores não devem considerar que as mulheres são sempre relegadas a setores marginalizados e segregados das profissões. E consideram que as especialidades ditas femininas não existem por si, elas são decorrentes de comportamentos sociais de gênero e conseqüente troca de papéis. As mulheres são freqüentemente direcionadas para outros caminhos em suas profissões. Não se pode ignorar sua potencial

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

contribuição nesses papéis secundários, mas vale ressaltar que as mulheres ocupam os espaços que os homens lhes designam (ADAMS; TANCRED, 2000).

O primeiro artigo publicado na revista do Institut Royal d'Architecture (IRAC) por uma mulher diplomada em arquitetura data dos anos 1930 e versa sobre cozinha. Nele, a arquiteta Phyllis Wilson Cook utiliza como apoio publicações de economia doméstica, preconizando um projeto funcional e racional da concepção das cozinhas, resultando em ambiente menor e mais compacto, alongado e estreito. O pequeno artigo é acompanhado da fotografia da arquiteta. Era essa a primeira vez em que uma fotografia de mulher arquiteta era publicada nessa revista. A legenda mencionava sua graduação em arquitetura (ADAMS; TANCRED, 2000).

Na opinião das arquitetas entrevistadas para o presente estudo, as publicações colaboram com a valorização de seu trabalho. Humberta Farias participa das publicações como convidada em 90% das vezes, e acrescenta que não poderia arcar financeiramente com essa atividade, nem gostaria de pagar por esse tipo de *marketing*.²³ Como resultado alcançou certa notoriedade com seu trabalho e maior divulgação de sua atividade profissional. Acredita não ser fácil ser reconhecida trabalhando fora do eixo Rio–São Paulo.

Yara Santucci se define como não sendo da “*turma da arquitetura com marca*”. No entanto, já teve projetos publicados e admite já ter contratado assessoria de *marketing* por um período de sua carreira. Acredita que a única vantagem de ter tido projetos publicados foi a valorização por

²³ Algumas publicações especializadas publicam matérias mediante pagamento, como se a participação configurasse anúncio dos projetos do autor. Acredita-se não ser este o caso das publicações aqui pesquisadas.

parte dos clientes, concluindo que o que funciona mesmo é o *marketing* “boca a boca”, ou seja, a indicação de ex-clientes.

Um projeto residencial de Barbara Bratke foi publicado em uma matéria sobre a nova geração de arquitetos na edição 76 de *AU* (fev./mar. 1998), onde a arquiteta descreve suas influências familiares e o início de sua carreira. Acredita que as publicações e suas participações em eventos de decoração não resultaram em mais projetos para seu escritório.

Rosana Ferrari, a única profissional que não foi selecionada a partir das pesquisas das duas revistas, assume que o processo para ter projetos publicados em outras revistas especializadas adveio de sua atuação na região de Jundiaí, incluindo sua participação em duas edições em um evento de decoração. Considera que as publicações resultaram em maior visibilidade de seu trabalho.

No decorrer deste capítulo foi possível comprovar a importância de se procurar entender a inserção das mulheres no mercado de trabalho de arquitetura, assim como as características de tal incorporação. Foi possível constatar que, em sua maior parte, os arquitetos do país exercem a profissão como autônomos ou empresários. O fato de que a maior parte das profissionais femininas se dedica ao campo de arquitetura de interiores, algumas vezes de modo exclusivo, revela uma identificação peculiar por esse campo de trabalho. Tal associação entre o trabalho feminino na arquitetura e a residência, assim como a decoração, foi observado não só no Brasil, mas também em outros países. As cinco arquitetas entrevistadas compartilham essas características, produzindo em seus próprios escritórios projetos de arquitetura de edificação e de arquitetura de interiores.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Diferentemente de alguns órgãos de classe internacionais que se destinam exclusivamente a profissionais femininas na área, no Brasil essas organizações não informam números precisos em relação ao gênero de seus associados. No entanto, organizam palestras e debates com o objetivo de aumentar a participação da mulher nesse campo profissional.

A partir do panorama descrito neste capítulo, emerge a necessidade de compreender de que maneira questões femininas como família e maternidade, além de discriminação e preconceito sofridos no percurso profissional, interferem na atuação da arquiteta.

**Questões femininas
no exercício da profissão**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

[...] qual o arquiteto que precisa escolher entre a carreira e a família? Exercer o direito de desenvolver seu próprio trabalho, e dispor do tempo necessário para isto, são princípios dos quais os homens nunca abrem mão. No entanto, na carreira de uma mulher, parecem grandes conquistas sociais, tema especial de discussão na sociedade contemporânea, onde a imagem feminina tende a oscilar entre aquela das profissionais estéreis e a das donas-de-casa férteis. Expectativas mais dignas e modernas proporcionariam um cenário social muito diferente. Talvez, este sim, fosse um tópico para discussão mais construtivo que, simplesmente, 'a discriminação contra as mulheres no campo da Arquitetura. (BOLOGNESI, 2002)

Uma das estratégias decorrentes da “feminização” das profissões superiores consiste em implementar tentativas de renegociação de tarefas domésticas com o parceiro, levando a certo número de ajustes domésticos e familiares. A igualdade profissional entre homens e mulheres e a manutenção da antiga divisão de trabalho doméstica e familiar, criada na sociedade industrial, tornam-se nos dias de hoje fundamentalmente incompatíveis. Essa dificuldade é gerada porque o universo das profissões em geral e o da arquiteta em particular pressupõem desigualdade entre os sexos, desigualdade essa firmada pela posição assumida pelo homem com seu trabalho (LAPEYRE, 2004).

O cenário de complica com o tradicional e cultural preconceito histórico para com as mulheres. Segundo John Ruskin¹ (1819-1900) (*apud* ADAMS; TANCREDO, 2000), o intelecto feminino não é apropriado para a invenção e a criação, e sim para a arrumação e a organização. A divisão sexual do espaço entre interiores–mulheres e exteriores–homens se observa nas mais diversas culturas, bem antes do século XIX. Como vários especialistas notaram, essa divisão continua viva. Para as meninas, costumam-se oferecer brinquedos como casinhas de bonecas; para os meninos, jogos que estimulem a comportamento empresarial (ADAMS; TANCREDO, 2000). Isso cria uma distinção que se reflete na inserção da mulher em todos os campos profissionais de forma geral, como também no campo da arquitetura e urbanismo.

3.1 – Questões femininas

No século 19 trabalhar fora de casa era algo impensável para uma mulher casada [...] Havia objeções dos maridos e da sociedade como um todo a se considerar. Esse era o principal motivo para que as feministas convictas do século 19 dispensassem o casamento. De fato, fica muitas vezes não lembramos que o movimento feminista foi uma forma de revolta contra o casamento [...] A tendência a não se casar era mais comum, como era de se esperar, entre as mulheres com uma maior formação acadêmica [...]. (COLE, 1973. p.83)²

¹ RUSKIN, John. *Sesames and lilies*. Chicago: Donahue, [s.d.].

² Tradução nossa. Texto original: "In the nineteenth century work outside the home was unthinkable for the married woman[...] there were objections from husbands and society to consider. That is why the convinced feminist of the nineteenth century often spurned marriage. Indeed, it is often forgotten that the feminist movement was a form of revolt against marriage[...] The tendency [not to marry] was most pronounced, as was to be expected, among highly educated women [...]"

No mercado de trabalho é que se torna claro o desafio das relações sociais de sexo (KERGOAT, 2002). O homem sempre é visto sob o ponto de vista meramente profissional, enquanto a mulher tem sempre uma extensão de seu trabalho nos cuidados com os filhos, desde a saúde até o desempenho escolar, e muitas vezes suas tarefas também se estendem aos demais familiares (TABET, *apud* KERGOAT, 2002).

A divisão sexual do trabalho pressupõe como masculinas as funções produtivas e também políticas, religiosas e militares, como femininas as funções reprodutivas. Tal divisão social se baseia em dois princípios organizadores:

- o princípio de separação: há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres;
- o princípio hierárquico: um trabalho de homem vale muito mais que um trabalho de mulher.

O fato de esses dois princípios organizadores serem encontrados em todas as sociedades conhecidas não quer dizer que a divisão social do trabalho seja um dado imutável. Pelo contrário, suas modalidades concretas variam muito no tempo e no espaço, como demonstraram etnólogos e historiadores (KERGOAT, 2001).

Segundo Siminoni (2008) à medida que a sociedade foi se modificando e que o casamento deixou de ser a melhor carreira profissional feminina, a mulher teve de deixar de ser sustentada, passando a buscar seu próprio sustento e, muitas vezes, o de toda a família. A esposa, companheira, mãe, doméstica, sempre colocada na retaguarda do homem, aos poucos vai se projetando como profissional combativa, roubando o

espaço que antes só era dos homens (SIMIONI, 2008). Bolognesi (2002) complementa:

De fato, a discriminação existe e é relevante, enganosa, persistente, historicamente opressiva e intelectualmente mortífera. Mas, de certo modo, as mulheres involuntariamente também alimentam essa discriminação, induzidas que são pelas demandas inerentes a sua condição de mães ou companheiras, a pedir para faltar ao trabalho por razões familiares. Pois, em determinadas situações, isto é inadequado. (BOLOGNESI, 2002)

Women in Modernism, um colóquio montado em 2007 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, procurou estabelecer uma apreciação mais positiva sobre o papel que as mulheres desempenharam na história da arquitetura. Gwendolyn Wright, historiadora de arquitetura da Columbia University, em um debate sob sua coordenação, descreveu o fenômeno como um “padrão de avanços e recuos” (OUROUSSOFF, 2008). E completa:

Os dois maiores movimentos feministas da história norte-americana – o da década de 1910 e aquele do final dos anos 60 e início dos 70 – obviamente abriram uma porção de oportunidades para as mulheres. Mas, em ambos os casos, elas também foram sucedidas por uma reação e as estatísticas de participação feminina logo voltaram a despencar. Por exemplo: quando a autoridade dos homens é ameaçada, ou quando acontece uma recessão econômica, as mulheres são as primeiras a perder seus empregos. (OUROUSSOFF, 2008)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

A inclusão da mulher no mercado de trabalho não é tarefa simples, mas é possível criar artifícios para que sua vida profissional se consolide e seja reconhecida. Uma pesquisa realizada pelo CREA-SP em 1997 mapeou alguns dados importantes sobre o posicionamento da mulher no mercado de trabalho de arquitetura em São Paulo. Entre as profissionais de arquitetura com registro no órgão, 80% concordam que a proporção das mulheres no cargo de chefia é menor que a dos homens e 73% acreditam que as mulheres têm menos oportunidades profissionais do que os profissionais masculinos, porém 55% das arquitetas acreditam existir igualdade de direitos para ambos os sexos no ambiente de trabalho (BALLARIO, 1997).

Assim, torna-se possível concluir que a mulher tem de lutar por seu espaço. Nas entrevistas com as arquitetas selecionadas, foram apontadas muitas dificuldades, incluindo discriminação machista, responsabilidades solicitadas pela família e a necessidade de superar desafios impostos para provar competência profissional a todo momento. Humberta Farias aponta:

“A maior dificuldade encontrada no meu exercício profissional (além do desafio de criar três filhos e ter escritório) foi romper preconceitos existentes à atuação feminina (na edificação de prédios multifamiliares, por exemplo). Existe um preconceito velado, enfatizado pelos colegas arquitetos e corretores imobiliários ao longo de mil anos, de que as construções projetadas por mulheres não atingem o ideal do mercado imobiliário. Hoje meu escritório entra pesado nessa concorrência, projetando para a melhor construtora da cidade [Maceió], os prédios de luxo, mas foi preciso uma luta enorme para conseguir esse crédito. E preciso me superar todos os dias para continuar no mercado.”

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Humberta acredita que em todas as profissões as mulheres entram em desvantagem e comenta que sofreu preconceito no mercado de trabalho, principalmente nos projetos imobiliários que envolvem corretores e arquitetos machistas. Embora sempre houvesse pensado na maior presença de mulheres no curso de arquitetura, hoje conclui que a dominância do sucesso no exercício profissional que é de profissionais masculinos.

Quando assumiu a presidência do IAB-SP, em 2008, Rosana Ferrari admite haver sofrido preconceito por ser mulher, por vir do interior de São Paulo (Jundiaí) e por ser formada pela PUC-Campinas, e não pelas universidades da capital do estado.

Barbara Bratke nunca sentiu dificuldades para inserir-se no mercado por ser mulher, porém acredita que a arquitetura é uma profissão masculina, não por requerer necessariamente o profissional que a exerce seja do sexo masculino, mas sim por requerer algumas características que acredita serem masculinas, como força, determinação e muita segurança para convencer o cliente. Frisa que ser arquiteto não é uma questão de ser mulher ou ser homem, mas que o profissional necessita dispor de muita força para acreditar no que propõe. Em sua opinião, a mulher busca mais segurança do que aventura, e acrescenta que essa afirmação não se baseia em nenhum tipo de preconceito da sociedade, e sim em uma característica da personalidade da mulher. A arquiteta incrementa a discussão quando comenta acreditar que a mulher tem uma visão mais detalhista e ao mesmo tempo mais prática do trabalho. Atualmente a arquiteta conta com uma estagiária e uma arquiteta recém-formada para auxiliá-la na elaboração de seus projetos. Sua experiência anterior com equipe masculina não lhe trouxe muitas vantagens. E pondera:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

“Homem ‘viaja’. Querem logo dar palpite assim que chegam. Menina é mais realista. Um veio perguntando se era pra fazer maquete de uma casinha à toa. Quando mando tirar pilares eles não tiram porque acham que não se deve.”

Yara Santucci acredita que a profissão não tem desvantagens para a mulher, mas considera que a arquitetura hoje está muito abalada, o que leva as mulheres a sentirem-se abaladas também. Aponta o machismo como uma das maiores dificuldades no decorrer de sua vida profissional:

“Machismo em obra. Peões ou engenheiros. Mas como tenho entrosamento bom com peões e sou didática, nunca tive grandes problemas com eles. Sempre foi mais complicado com o ego dos engenheiros. Eles geralmente não se sentem confortáveis seguindo ordens de mulheres, principalmente perante um cenário todo masculino. Preferem pegar o projeto e tocar sozinhos. Mas como sempre fiz questão de acompanhar as execuções dos meus projetos e tenho o perfil mais autoritário, houve sempre uma “saía justa” para eles, o que por vezes gerou desgastes.”

Solange Parada também já se sentiu discriminada no canteiro de obras, necessitando montar uma equipe de operários para trabalhar em seus projetos. E comenta um acontecimento: *“Uma vez um pedreiro falou que nem a mulher dele mandava nele. Quando eu cheguei lá [na obra], estava tudo errado”.*

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

3.2 – Parceria masculina e casamento

Antes do movimento feminista, dos anos 1960, as mulheres eram geralmente sócias e funcionárias [de escritórios de arquitetura] esquecidas cujos maridos ou patrões obtinham todo o mérito. Catherine Bauer conduziu sua energia para o planejamento e para a crítica arquitetônica enquanto seu marido, William Wurster, conseguia os melhores trabalhos. Ray Eames nunca foi tão conhecida quanto seu marido, Charles. Marion Lucy Mahony desenhou a maioria dos croquis de Frank Lloyd Wright e uma boa parte de seu mobiliário. O modelo da atualidade é o de equipes de marido-e-mulher trabalhando em conjunto, partilhando mérito e incumbências de projetos. (STRICKLAND³, *apud* LIMA, 2004, p. 153)

Ao longo do século passado, é possível notar na arquitetura muitas equipes constituídas de marido e mulher. Normalmente os maridos atraíram fama e glória, enquanto as mulheres trabalhavam em silêncio (e, alguns diriam, inteligentemente) em segundo plano (CRAVEN, [s.d.]). Outro fato comum foi que muitas profissionais iniciaram suas carreiras sendo auxiliares de grandes arquitetos. De qualquer forma, não podemos deixar de afirmar que algumas profissionais alcançaram certa notoriedade atuando dessa maneira.

Detectada a existência dessa forma de inserção no mercado de arquitetura, é possível apontar alguns fatos notórios sobre a inserção da profissional feminina na profissão, ocorridos no decorrer da história. Um artigo publicado no jornal *New York Times*, sob o título “Keeping houses not

³ STRICKLAND, Carol. *Arquitetura Comentada: Uma Breve Viagem pela História da Arquitetura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

building them” (OUROUSSOFF, 2007), descreve acontecimentos que ilustram a discriminação histórica e a conseqüente exclusão das mulheres da arquitetura. Em 1991, o arquiteto Robert Venturi recebeu o Prêmio Pritzker, o Nobel da arquitetura e nem sequer mencionou a colaboração da arquiteta Denise Scott Brown, sócia e esposa. No entanto, um breve histórico sobre a vida profissional da arquiteta demonstra que, independentemente do marido, a profissional conquistou seu espaço no mercado de trabalho de arquitetura (OUROUSSOFF, 2007).

Nascida em Nkana, na então Rodésia, em 1931, Denise Scott Brown é arquiteta, urbanista, teórica e professora da University of Pennsylvania. Ingressou na faculdade de arquitetura na África do Sul (University of the Witwatersrand) em 1948, mudando-se em 1952 para Londres, onde prosseguiu sua formação na Association School of Architecture, na qual concluiu o curso em 1955. Depois de formada, mudou-se para os Estados Unidos, onde começou a ensinar planejamento urbano em 1960, na University of Pennsylvania. Ali conheceu Robert Venturi, também acadêmico na instituição, que viria a ser seu marido. Lecionaram juntos até 1964, quando a arquiteta foi fazer parte do corpo docente da University of California em Berkeley, onde foi nomeada codiretora do Programa de Design Urbano da instituição. Ela também viria a ser professora da renomada Yale University e professora-visitante de Harvard. Em 1967, mudou-se para a Filadélfia para se integrar à empresa do marido, tornando-se responsável pela área de planejamento em 1969 (VSBA, [s.d.]).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero



Fig. 3-I -- Denise Scott Brown⁴

Outros acontecimentos citados no artigo (OUROUSSOFF, 2007) comprovam a colocação forçada da mulher em segundo plano. A história do arquiteto Ludwig Mies van der Rohe (1884-1976) considerado um dos principais nomes da arquitetura do século XX, e sua parceira Lilly Reich (1885-1947), que permaneceu desconhecida até sua morte na pobreza e no anonimato, é outro exemplo.



Figuras 3-II e 3-III - Entre as mulheres arquitetas pioneiras, figuram a irlandesa Eileen Gray (à esquerda) e a alemã Lilly Reich (à direita).⁵

⁴ Fonte: VSBA ([s.d.])

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

O episódio envolvendo o arquiteto Le Corbusier em um projeto da arquiteta Eileen Gray, no sul da França, configurou mais uma maneira de deslocar a mulher para longe da arquitetura. No projeto da residência E-1027, de 1929, que a arquiteta irlandesa fizera para si e Jean Badovici, Le Corbusier trabalhou em uma série de murais, um dos quais, executado sem autorização de Gray, desfigurou a arquitetura, em um ato de vandalismo que posteriormente foi admitido pelo próprio autor (HUGHES, 1996).

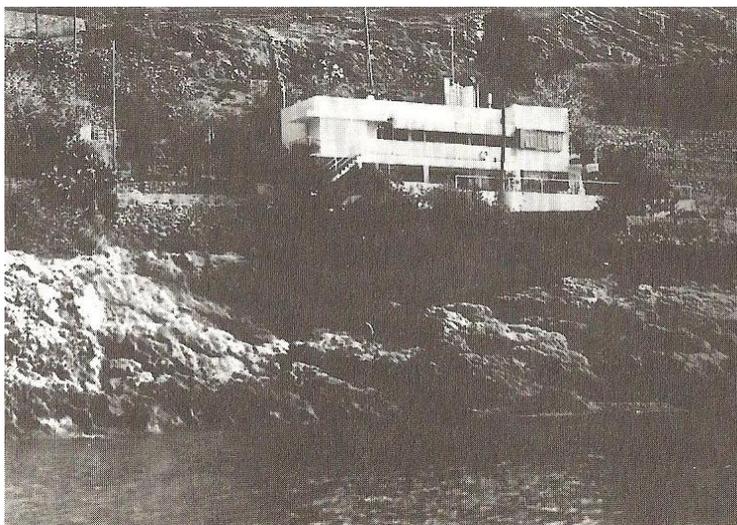


Fig. 3- IV – Eileen Gray. E-1027, Roquebrune-Cap-Martin. 1926-29. Vista do mar.⁶

⁵ Fonte: B. Abbott/Commerce Graphics. In: The New York Times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/10/31/arts/design/31woma.html?_r=2&partner=rssnyt&emc=rss>. Acesso em: 10 abr. 2008.

⁶ Fonte: Eileen Gray archives, London. In: Hughes (1996).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero



Fig. 3- V – Mural pintado por Le Corbusier, em 1938, na Casa E-1027.⁷

Outro episódio de constrangimento que contou com a participação de Le Corbusier ocorreu no início da vida profissional de Charlotte Perriand (1903-1999). A arquiteta estudou na escola da União Central de Artes Decorativas e apresentou, no Salão de Outono de 1927, na época com 25 anos, um sótão adaptado para moradia – *Bar sous le toit* ('Bar sob o teto') – que utilizava a linguagem da máquina, feito de aço e alumínio. Após ler o livro *Por uma arquitetura* escrito pelo mestre Le Corbusier, apaixonou-se ainda mais pela profissão e decidiu procurar emprego no escritório do arquiteto, onde foi recebida com ironia e humilhação. Le Corbusier mudou de opinião ao visitar o famoso projeto da *designer* no Salão de Outono, percebendo então que ela seria útil para o escritório. Perriand ali trabalhou nos dez anos seguintes, participando da criação de interiores e do *design* de mobiliários que vieram a ficar famosos. Em 1937, deixou o escritório e

⁷ Fonte: JOHNSON, J. Stewart. *Eileen Grey: designer 1879-1976*. New York, 1979. In: The New York Times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/10/31/arts/design/31woma.html?_r=2&partner=rssnyt&emc=rss>. Acesso em: 10 abr. 2008.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

continuou exercendo a profissão, nesse período voltando sua atenção para materiais mais tradicionais e formas orgânicas. A artista trabalhou no Japão e na Indochina e, em 1949, retornou à França a pedido de Corbusier (SERAPIÃO, 2004).

Algumas pesquisas buscam traçar paralelos ao estado civil das arquitetas e observar a influência desse fator em sua vida profissional. No Canadá, em 1991, uma amostragem de 2 345 arquitetas revelou que 63% eram casadas, 34% eram solteiras e 3% separadas, divorciadas ou viúvas (ADAMS, 2000). No Brasil, dos 66 256 arquitetos graduados até o ano 2000, 57,2% eram casados e 42,8% solteiros, separados, viúvos ou divorciados (FGV, 2005).

O fato de as arquitetas serem majoritariamente casadas já havia sido apontado décadas atrás. Em 1930, as arquitetas formadas na escola de Cambridge que se casavam perfaziam 60%. Tal constatação indica o início de uma mudança no padrão cultural do século XIX que pregava que um dos maiores objetivos da mulher deveria ser o de casar-se e ter filhos, ou seja, constituir família, e não se dedicar a uma profissão. Ainda assim, as mulheres que estudavam em Cambridge queriam se casar e também ter uma carreira profissional. A solução que várias delas encontraram foi casar-se com arquitetos, o que levou várias arquitetas a trabalharem com o próprio marido (COLE, 1973)

No século XIX, trabalhar fora de casa era impensável para a mulher casada [...] havia objeções dos maridos e da sociedade a levar em conta. É por isso que a feminista convicta do século XIX costumava rejeitar o matrimônio. Na verdade, com frequência se esquece que o movimento feminista foi uma forma de revolta contra o casamento [...]. A tendência [a não se casar] era mais

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

pronunciada, como seria de esperar, entre mulheres altamente instruídas [...].” (COLE, 1973, p. 83)⁸

Um aspecto curioso foi constatado por Ballario (1997): em uma amostragem de 187 arquitetas com registro no CREA-SP, mais da metade (55%) eram casadas. Dentre as 355 profissionais que trabalham na área tecnológica⁹, 23% tinham maridos que também eram registrados no sistema

Tais dados conduzem à seguinte questão: Como se constitui a colaboração das arquitetas casadas na renda familiar?

3.3 – Renda familiar

“Qualquer arquiteto(a) jovem com sérias ambições criativas, é rotineiramente cobrado a trabalhar horas sem fim em troca de uma remuneração modesta. O reconhecimento profissional e os bons cargos, encargos e contratos – caso se chegue lá –, só aparecem para os profissionais na faixa dos 50 anos – isto é, muito depois da idade-padrão para se constituir uma família. Não é surpreendente, portanto, que muitos dos mais famosos arquitetos, hoje – já na faixa dos 60 ou 70 anos – tenham dependido, substancialmente, do suporte financeiro de suas esposas, para subir na vida. Essas esposas, muitas vezes, administravam seus escritórios, cuidavam dos filhos, e sustentavam lealmente os egos dos maridos. Mas você não vai encontrar seus nomes gravados nos letreiros e nas portas de entrada dos estúdios.” (OUROUSSOFF, 2008)

⁸ Tradução nossa. Texto original: “In the nineteenth century work outside the home was unthinkable for the married woman [...] there were objections from husbands and society to consider. That is why the convinced feminist of the nineteenth century often spurned marriage. Indeed, it is often forgotten that the feminist movement was a form of revolt against marriage [...]. The tendency [not to marry] was most pronounced, as was to be expected, among highly educated women [...]”.

⁹ A amostra consistiu de 355 profissionais femininas, assim distribuídas: 187 arquitetas, 94 engenheiras civis, 89 engenheiras químicas, 26 engenheiras elétricas, 26 engenheiras mecânicas, 25 agrônomas, uma agrimensora, 10 geólogas e 35 técnicas.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

No Brasil, apenas 44% dos arquitetos são chefes de família, 29% são cônjuges, 26% são dependentes e 1% se encontram em outras situações no domicílio (FGV, 2005).

Entre as profissionais femininas registradas no CREA-SP, em pesquisa de 1997, a responsabilidade pela maior parte da renda familiar cabia ao marido; apenas 30% das arquitetas colaboravam como fonte principal de renda da família. No entanto, ao avaliarem seu próprio nível social, 53% dessas profissionais informaram ganhar exatamente o que precisavam para viver, 30% disseram não auferir o suficiente, por vezes com falta, 10% consideravam ganhar mais do que suficiente e 7% disseram ser a própria a renda muito baixa, trazendo dificuldades financeiras à família (BALLARIO, 1997).

Portanto, em alguns casos pode-se notar que para definir a escolha por essa profissão a mulher precisa fundamentalmente dispor de posição socioeconômica favorável, sem que a manutenção do nível social da família dependa exclusivamente de seu salário.

Quanto à participação na renda familiar das cinco arquitetas entrevistadas, três das quais são casadas, uma declara que sua remuneração corresponde a 50% do gasto mensal da família, sendo o restante acrescentado pelo marido; outra informa que a importância de seu salário na renda familiar sempre correspondeu a 50%, mas que depois da desaceleração profissional causada pela maternidade, tal participação caiu para 20%; a terceira, por sua vez, não mencionou qual a proporção que seus honorários assumem na renda da família. As outras duas são chefes de família, sendo uma divorciada e outra solteira com uma filha. Essas duas profissionais contam com o próprio salário para suprir 100% da renda familiar.

3.4 – Maternidade

[...] o escritório de arquitetura TAC – The Architects Collaborative[,] considerado uma raridade em sua organização coletiva e na consideração das mulheres como iguais. Dentre os sócios estavam Jean Fletcher e Sarah Harkness, egressas da Cambridge School. Com seus maridos, constituíram o escritório que adquiriria grande projeção, realizando obras importantes dentro e fora do país. Ambas puderam trabalhar meio-período, mesmo como diretoras, durante os anos em que criavam seus filhos pequenos. [...] Como Gwendolyn Wright observa, parcerias entre esposas e maridos na mesma profissão foram modelos bem sucedidos para mulheres que desejavam ter filhos, desde que os maridos entendessem ambos os conjuntos de solicitações. (WRIGHT, *apud* KOSTOF¹⁰, *apud* LIMA, 2004, p. 96)

As mulheres com atividade profissional sentem-se na obrigação de escolher entre a maternidade e a carreira. Depois de terem filhos, acreditam que se torna muito difícil crescer profissionalmente na mesma velocidade que antes. Outra dificuldade apontada é a de administrar filhos e trabalho. Casais de classe média reclamam do pouco tempo que sobra para os filhos. As mulheres americanas que não tem filhos ganham quase o mesmo que os homens, mas as que têm filhos ganham muito menos (FEMALE..., 2010).

Em um contexto em que a configuração dos papéis sociais de mulheres e homens parecem intransferíveis, em que as tarefas profissionais e familiares são executadas prioritariamente por mulheres, como podem as mulheres arquitetas articular-se diante das exigências de uma profissão artística e ao mesmo tempo técnica? Como podem as mulheres ainda

¹⁰ KOSTOF, Spiro (Ed.). *The architect: chapters in the history of the profession*. New York: OUP, 1977.

executar tarefas domésticas diante de uma profissão que tanto absorve seu tempo? É preciso muita criatividade para estabelecer uma complexa ligação entre as diversas temporalidades: tempo social, tempo profissional, familiar, doméstico (LAPEYRE, 2004).

No campo da arquitetura, nada menos que 81% das arquitetas acreditam que a legislação referente à maternidade é fator de rejeição para o emprego de mulheres (BALLARIO, 1997). Vendo-o como de fato a maior, ou talvez a única, diferença entre o profissional masculino e a profissional feminina, parece-nos oportuno incluir aqui uma abordagem especialmente voltada a esse tema: a maternidade.

Adams e Tancred (2000), entrevistando no Canadá arquitetas que interromperam a própria trajetória profissional e se desligaram dos órgãos de classe do país, observaram um aspecto comum a muitas delas: o fato de haverem parado de atuar na profissão por causa da maternidade. Tal situação é ilustrada pelos seguintes comentários:

“Não é só difícil trabalhar por causa do tempo. Difícil fica a culpa, pois eu quero ser uma boa mãe.”

“Os homens têm a facilidade de fazer seu próprio horário porque eles não têm as tarefas de uma mãe.”

“Às vezes fica difícil trabalhar porque você deixa as crianças com alguém, se organiza toda e na hora o cliente liga desmarcando a reunião.”

“Para a mulher é melhor organizar um trabalho em tempo parcial para aproveitar a maternidade e não perder as oportunidades que se oferecem em nossa profissão.” (ADAMS; TANCRED, 2000, p. 129)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

De fato, os filhos alteram a rotina profissional de qualquer mãe, como confirmam todas as profissionais entrevistadas. Rosana Ferrari tem quatro filhos, com idades de 21, 28, 31 e 32 anos, três dos quais nasceram durante a graduação. Ela contou com o suporte da família para concluir o curso e, após se formar, em 1981, decidiu dedicar-se exclusivamente à família por cinco anos, só iniciando a vida profissional depois desse período. Acredita que hoje, com os filhos criados, tem liberdade para desempenhar seu trabalho e observa que as arquitetas que atuam em seu escritório demonstram conflito por terem de se dividir entre trabalho e família.

Se por um lado a inserção como autônoma permite liberdade de horários e de escolha de projetos, por outro impede a profissional de usufruir plenamente a licença-maternidade. É o que comenta Humberta Farias, que lembra haver achado muito difícil ter três filhos, hoje com 29, 25 e 21 anos, sem direito a esse benefício, o que a obrigou a sair da maternidade para a prancheta, alternando trabalho com amamentação. Acrescenta que a divisão dos serviços domésticos não existe e que para as mulheres profissionais de sua geração na realidade foram somadas às tarefas domésticas as responsabilidades da profissão, levando-as a assumir responsabilidades em dobro, com dificuldade de conciliar as duas funções.

Barbara e seu marido optaram por não ter babá, e por isso os primeiros dois anos do único filho do casal custaram a ela uma menor dedicação à profissão, o que veio ocasionar dificuldades financeiras à família. Com as restrições a seus horários para reuniões com clientes, ficou impossibilitada de assumir compromissos às noites e aos sábados. Apesar das dificuldades, acredita que o mais importante é ser do que ter, e defende que mais importante do que ser arquiteta é ser mãe e formar o filho.

Profissão: Arquiteta

Yara Santucci também defende ser necessário priorizar a maternidade à profissão e considera ser possível encarar a diminuição do ritmo nessa fase da vida como um recuo estratégico para analisar onde errou, aproveitando para se reciclar. Esse recuo permite perceber que algumas coisas não funcionam mais. Admite que a maternidade influenciou totalmente sua vida profissional, levando-a optar por diminuir drasticamente sua atuação depois do nascimento do único filho, há quatro anos, situação que prossegue até hoje.

Neste capítulo foi possível observar como algumas questões femininas exercer impacto sobre a vida profissional das arquitetas. Embora a discriminação ainda exista, a cada ano pode tender a atenuar-se, como resultado do grande número de mulheres que se inserem na profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que então existem pouquíssimas mulheres titulares de escritórios de Arquitetura, mesmo tendo idêntica capacitação profissional? A resposta triste não tem nada a ver com capacidade nem criatividade.

Também não tem nada a ver com a pretensa autoridade de um homem para dirigir uma empresa, discutir com clientes, etc.

O que impede que mulheres ocupem mais posições de direção em escritórios de Arquitetura (ou em outras empresas) é a sua menor disponibilidade de tempo. Em geral, quando alguém atinge uma posição profissional, já tem no mínimo 30 anos – pois bem, essa é justamente a idade em que as mulheres casadas têm filhos pequenos, filhos na escola, casa montada, etc. e esse período dura no mínimo 20 anos. Aí, com 50 anos, ninguém começa mais nada em nosso país. Aliás, aqui não se contratam pessoas com menos de 25 porque não tem experiência, nem com mais de 35, porque tem experiência demais. A faixa de escolha é extremamente restritiva para quem quer trabalhar. Então profissionais mulheres extremamente capazes serão sempre funcionárias, mas raramente titulares de escritórios de arquitetura, ainda que possuam todas as qualidades técnicas e criatividade para isso.

O pior é que as mulheres no Brasil aceitam essa condição machista, e mesmo em casos típicos onde sejam mais criativas, mais capazes e melhor remuneradas que os maridos, são elas que perdem tempo, levando filhos na escola. Nos países desenvolvidos, a norma é muito objetiva: o que ganha menos é que faz isso e ponto final. (TEPERMAN, 1994)

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longa citação de Teperman focaliza a questão relativa ao pouco tempo disponível às arquitetas que são esposas e mães para se dedicarem à profissão, e aponta que essa falta de tempo é o motivo que define a posição das arquitetas, majoritariamente como funcionárias ou colaboradoras, muito raramente assumindo a posição de titulares de escritórios de arquitetura e autoras de projetos, ainda que possuam plena capacidade intelectual para isso.

No decorrer desta dissertação, a partir da análise do gênero dos egressos de duas escolas de arquitetura brasileiras (FAU-USP e FAU-UFRGS), foi possível comprovar que atualmente as mulheres estão de fato ingressando em peso nessa profissão. Para melhor evidenciar esse fenômeno, utilizaram-se também os conteúdos de entrevistas realizadas com cinco arquitetas selecionadas, os quais foram analisados à luz da literatura disponível sobre o tema. Tal análise permitiu constatar que a identificação feminina por essa profissão pode se configurar inicialmente a partir do novo papel social assumido pelas mulheres no mercado de trabalho em geral, mas que, no caso da arquitetura, pode em alguns casos haver ocorrido influência do desinteresse dos homens por esse campo de trabalho, em razão da instabilidade econômica da profissão, abrindo-se, assim, espaço profissional para a atuação das mulheres. Também podem haver influído nessa escolha a admiração das mulheres pelas artes e a proximidade entre a arquitetura e a decoração, aspectos esses mais próximos ao universo feminino, na visão das arquitetas entrevistadas.

Se a arquitetura é uma profissão com que as mulheres se identificam e se as escolas de arquitetura estão vertendo no mercado um grande número de profissionais femininas, a questão sobre pouquíssimas mulheres

CONSIDERAÇÕES FINAIS

estarem se destacando no mercado de trabalho de arquitetura permanece sem resposta clara.

A maioria dos profissionais da área de arquitetura se insere no mercado de trabalho atuando como autônomos ou empresários, em seus próprios escritórios. Segundo as arquitetas entrevistadas, seu posicionamento no mercado de trabalho de arquitetura seguiu a mesma tendência e sua inserção como autônomas ou empresárias decorreu de motivos que incluem a liberdade de escolha dos projetos a serem elaborados e independência profissional. Outro fator por elas apontado é a própria personalidade, com características empreendedoras, além da possibilidade de auferirem renda mais elevada que o salário mínimo de arquitetos assalariados, adotado nos escritórios do setor. Cabe ainda lembrar que os escritórios de arquitetura atualmente trabalham com equipes enxutas, o que minimiza o número de empregos disponíveis.

Quanto ao campo de atuação, constata-se que o trabalho feminino na arquitetura é predominantemente associado à residência e à arquitetura de interiores. Isso, por sua vez, conduz às seguintes questões: A mulher realmente se identifica com esferas mais “internas” e “privadas”, como a coordenação do trabalho em escritórios e a produção de projetos de arquitetura residencial e de interiores? O campo de atuação das áreas de *design* e interiores seria o de mais fácil acesso à participação das mulheres no mercado de trabalho, comparado com o campo de arquitetura e urbanismo? Em termos do desempenho de papéis principais e secundários, porém, cabe perguntar, com base em Adams e Tancred (2000), sobre quais que critérios seria coerente adotar para afirmar se um gigantesco projeto de obra pública seria mais relevante que o desenho de uma habitação? Muito embora as especialidades masculinas tendam a ser vistas como principais, a

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

CONSIDERAÇÕES FINAIS

diversidade de contribuições profissionais é interdependente (ADAMS; TANCREDO, 2000)

Questões femininas, como focaliza o Capítulo 3, exercem impacto sobre a vida profissional de qualquer mulher. As arquitetas reconhecem que a discriminação ainda existe nessa área, embora haja esperança de que a cada ano isso se atenua, em virtude do grande número de mulheres que se inserem no mercado de trabalho de arquitetura e urbanismo. O real impacto desse fato ainda necessitará ser investigado dentro de alguns anos.

A maternidade pode ser vista como a característica que mais evidencia a diferença entre profissionais femininos e masculinos, em todos os campos de trabalho. Na arquitetura, para poderem lidar simultaneamente com carreira profissional e família, algumas profissionais encontraram uma forma peculiar de atuação: o estabelecimento de parcerias com sócios masculinos ou, em alguns casos, com o próprio marido arquiteto. Essa forma de inserção é constatada não só no mercado nacional de arquitetura, mas também no internacional, algumas vezes visando uma jornada de trabalho adaptada às necessidades dos filhos e facilitando o cumprimento das responsabilidades advindas da família. Mesmo não sendo possível afirmar que esse motivo seja comum a todas as arquitetas que optaram por essa forma de inserção, esta talvez não seja uma solução ideal para arquitetas que desejam sobressair-se profissionalmente, já que pode levá-las a participar de projetos somente como colaboradoras, e não como autoras. Ouroussoff (2008) pergunta se as parcerias profissionais entre marido e mulher, trabalhando lado a lado em frente ao computador, poderiam ajudar a mulher a lutar seriamente para conseguir atuar por conta própria, com resultante independência financeira em relação ao marido? Seria esta uma forma profissionalmente interessante para a mulher atuar nesse mercado? A

CONSIDERAÇÕES FINAIS

parceira masculina de fato facilita a inserção feminina no mercado trabalho de produção de projetos de edificação?

Além das necessidades reais que a mulher passa a ter, e pelas quais se torna responsável, ao se ter um filho, é preciso levar em conta que, culturalmente, o preconceito é uma característica antiga. No século XIX, no Brasil, quanto mais a mulher se aventurava a fazer tarefas que competiam aos homens, mais valorizada era a maternidade, “que deixava de ser uma função individual restrita à família, para ser uma função social” (MOTT¹, *apud* SIMIONI, 2008, p. 64) e até de âmbito nacional, por se atribuir às mulheres o potencial de formadoras de futuros cidadãos. Tais aspectos históricos por muito tempo impediram às mulheres o exercício de atividades que não estivessem restritas à maternidade. À medida que a sociedade passou por transformações e que o casamento deixou de ser visto como a melhor carreira profissional feminina, a mulher teve de deixar de ser sustentada, passando a buscar seu próprio sustento e, muitas vezes, o de toda a família. Assim, a esposa, companheira, mãe, doméstica, sempre colocada na retaguarda do homem, aos poucos vai se projetando como profissional combativa, roubando o espaço que antes só pertencia aos homens (SIMIONI, 2008). Talvez por razões culturais, as mulheres ainda hoje se deparam com discriminação salarial, já que muitas profissionais com a mesma capacidade intelectual ganham menos que os homens que ocupam os mesmos cargos.

Nesse contexto, e pelo fato de esses acontecimentos serem historicamente ainda tão próximos dos dias atuais, há quem não acredite que mudanças relevantes e duradouras venham a ocorrer a curto prazo:

¹ MOTT, Maria Lucia de Barros. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). *Cadernos Pagu*, Campinas, n.16, 2001, p. 228.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, há poucos motivos para esperar que esta situação melhore no curto prazo. As esmagadoras pressões financeiras e de prazos que incidem sobre os arquitetos não mudaram muito, nem tampouco o chauvinismo que as mulheres devem administrar, desde as advindas dos escritórios dos empreendedores até aquelas oriundas dos canteiros de obras. (OUROUSSOFF, 2008)

No entanto, segundo Rosana Ferrari, entrevistada para a presente pesquisa, *“em qualquer mercado de trabalho, a mulher deve sempre colocar-se com competência e profissionalismo. O respeito deve ser construído”*. E Humberta Farias finaliza com o seguinte conselho:

“É isso aí, Flávia. E sabia que segundo os ‘especialistas’ no assunto [em relação a preconceito] não podemos despertar esse assunto do preconceito porque corremos o risco de aumentar os adeptos adormecidos? Temos que fazer de conta que ele não existe e partir para a guerra. Foi o que fiz e deu certo. Pense sobre isso...”

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

REFERÊNCIAS

ABEA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO. *Informações gerais*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.abea-arq.org.br/?class=Textos&method=onListar&tipo=InformacoeszsGerais>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

ADAMS, Annmarie; TANCRED, Peta. *L'architecture au feminine: une profession a redéfinir*. Toronto: University of Toronto, 2000.

AFONSO, Alcilia. *A atuação da mulher na arquitetura*. 18 jan. 2008. Disponível em: <<http://kakiafonso.blogspot.com/2008/01/atua-da-mulher-na-arquitetura.html>>. Acesso em 18 jan. 2008.

AIA – American Institute of Architects. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.aia.org/index.htm>> Acesso em: 16 dez. 2007.

ALVES, Gláucio. O papel da mulher na arquitetura moderna é tema de palestra. *Boletim eletrônico Unicap*, Universidade Católica de Pernambuco. 2008. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom2/boletim/2008/marco/boletim_04.03.2008.html>. Acesso em 4 fev. 2009.

ARCOWEB - SITE OFICIAL DA REVISTA PROJETODESIGN. [s.d.]. Disponível em: <www.arcoweb.com.br>.

AWA – ASSOCIATION FOR WOMEN IN ARCHITECTURE. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.awa-la.org/>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

BALLARIO, Célia. *A mulher e o mercado de trabalho*. São Paulo: CREA-SP, 1997.

BASSETTE, Fernanda. Arquiteto domina desde o projeto até a decoração de uma edificação. *G1 – O portal de notícias da Globo*. 23 jan. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL1840-5604-2894,00.html>>. Acesso em 21 maio 2009.

BOLOGNESI, Cecília. Arquitetura feminina. *Vivercidades*. 3 maio 2002. Disponível em: <http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Fday=&from%5Fmonth=&from%5Fyear=&infoid=126&query=advsearch&search%5Fby%5Fauthorname=Cecilia+Bolognesi&search%5Fby%5Ffield=tax&search%5Fby%5Fheadline=false&search%5Fby%5Fkeywords=any&search%5Fby%5Fpriority=all&search%5Fby%5Fsection=all&search%5Fby%5Fstate=all&search%5Ftext%5Foptions=all&sid=5&submit=Consultar&text=&text2=&to%5Fday=&to%5Fmonth=&to%5Fyear=>>. Acesso em: 2 jul. 2009.

BRASIL. Ministério do Trabalho. *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)*. Brasília: TEM, 2002.

BRATKE, Barbara. O grande laboratório: a própria vida. *Revista Arquitetura e Urbanismo – AU*, ed. 76, fev. 1998. p.64.

CAMPOS, Ana Cristina; LEUZINGER, Bruno; RAMIREZ, Carolina; KWON, Lidia; VENTURA, Marcelo; VIELICZKO, Miguel; ESPINA, Ricardo; PEIXOTO, Rubiana; LEITHBRIDGE, Tiago; SEGALLA, Vinicius. Aprenda com os vencedores. *Veja*, 4 jun. 2003, p. 70-79.

CARVALHO, Maria Helena de. *Pesquisa no CREA-RJ mostra crescimento da participação da mulher*. 12 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.confea.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8885&pai=8&sid=10&sub=nil>>. Acesso em: 4 abr. 2010.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

REFERÊNCIAS

- CRAVEN, Jackie. *Where are the women architects? Great names and forgotten women in architecture and design*. 2010. Disponível em: <<http://architecture.about.com/cs/architectsmasters/a/womenarchitects.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2010.
- CREA-RJ – CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: < <http://www.crea-rj.org.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2009.
- COLE, Doris. *From tipi to skyscraper: a history of women in architecture*. Boston: [s.n.], 1973.
- CONFEA – CONSELHO FEDERAL DA ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA. 2009. Disponível em: <www.confea.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2009.
- DADOS sobre a carreira de arquitetura e urbanismo, 2007. *G1 – O portal de notícias da Globo*, 23 jan. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/0,,1IF2123-5604,00-DADOS+SOBRE+A+CARREIRA+DE+ARQUITETURA+E+URBANISMO.html>>. Acesso em: 26 maio 2010.
- DROSTE, Magdalena. *Bauhaus*. Alemanha. Taschen, 1992.
- DURAND, J.C.G. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ESPECIAL 30 anos. O nascedouro de uma revista. Boletim ARCOWEB, 2007. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/especiais/especial-30-anos-projeto-ocupou-30-03-2007.html>> Acesso em: 09 jan. de 2009.
- FEMALE Power. *The Economist*. London, 2 jan. 2010. p. 49.
- FGV – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia. Retornos da educação no mercado de trabalho. 2005. Disponível em: <<http://www4.fgv.br/cps/simulador/quali2/>>. Acesso em: 8 jan. 2010.
- FRAGA, Olivia. 2009. Uma idéia do moderno. *O Estado de São Paulo*, 22 mar. 2009, caderno Casa, p. 6-11.
- GUEDES, Joaquim. *AU 20 anos*. Boletim PINIWEB AU – Arquitetura e Urbanismo, 2005. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22210-1.asp>>. Acesso em: 12 abr. 2009.
- HUGHES, Francesca. (Ed.) *The architect: reconstructing her practice*. Cambridge (Massachussets, USA) / London (England): The MIT Press, 1996.
- IAB – INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Instituto de Arquitetos do Brasil*. MCMXXI. Rio de Janeiro: IAB, [s.d.]. Arquivo fornecido pelo IAB-SP em 1 jun. 2010.
- IAB – INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Pequeno Histórico do IAB-SP*. São Paulo: IAB, [s.d.]. Arquivo fornecido pelo IAB-SP em 1 jun. 2010.
- IAWA – INTERNATIONAL ARCHIVE OF WOMEN IN ARCHITECTURE. Disponível em: <<http://spec.lib.vt.edu/IAWA>>. Acesso em: 22 mai. 2009.
- KERGOAT, Danièle de. A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão. Tradução de Alain François. *Pro-posições*, revista da Faculdade de Educação – Unicamp, v. 13, n. 1, p. 50, jan./abr. 2002.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

REFERÊNCIAS

LAPEYRE, Nathalie. Les femmes architectes: entre créativité et gestion de la quotidienneté. *Empan*, n. 53, p. 48-55, jan. 2004.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1999.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Reverendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista* – Tese (doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

MANUAL do participante. Semana Oficial da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia (SOEAA), 61.; Congresso Nacional dos Profissionais (CNP), 5. Disponível em: <http://www.soeaa.org.br/61_soeaa/_pdf/manual_participante_01.pdf>. São Luís: SOEAA/CNP, 2004. Acesso em: 23 jun. 2006.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de; PERPÉTUO, Maini de Oliveira. *Setenta e cinco anos da primeira escola de arquitetura do Brasil*. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. 2004.

ORNELAS, Melissa. *O olhar feminino para a tecnologia*. 2010. Disponível em: <<http://www.crea-pi.org/noticias/ler/162>>. Acesso em: 4 abr. 2010.

OUROUSSOFF, Nicolai. Keeping houses not building them. *The New York Times*, 31 out. 2007. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/10/31/arts/design/31woma.html?_r=2&partner=rssnyt&emc=rss>. Acesso em: 10 abr. 2008.

OUROUSSOFF, Nicolai. Donas de casa, sim; arquitetas, não. Tradução de Mauro Almada. *Vivercidades*. 2008. Disponível em: <http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1311&sid=5&tpl=printerview>. Acesso em: 15 dez. 2008. Título original: Keeping houses not building them.

PEQUENO histórico do IAB-SP. Arquivo fornecidos pelo Instituto de Arquitetos do Brasil São Paulo em 1 jun. 2010.

PINIWEB - Site oficial da revista AU – Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br>>.

RETORNOS da educação no mercado de trabalho – Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas - FGV, 2005. Disponível em: <<http://www4.fgv.br/cps/simulador/quali2/>>. Acesso em: 8 jan. 2010.

SALVATORI, Elena. *Análise crítica das relações entre o campo profissional da arquitetura e o âmbito acadêmico de formação de arquiteto no Brasil: questões de gênero no campo profissional da arquitetura*. 22 jun. 2003. Disponível em: <[WWW.iab-rs.org.br/colunasartigo.php?art=14](http://www.iab-rs.org.br/colunasartigo.php?art=14)>. Acesso em: 25 abr. 2006.

SALVATORI, Elena. Arquitetura no Brasil: ensino e profissão, 2008. *Arquitetura*, v. 4, n. 2, p. 52-77, jul./dez. 2008.

SALVATORI, Elena. De arquitetura e gênero no Rio Grande do Sul. *Conselho em Revista – CREA-RS*, Porto Alegre, p. 27, 31 jul. 2009.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

REFERÊNCIAS

- SEGNINI, Francisco. *A prática profissional do arquiteto em discussão*. Tese (doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 2002.
- BRASIL. Senado Federal. *Portal O Senado*. Secretaria de arquivos – SARQ. Publicações. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/senado/secretarias/arquivo/publicacoes.asp>>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- SERAPIÃO, Fernando. Mulheres, cadeiras e almofadas bordadas. *Projetodesign*, n. 297, nov. 2004.
- SILVA, Fabio. Profissões: Arquiteto faz mais do que casas. *Folha de S. Paulo*, 11 out. 2001.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo, EdUSP, 2008.
- SOEAA – SEMANA OFICIAL DE ENGENHARIA, DA ARQUITETURA E DA AGRONOMIA, 67. *Programação*. Disponível em: <<http://soeaa.com.br/programacao.php>>. Acesso em: 7 jul. 2010.
- TEPERMAN, Sérgio. Criatividade na arquitetura. Palestra Instituto para o Desenho Avançado – IDEA, Clube das Ideias, em 28 nov. 1994. Disponível em: <<http://www.idea.org.br/programas/01.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2006.
- TOQUE feminino. Mercado de Trabalho. Mulheres da Construção. PiniWeb. 24 ago. 1998. Disponível em: <<http://www.piniweb.com.br/construcao/noticias/toque-feminino-86208-1.asp>>. Acesso em: 4 fev. 2009.
- TOY, Maggie. *The architect: women in contemporary architecture*. New York: Watson-Guptill, 2001.
- UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Comemoração dos 50 anos*. Disponível em: <http://www.arquitetura.ufba.br/50anos_faufba.pdf/>. Acesso em: 15 abr. 2010.
- UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Institucional*. Disponível em: <<http://www.fau.ufrj.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/arquitetura/>>. Acesso em: 15 abr 2010.
- UNIVERSIDADE MACKENZIE. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Histórico*. 2010. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/1716.html?&L=0>>. Acesso em: 16 jun. 2010.
- USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/fau/index.html>>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- VSBA – VENTURI, SCOTT BROWN AND ASSOCIATES, ARCHITECTS AND PLANNERS. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.vsba.com>> Acesso: em 12 maio 2009.
- WOLF, José. Uma história para celebrar, rever e relembrar. *Revista AU- Arquitetura e Urbanismo*. Edição 137, ago 2005.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Planilha de dados pesquisados da revista

AU- Arquitetura e Urbanismo

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE A

Histórico da revista AU - Arquitetura e Urbanismo

"Seus traços mais fortes são a abertura do pensamento crítico recente e a capacidade de inventar-se e expandir-se em novas formas de comunicação e apoio à produção do ambiente construído no Brasil." ¹ Mário Sérgio Pini, idealizador da revista AU- Arquitetura e Urbanismo.

Idealizada em meados dos anos 80 pelo arquiteto Mário Sérgio Pini com apoio de seu pai, Sérgio Pini, a Revista AU - Arquitetura e Urbanismo surgiu segundo o arquiteto Joaquim Guedes: "[...] num momento de muitas transformações políticas e esperanças de nossa sociedade, que comemorava a alvorada da Nova República." (GUEDES, 2005)

Desde seu lançamento em janeiro de 1985, até os dias atuais, essa publicação bimestral é direcionada ao profissional de arquitetura e urbanismo, com abordagem especializada e crítica.

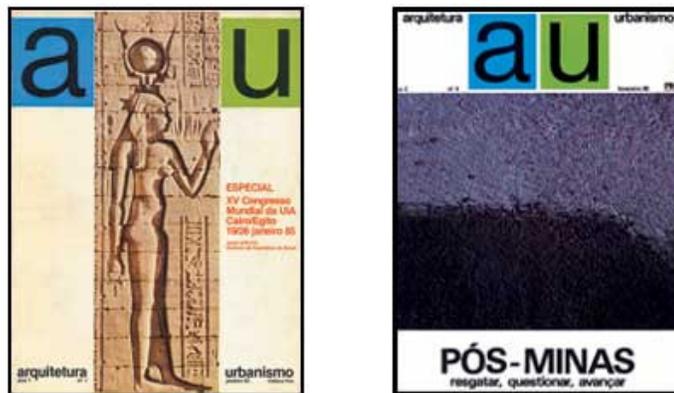


Fig. A-I - Capas da revista AU, das edições 1 e 4 (esta criada por Carlos Fajardo)²

¹ PINI, Mario Sérgio. *Apud*: GUEDES, 2005.

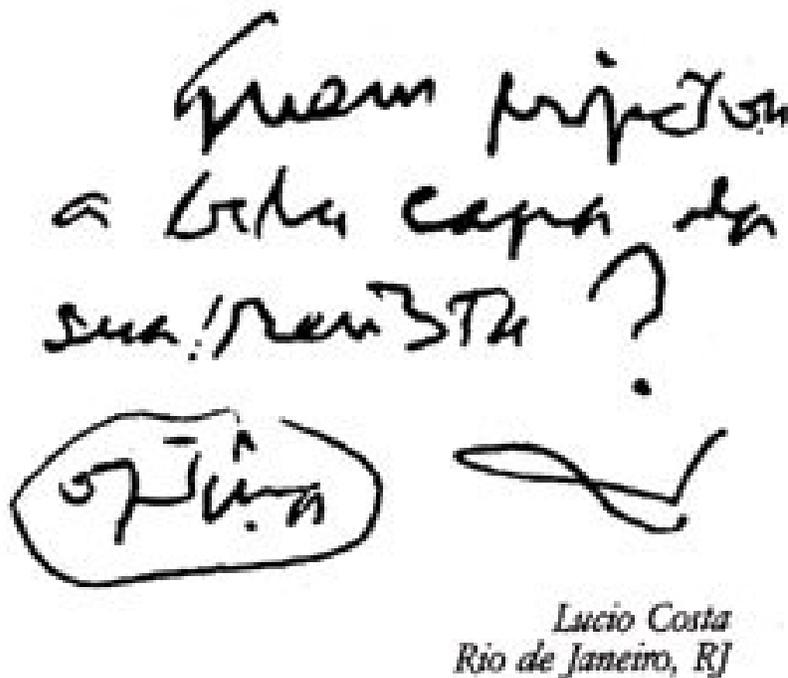
² Fonte: PINIWEB AU – Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22205-1.asp>> Acesso em 12 abr. 2009.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE A

Até a décima quinta edição, AU publicou edições temáticas sobre: Brasília, habitação, ensino, Amazônia, patrimônio, lazer, Le Corbusier e Niemeyer, dentre muitos outros temas. As capas eram elaboradas especialmente para cada edição por artistas plásticos brasileiros, como Fajardo, Sérgio Ferro, Ermelindo Nardin, Negreiros, José Rezende e Paulo Chaves.



Quem projeta
a bela capa da
sua revista?

Lucio Costa
Rio de Janeiro, RJ

Fig. A-II - Bilhete de Lucio Costa à redação de AU em que elogia a capa das primeiras edições da revista.³

³ Fonte: PINIWEB AU – Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22205-1.asp>> Acesso em 12 abr. 2009.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE A

Na 5ª Bienal Mundial de Arquitetura da Bulgária, a revista recebeu a medalha de prata, em 1985.

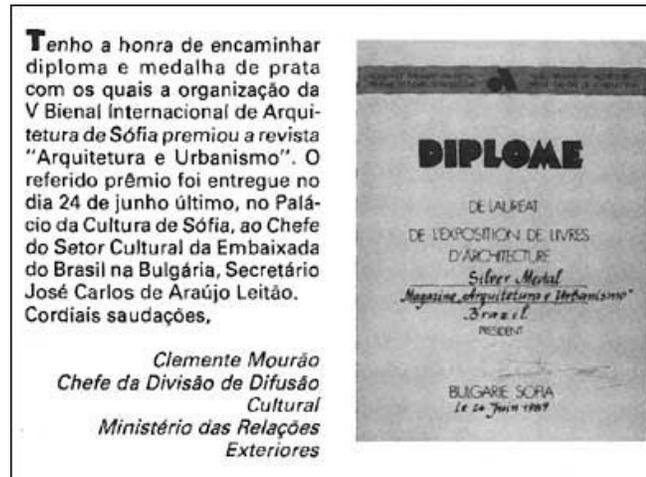


Figura A-III - Mensagem e diploma enviados à redação do prêmio conferido à AU na 5ª Bienal Mundial de Arquitetura, na Bulgária.⁴

Rompendo o eixo cultural Rio- São Paulo, a sexta edição de AU vai ao Nordeste. Na capa, a chamada A grande festa anuncia os outros sotaques e linguagens, regionais e locais, da produção arquitetônica moderna brasileira. Para começar, a Bahia. A partir desse filão, vêm reportagens especiais sobre a arquitetura pernambucana, em AU 21, da Paraíba, no número 79, e de Alagoas na edição 85 [...]. Mais tarde, outras regiões do País são contempladas.(WOLF, 2005)⁵

Para coleta de dados para esta pesquisa, conforme explicitado anteriormente, no sentido de identificar as arquitetas com projetos publicados, foram pesquisadas as publicações da revista *AU- Arquitetura e Urbanismo* no período de 1991 a 2001, ou seja a partir das edição 33 até a

⁴ Fonte: PINIWEB AU – Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22205-1.asp>.> Acesso em 12 abr. 2009.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE A

edição 68. A tabela D abaixo, se refere a esse período e os exemplares onde se encontram projetos de autoria de mulheres estão assinalados em cinza.

TABELA A-IV
EDIÇÕES PESQUISADAS DA REVISTA AU⁶

	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
1991	33		34		35		36		37		38	
1992	39		40		41		42		43		44	
1993	45		46		47		48		49		50	
1994	51		52		53		54		55		56	
1995	57		58		59		60		61		62	
1996	63		64		65		66		67		68	
1997	69		70		71		72		73		74	
1998	75		76		77		78		79		80	
1999	81		82		83		84		85		86	
2000	87		88		89		90		91		92	
2001	93		94		95		96		97		98	

⁶ As edições que foram encontrados projetos de edificação com autoria de profissionais femininas encontram-se grifadas em cinza na tabela A-IV. Sendo assim, em um total de 66 edições de Arquitetura e Urbanismo pesquisadas 24% não publicaram projetos com autoria feminina.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE A

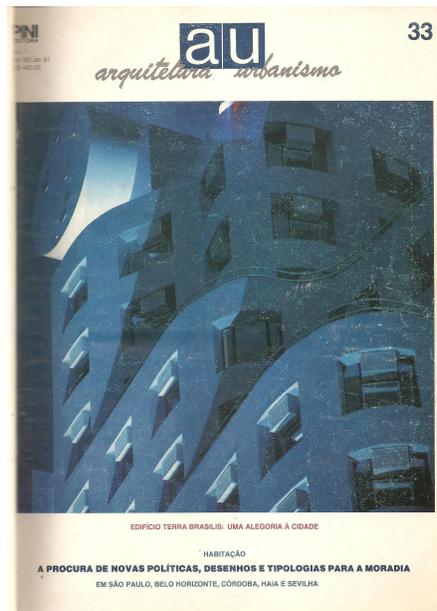


Fig. A-V - Capa da primeira Revista AU pesquisada, edição 33, dez/jan 1991.⁷

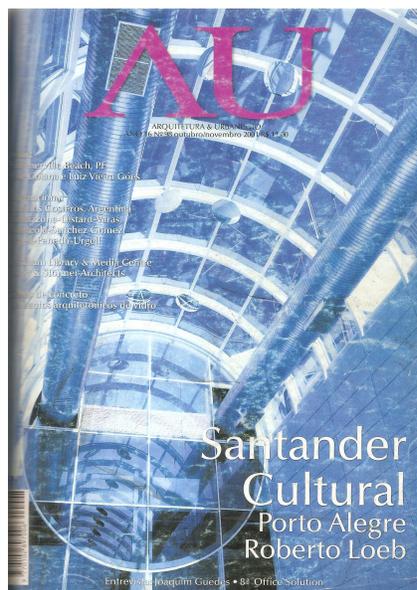


Fig. A-VI - Capa da última Revista AU pesquisada, edição 98, out/nov 2001.⁸

⁷ Fonte: Revista AU - Arquitetura e Urbanismo, edição 33, dez/jan 1991.

⁸ Fonte: Revista AU - Arquitetura e Urbanismo, edição 98, out/nov 2001.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
33	DEZ/JAN	90/ 91	72	CONJUNTO HABITACIONAL	SP		EDNA JOSÉ NAGLE, ROSE BORGES	LUIS ESPALLARGAS, ANGELO CECCO JR.		
			74	CONJUNTO HABITACIONAL	SP		EDNA JOSÉ NAGLE, ROSE BORGES	LUIS ESPALLARGAS, ANGELO CECCO JR.		
34	FEV/MAR	1991		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
35	ABR/MAI	1991	32	FACULDADE	SP	1990	SILVIA F. ALVES	BENNO PERELMUNTTER, MARCIEL PEINADO, PAULO CELSO M DE SALES		
36	JUN/ JUL	1991		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
37	AGO/SET	1991		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
38	OUT/NOV	1991		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
39	DEZ/ JAN	91/ 92	24	ESCOLA	SP	1991	RIZZA PAES CONDE	LUIZ PAULO CONDE, MAURO NEVES NOGUEIRA, MARCOS MORAES DE SÁ.	LUIZ PAULO CONDE	
			39	ESCOLA	SP	1989	ANNE MARIE SUMNER	LUIS ESPALLARGAS		
40	FEV/MAR	1992	14	RESIDENCIA	SP	1992	MARIA CLARA BATALHA	GILBERTO BELLEZA		
			20	DIVERSOS	-	-	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
			84	RESIDENCIA	SP	1983	LUCIA NOEMI HAMBURGER, RENATA SEMIN, MARCIA REGINA BUNEMER, ANA CECILIA M. DE ARRUDA CAMPOS, SILVIA ROCHA IPPOLITO, MARCIA SIMONSEN PORTO	JOAO PAULO TAVARES BEUGGER, JOSÉ ARMENIO DE BRITO CRUZ , CLEONIR JOSÉ VIGNA, SERGIO KIPNIS, MARCO ALFREDO MENDES ALDRIGHI	PIRATININGA ARQUITETOS ASSOCIADOS	RENATA SEMIN FORMADA FAU USP 1982
			84	ESCRITORIO	SP	1984	LUCIA NOEMI HAMBURGER, RENATA SEMIN, MARCIA REGINA BUNEMER, ANA CECILIA M. DE ARRUDA CAMPOS, SILVIA ROCHA IPPOLITO, MARCIA SIMONSEN PORTO	JOAO PAULO TAVARES BEUGGER, JOSÉ ARMENIO DE BRITO CRUZ , CLEONIR JOSÉ VIGNA, SERGIO KIPNIS, MARCO ALFREDO MENDES ALDRIGHI	PIRATININGA ARQUITETOS ASSOCIADOS	RENATA SEMIN FORMADA FAU USP 1982
40			84	FAZENDA	SP	1987	LUCIA NOEMI HAMBURGER, RENATA SEMIN, MARCIA REGINA BUNEMER, ANA CECILIA M. DE ARRUDA CAMPOS, SILVIA ROCHA IPPOLITO, MARCIA SIMONSEN PORTO	JOAO PAULO TAVARES BEUGGER, JOSÉ ARMENIO DE BRITO CRUZ , CLEONIR JOSÉ VIGNA, SERGIO KIPNIS, MARCO ALFREDO MENDES ALDRIGHI	PIRATININGA ARQUITETOS ASSOCIADOS	RENATA SEMIN FORMADA FAU USP 1982
			84	AEROPORTO	SP	1988	LUCIA NOEMI HAMBURGER, RENATA SEMIN, MARCIA REGINA BUNEMER, ANA CECILIA M. DE ARRUDA CAMPOS, SILVIA ROCHA IPPOLITO, MARCIA SIMONSEN PORTO	JOAO PAULO TAVARES BEUGGER, JOSÉ ARMENIO DE BRITO CRUZ , CLEONIR JOSÉ VIGNA, SERGIO KIPNIS, MARCO ALFREDO MENDES ALDRIGHI	PIRATININGA ARQUITETOS ASSOCIADOS	RENATA SEMIN FORMADA FAU USP 1982
			84	RESIDENCIA	SP	1990	LUCIA NOEMI HAMBURGER, RENATA SEMIN, MARCIA REGINA BUNEMER, ANA CECILIA M. DE ARRUDA CAMPOS, SILVIA ROCHA IPPOLITO, MARCIA SIMONSEN PORTO	JOAO PAULO TAVARES BEUGGER, JOSÉ ARMENIO DE BRITO CRUZ , CLEONIR JOSÉ VIGNA, SERGIO KIPNIS, MARCO ALFREDO MENDES ALDRIGHI	PIRATININGA ARQUITETOS ASSOCIADOS	RENATA SEMIN FORMADA FAU USP 1982

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
40	FEV/MAR	1992	88	EDIFÍCIO RESIDENCIAL	SP	1987	LUCIA NOEMI HAMBURGER, RENATA SEMIN, MARCIA REGINA BUNEMER, ANA CECILIA M. DE ARRUDA CAMPOS, SILVIA ROCHA IPPOLITO, MARCIA SIMONSEN PORTO	JOAO PAULO TAVARES BEUGGER, JOSÉ ARMENIO DE BRITO CRUZ , CLEONIR JOSÉ VIGNA, SERGIO KIPNIS, MARCO ALFREDO MENDES ALDRIGHI	PIRATININGA ARQUITETOS ASSOCIADOS	RENATA SEMIN FORMADA FAU USP 1982
			90	EDIFÍCIO COMERCIAL	SP	1990	RITA DE CASSIA ALVES VAZ, CHRISTINA DE CASTRO MELLO		TEUBA ARQUITETURA	
41	ABR/MAI	1992		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
42	JUN/ JUL	1992	17	CONDOMINIO	SP	1992	EDNA NAGLE	ANGELO CECCO JR., LUIS ESPALLARGAS GIMENEZ		
			87	HOTEL	MG	1990	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY	A&M ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1975
			87	EMPRESARIAL	MG	1986	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY	A&M ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1975
42			87	RESIDENCIA	MG	1984	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY	A&M ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1975
			87	FAZENDA	MG	1990	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY	A&M ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1975
			88	SHOPPING	MG	1987	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY	A&M ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1975
			90	ESCOLA	MG	1985	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY	A&M ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1975
43	AGO/SET	1992	24	ESCOLA PUBLICA DO ESTADO	SP	1992	RITA DE CASSIA ALVES VAZ E CHRISTINA DE CASTRO MELLO		TEUBA ARQUITETURA	
44	OUT/NOV	1992		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
45	DEZ/JAN	92/ 93	98	CENTRO EMPRESARIAL	AL	1991	GERMANA PASCUAL	OVIDIO PASCUAL MAESTRE	PASCUAL ARQUITETOS ASSOCIADOS	
46	FEV/MAR	1993	77	SESC	SP		LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
47	ABR/MAI	1993		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
48	JUN/ JUL	1993	32	RESIDENCIA	SP	1991	MARTA MOREIRA	MILTON BRAGA, FERNANDO FRANCO, VINICIUS GORGATI		FORMADA FAU/USP 1987
			41	RESIDENCIA	SP	1988	MIRIAM ANDRAUS	ARNALDO PAPPALARDO		
			85	FABRICA	RS	1990	ANGELA BOHRER, ESTER MEYER			FORMADAS UFRS DECADA DE 80
			85	EDIFÍCIO COMERCIAL	RS	1988	ANGELA BOHRER, ESTER MEYER			FORMADAS UFRS DECADA DE 80
			86	TREINAMENTO	RS	1988	ANGELA BOHRER, ESTER MEYER			FORMADAS UFRS DECADA DE 80
			88	FABRICA	SP	1988	ANGELA BOHRER, ESTER MEYER			FORMADAS UFRS DECADA DE 80
49	AGO/SET	1993	74	SESC	SP		LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
			75	CASA DO BISPO			JO VASCONCELOS	ELO MAIA, SYLVIO DE PODESTA		
50	OUT/NOV	1993	38	RESIDENCIA	SP	1991	MARTA MOREIRA	MILTON BRAGA, FERNANDO FRANCO, VINICIUS GORGATI		FORMADA FAU/USP 1987
			38	RESIDÊNCIA	SP		CLÁUDIA NUCCI	SERGIO CAMARGO, VALÉRIO PIETRAROIA		
			44	CHALÉ			MARIZA MACHADO COELHO			
			47	RESIDENCIA	BH		MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY		

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
50	OUT/NOV	1993	48	RESIDENCIA	SP		MARIA DO CARMO VILARINO	FABIO GONÇAVVEZ, ZEULER LIMA, LUIS FREIRE		FORMADA FAU-USP 1989
			48	RESIDENCIA	PE		VERA PIRES VIANA, JEANNE BROCOS PIRES	MARCO ANTONIO GIL BORSOI		
51	DEZ/ JAN	93/ 94		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
52	FEV/MAR	1994		RESIDENCIA	BH		MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY		
53	ABR/MAI	1994		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
54	JUN/ JUL	1994	113	RESIDENCIA	DF	1989	JEANNE BROCOS PIRES	MARCO ANTONIO GIL BORSOI		
			125	FACULDADE	PR	1994	AMALIA PONT, VANIA BOGUSZEWSKI, EUNICE VIANNA	CLOVIS BOGUSZEWSKI		
55	AGO/SET	1994		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
56	OUT/NOV	1994	78	INSTITUCIONAL	MS	1992	CATIA AVELLAR, GLICIA FERNANDES	ROBERTO MONTEZUMA		
57	DEZ/ JAN	1994/1995	44	RESIDÊNCIA	SP	1992	CAMILA TOLEDO FABRINI			
58	FEV/MAR	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
59	ABR/MAI	1995	40	RESIDENCIA	SP	1992	MARIA DO CARMO VILARINO	LUIS MAURO FREIRE, FABIO GONÇALVES, ZEULER LIMA	PROJETO PAULISTA DE ARQUITETURA	
			54	INSTITUCIONAL	BH	1992	MARIA CLARA BATALHA	GILBERTO BELLEZA		
60	JUN/ JUL	1995	37	RESIDENCIA	BH	1992	JO VASCONCELOS			
			51	HOSPITAL	SP	1993	MARIA GISELDA	JOSÉ BORELLI NETO, HERCULES MERIGO		
			94	INDUSTRIA	RS	1976	CLAUDIA O. CORREA, SANDRA T. BOEIRA	CLAUDIO LUIZ ARAUJO		
			95	INDUSTRIA	RS	1988	SANDRA T. BOEIRA	CARLOS MAXIMILIANO FAYET, CLAUDIO LIZ ARAUJO, LUIZ I. BOEIRA		
61	AGO/SET	1995	36	EDIFICIO RESIDENCIAL	PE	1989	ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	ACACIO GIL BORSOI, MARCO ANTONIO GIL BORSOI	BORSOI ARQUITETOS ASSOCIADOS	
			37	EDIFICIO	PE	1989	CATIA AVELLAR, GLICIA FERNANDES	ROBERTO MONTEZUMA	CIA ARQUITETURA/AVELLAR FERNANDES MONTEZUMA	
			87	NUCLEO DE LAZER	CE		ÁIDA MONTENEGRO	NELSON SERRA, CAMPELO COSTA		
62	OUT/NOV	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
63	DEZ/ JAN	95/ 96	40	RESIDENCIA	SP	1993	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRATROIA, SERGIO CAMARGO	GRUPO ARQUITETURA	
63			46	COOPERATIVA	RJ	1991	MARIA FERNANDA CEBRIAN			
64	FEV/MAR	1996	34	RESIDENCIA	SP	1991	ESTHER APARECIDA CERVINI			
65	ABR/MAI	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
66	JUN/ JUL	1996	56	RESIDENCIA	PE	1996	GLICIA FERNANDES, CATIA AVELLAR	ROBERTO MONTEZUMA		
67	AGO/SET	1996	46	CLINICA	SP	1993	ANNE MARIE SUMMER			FORMADA FAU USP 1978
68	OUT/NOV	1996	53	ADMINISTRATIVO	ES	1992	OLIMPIA REPSOLD			FORMADA UFES 1985
			86	EDIFICAÇÃO	SP		MARINA M. GRINOVER	ROBERTO DE MORAES MOURA, MARCELO SACENCO ASQUINO		
			88	EDIFICAÇÃO	SP		DENISE BARRETO	CARLOS BRATKE		

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
69	DEZ/ JAN	96/ 97	80	MEMORIAL	PR		VALERIA BECHARA	FERNANDO POPP		
			83	ESCOLA	RS		SANDRA GOMES DA SILVEIRA HOLTERMANN	ROBERTO PY GOMES DA SILVEIRA, JOSÉ AUGUSTO C.DUARTE	PY ARQUITETOS	
70	FEV/MAR	1997	46	RESIDENCIA	PE	1994	VERA PIRES VIANA, CARMEM MAYRINCK LINCOLN			FORMADAS UFPE 1971
71	ABR/MAI	1997	44	RESIDENCIAL	PB	1995	DAYSE CUNHA PIRES	EXPEDITO DE ARRUDA		
			45	RESIDENCIAL	ES	1993	OLIMPIA REPSOLD	GREGORIO REPSOLD		
72	JUN/ JUL	1997	46	RESIDENCIA	SP	1993	SOLANGE PARADA			FORMADA BRAS CUBAS 81
			77	ESCOLA	SP		MARIA CLARA BATALHA	GILBERTO BELLEZA, MIGUEL PEREIRA		
			78	HOTEL	RN	1984	ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	ACACIO GIL BORSOI, MARCO ANTONIO GIL BORSOI	BORSOI ARQUITETOS ASSOCIADOS	
73	AGO/SET	1997	82	RESIDENCIA	PE		TEREZA SIMIS			FORMADA FAUPE 1991
			82	ESCOLA	SP		ISABEL COELHO			FORMADA PUC GOIAIS 88
74	OUT/NOV	1997	56	RESIDENCIA	SP	1993	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRATROIA, SERGIO CAMARGO		
			104	IGREJA	SP	1989	CARMEM VILARINO	FABIO GONÇALVES, ZEULER LIMA, LUIS FREIRE	PROJETO PAULISTA DE ARQUITETURA	
			108	TERMINAL	SP	1996	ODILEIA SETTI TOSCANO	JOAO WALTER TOSCANO		
75	DEZ/ JAN	97/ 98	116	EDIFICIO INSTITUCIONAL	CE	1996	LUCILA N. SOARES NOVAES	JOSÉ AMÉRICO F., ARTUR C. NOVAES DE CARVALHO	NOVAES ARQUITETURA	
75			111	INSTITUTO	NEPAL		LUCINEI CARDOSO NEIVA	EMMANUEL BLAMONT		FORMADA UFBA 1984
76	FEV/MAR	1998	58	RESIDENCIA	SP	1994	MARIA INES DE TOLEDO	RUBENS TIEZZI		
			63	RESIDENCIA	PB		ANDRÉA CAMARA	PAULO RAPOSO ANDRADE		
			64	RESIDENCIA	SP		BARBARA BRATKE			FORMADA FAU-USP 1994
76			65	RESTAURANTE	CE		INES SOBREIRA CAVALCANTE	RICARDO BRAGA CAVALCANTE		FORMADA UFCE 1990
			71	ESCOLA	SP		MARIA ALBERTINA J. CARVALHO, CECILIA C. HORNER HOE	LUCAS FEHR		FORMADAS FAU-USP
			73	EDIFICIOS RESIDENCIAIS	SP		LILIAN DE ALMEIDA DAL PIAN	RENATO DAL PIAN	DAL PIAN ARQUITETOS ASSOCIADOS	FORMADA PUC CAMPINAS
			77	SESC	SP	1982	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
			88	EDIFICIO	SP	1992	TEREZA HERLING	JOSE R. DE MELLO FILHO, MARCELO FERRAZ, FRANCISCO VANUCCI, MARCELO SUZUKI		FORMADA FAU-USP 1984
			109	RESIDENCIA	SP		MARTA DEL NERO MILLAN	FERNANDO CIANNA PERES	CASA DE PROJETOS	
			114	EDIFICIO EMPRESARIAL	SP	1996	SOLANGE PARADA		SOLANGE PARADA ARQUITETURA E DESIGN	
77	ABR/MAI	1998	42	RESIDENCIA	SP	1985	ANA PAULA CALBUCCI	CARLOS WARCHAVCHIK		FORMADA FAU USP 1985
			67	CAPELA	SP		REGINA AUXILIADORA ATULIM, MARILIA RISI	AFFONSO RISI, RODOLFO GEISER, MARCIO PERIGO		

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
78	JUN/ JUL	1998	50	RESIDENCIA	SP	1995	MARIA CLARA BATALHA	GILBERTO BELLEZA		FORMADA FAU UNB 1985
			52	RESIDENCIA	PE	1995	EVELYNE LABANCA	HENRIQUE SPOSITO, PAULO VELOSO		FORMADA UFPE-1996
			91	COMPLEXO RESIDENCIAL	PE		JUSSARA DANTAS			
79	AGO/SET	1998	50	RESIDENCIA	PE	1997	TEREZA SIMIS	MARCO ANTONIO BORSOI		
			82	EDIFICIO RESIDENCIAL	PB		JUSSARA DANTAS			
			83	RESIDENCIA	PB		BETHANIA TEJO, DEBORA JULINDA			
			83	RESIDENCIA	PB		BETHANIA TEJO			
80	OUT/NOV	1998	48	RESIDENCIA	SP	1996	DENISE BARRETO	CARLOS BRATKE	CARLOS BRATKE	
			64	RESIDENCIA	SP		BARBARA BRATKE			FORMADA FAU-USP 1994
			74	EDIFICIO INSTITUCIONAL	SP	1997	CATHERINE OTONDO, CRISTIANE MUNIZ, ANA PAULA G. PONTES, FERNANDA BARBARA	FERNANDO VIEGAS, FABIO VALENTIN	UNA ARQUITETURA	FORMADAS FAUUSP 1993
EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
80			76	ESCOLA	GO		ISABEL COELHO			FORMADA UNIV. CATÓLICA DE GOIÁS 1992
			79	EMPRESARIAL	RS		DANIELA PICCININI			FORMADA UFRS 1992
			86	MUSEU			MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY		
81	DEZ/ JAN	98/ 99	66	CAPELA	SP		YARA SANTUCCI			
			74	EDIFICIOS	SP		YARA SANTUCCI			
82	FEV/MAR	1999	52	RESIDENCIA	PR	1996	TANIA NUNES GALVÃO	ANIBAL VERRI JUNIOR		FORMADA UEL 1994
			55	RESIDENCIA	SP	1997	MARTA MOREIRA	ANGELO BUCCI, FERNANDO M. FRANCO, MILTON BRAGA	MMBB ARQUITETOS	
			89	EDIFICIO INSTITUCIONAL	RECIFE		VERA LUCIA MENELAU DE MESQUITA			
83	ABR/MAI	1999	78	ESTAÇÃO	SP		MEIRE SELLI			
			85	CAPELA	SP		REGINA MACHADO			
84	JUN/ JUL	1999	66	MUSEU	MG	1994	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO HARDY		FORMADA UFMG 1975
			72	CENTRO ADMINISTRATIVO	MG	1997	MARIA ELIZA GUERRA	ROBERTO ANDRADE	ANDRADE GUERRA ARQUITETOS	
			94	EDIFICIO INSTITUCIONAL	SP	1999	LILIAN DE ALMEIDA DAL PIAN	RENATO DAL PIAN		
			95	EDIFICIO INSTITUCIONAL	SP	1999	ISIS V. MARCONDES, MARIANGELA CARVALHO	ALVARO DARIZA, EULER SANDEVILLE		
85	AGO/SET	1999	67	RESIDENCIA	GO	1994	VERA PIRES VIANA, CARMEM MAYRINCK LINCOLN			

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
85	AGO/SET	1999	71	EDIFÍCIO EMPRESARIAL	SP		DENISE MATSUZAKI, LUCIMARA CORREIA	FRANCISCO SALGUEIRO, EMERSON HUNGARO	ARQUITETOS ASSOCIADOS S/C LTDA	
			76	EDIFÍCIO INSTITUCIONAL	AL	1998	MARIA EDUARDA DE OLIVEIRA	ALOISIO MELO		
			76	RESIDENCIA	AL		LYGIA FERNANDES			
			76	RESIDENCIA	AL	1979	JANETE COSTA	ACACIO GIL BORSOI		
			77	RESIDENCIA	AL	1998	HUMBERTA FARIAS, OLGA WANDERLEY			
			78	EDIFÍCIO RESIDENCIAL	AL		OLGA WANDERLEY, MARIA ANGELA GUIMARAES	RUBEN WANDERLEY, LUIZ FERNANDO, MAURICIO CACHO		
85	AGO/SET	1999	80	EDIFÍCIO INSTITUCIONAL	AL	1997	MARIA EDUARDA DE OLIVEIRA	MARIO ALOISIO, SIDCLEY BARROS, PEDRO BAETA		
85			81	EMPRESARIAL	AL	1990	GERMANA PASCUAL	OVIDIO PASCUAL		
86	OUT/NOV	1999	70	RESIDENCIA	SP	1994	ANNE MARIE SUMNER			
86			96	ESCOLA	SP		FLAVIA BRITO GARBOGGINI MORETTI	HIDEKO TAKAHASHI		
87	DEZ/ JAN	99/ 00	57	MUSEU - MASP	SP	1957	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
			59	SESC	SP	1977	LINA BO BARDI	MARCELO FERRAZ, MARCELO SUZUKI, ANDRÉ VAINER		FORMADA ROMA, 1946
88	FEV/MAR	2000	53	RESIDENCIA	SP	1996	MARTA AFLALO	MARCELO ALALO		PROJETO PREMIADO NA BIENAL
89	ABR/MAI	2000	17	TERMINAL CARGAS	SP		VIVIANE CONCILIO			
			39	EDIFÍCIO RESIDENCIAL	PB	1997	ÍRIA T. DE MELO, DEBORA PERES			
			39	HOSPITAL	PB	1997	MIRIAM E AMELIA PANET			
			39	CONCESSIONARIA	PB	1999	SANDRA MOURA			
90	JUN/ JUL	2000	18	CLINICA	SP	2000	CELIA ORLANDI			FORMADA BRAZ CUBAS MOJE DAS CRUZES 1979
			50	RESIDENCIA	PE		TEREZA SIMIS	MARCO ANTONIO BORSOI		
91	AGO/SET	2000	26	SHOPPING	SP	2000	MARTA CUNHA SANTOS	REINALDO CASTRO VIEJO		
			26	CONJUNTO HABITACIONAL	SP	2000	ANA CLAUDIA GALEAZZO, DANIA BRAJATO, GRAZIELLA LUQUE		PASSO ARQUITETURA	
			27	ESPAÇO CULTURAL	PE		CARMEM MAYRINCK LINCOLN			
			51	RESIDENCIA	AL		HUMBERTA FARIAS			FORMADA EM ALAGOAS EM 1980
			58	GINASTICA	MG	1997	JO VASCONCELOS	ÉOLO MAIA		
92	OUT/NOV	2000	34	PROFISSIONALIZANT ES	SP		REGINA CELI DE ALBUQUERQUE MACHADO			
			97	EDIFÍCIO RESIDENCIAL	AL		OLGA WANDERLEY, MARIA ANGELA GUIMARAES	RUBENS WANDERLEY, MAURICIO CACHO, LUIZ FERNANDO CARNEIRO		

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
93	DEZ/ JAN	00/ 01	85	ESCOLA PUBLICA	SP		RITA ALVES VAZ E CHRISTINA DE CASTRO MELLO		TEUBA ARQUITETURA	FORMADAS FAU-USP 1972
94	FEV/MAR	2001		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
95	ABR/ MAI	2001	20	CONCESSIONARIA	PB		SANDRA MOURA			
95	ABR/ MAI	2001	34	RESIDENCIA	MG		ANA LUIZA LLOYD	SERGIO RICARDO PALHARES	ZERO TRES ARQUITETURA	
96	JUN/ JUL	2001	42	RESIDENCIA	SP		SOLANGE PARADA			
97	AGO/ SET	2001	27	UNIVERSIDADE	SP		MARCIA ARNONI TERZI	AFFONSO RUSI JR, ANGELO CECCO		
			38	RESIDENCIA	SP	1999	MONICA DRUCKER			
			42	RESIDENCIA	PE		JANETE COSTA, ROBERTA GIL BORSOI	ACACIO GIL BORSOI		
98	OUT/ NOV	2001	44	RESIDENCIA	SP	2001	HEBE OLGA DE SOUZA			
			62	ACADEMIA DE GINASTICA	SP	1999	MARISTELA MAIDA FACCIOLI	MARCELO SUZUKI		
99	DEZ/ JAN	2001/ 02	33	EDIFICIO COMERCIAL	PB		SANDRA MOURA			
			57	RESIDENCIA	SP		CLAUDIA NUCCI	SERGIO CAMARGO, VALÉRIO PIETRAROIA		
			61	ESCOLA	SP		MONICA DRUCKER	LUIZ FLÁVIO GAGGETTI		

Planilha de dados pesquisados da revista

Projeto Design

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Histórico da revista *Projeto Design*

“Acho que a saída é fazer uma revista de arquitetura independente.”
(ESPECIAL..., 2007)¹

Pode-se dizer que a história da revista *Projeto Design* teve início em julho de 1972 com o lançamento do *Jornal Arquiteto*, publicação distribuída gratuitamente pela editora Schema e elaborada em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo - IAB/SP e o Sindicato de Arquitetos do Estado de São Paulo. Com 3,5 mil exemplares iniciais, o *Jornal do Arquiteto* alcançou uma tiragem de 15 mil.

Desde dezembro de 1971, quando a *Revista Acrópole* deixou de circular, o mercado editorial brasileiro deixara de contar com uma revista nacional de arquitetura. Aproveitando essa lacuna, Vicente Wissenbach começou a publicar alguns projetos no novo jornal. Em sua edição 44 do *Jornal do Arquiteto*, trazia um encarte de 16 páginas, com o nome *Projeto*. Surgia assim o protótipo da revista atual: uma publicação diferenciada, voltada ao público de profissionais da área de arquitetura. (ESPECIAL..., 2007)

Em Fevereiro de 1977 foi lançada a primeira edição da revista *PROJETO*, independente do *Jornal Arquiteto*, a qual passou a contar com 10 a 12 edições por ano.

¹ Comentário de Vicente Wissenbach, jornalista e editor da Editora Schema na fase de idealização da revista *Projeto*.

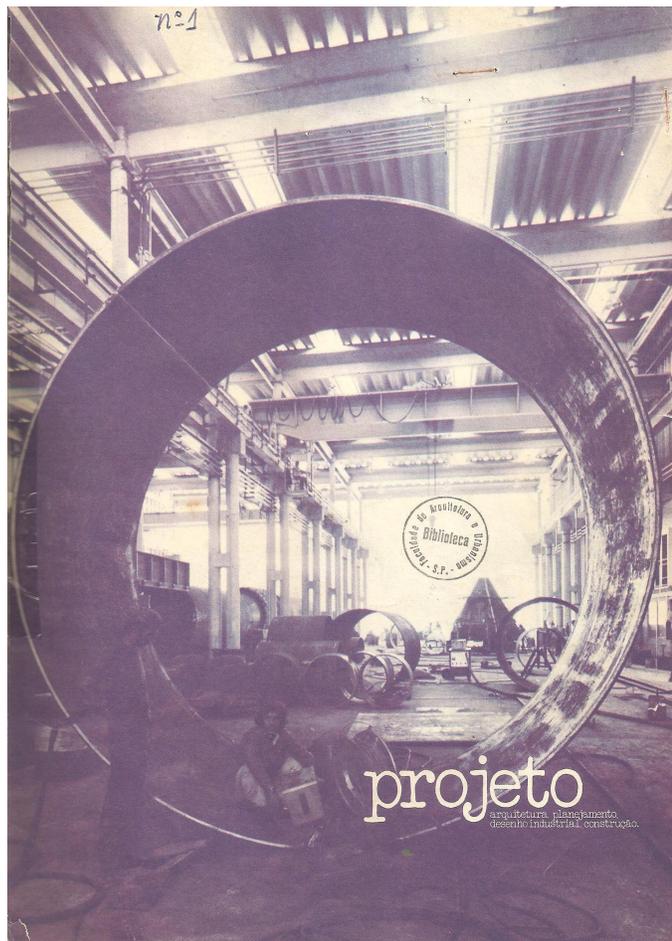


Figura B-I - Capa da edição 01 de Projeto, fev/mar 1977. ²

Em junho de 1987, na edição 100 da revista, foi lançado um encarte com o título *Design & Interiores*, que prosseguiu sendo editado como tal até 1994. A partir de 1995 um novo projeto gráfico unificou os conteúdos das duas publicações surgindo assim à atual revista *Projeto Design*. (ESPECIAL..., 2007)

² Fonte: Revista *Projeto* edição 01, fev/mar 1977.

APÊNDICE B

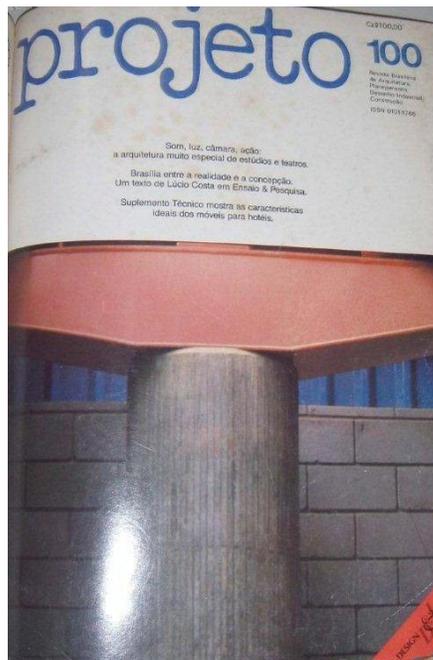


Figura B-II- Capa da edição 100 de Projeto, junho 1987.³

Para coleta de dados para esta pesquisa, no sentido de identificar as arquitetas com projetos publicados, foram pesquisadas as publicações da revista Projeto Design no período de 1991 a 2001, ou seja, a partir das edição 138 até a edição 262, totalizando 125 revistas. A tabela 3-IV abaixo, se refere a esse período e os exemplares onde se encontram projetos de autoria de mulheres estão assinalados em cinza.

³ Fonte: Revista *Projeto* edição 100, jun de 1977.

APÊNDICE B

TABELA B-III

EDIÇÕES PESQUISADAS DA REVISTA PROJETO DESIGN ⁴

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1991	138		139	140	141	142	143	144	145	146	147	148
1992	149		150	151	152	153	154	155	156	157	158	159
1993	160		161	162	163	164	165	166	167	168	169	170
1994	171		172	173	174	175	176	177	178	179	180	181
1995	182		183	184	185	186	187	188	189	190	191	192
1996	193		194	195	196	197	198	199	200	201	202	203
1997	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215
1998	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227
1999	228		229	230	231	232	233	234	235	236	237	238
2000	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250
2001	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262

⁴ As edições que foram encontrados projetos de edificação com autoria de profissionais femininas encontram-se grifadas em cinza na tabela B-III. Sendo assim, em um total de 125 edições de Projeto Design pesquisadas 25% não publicaram projetos com autoria feminina.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE B



Fig. B-IV - Capa da primeira Revista Projeto Design pesquisada, edição 138, jan/dez 1991⁵

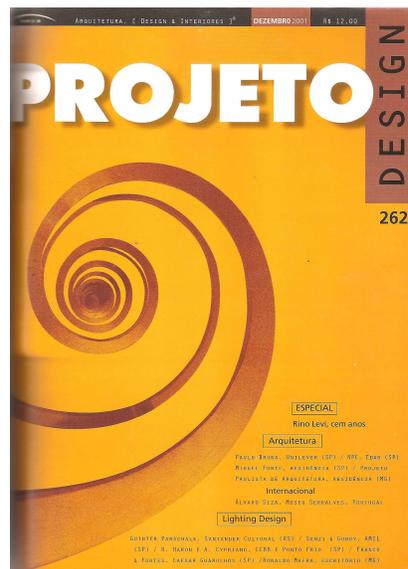


Fig. B-V - Capa da última Revista Projeto Design pesquisada, edição 262, dez 2001.⁶

⁵ Fonte: Revista *Projeto Design* edição 138, jan/dez 1991.

⁶ Fonte: Revista *Projeto Design* edição 262, dez 2001.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES	
138	JAN/ FEV	1991	74	PREFEITURA	SP	1990	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946	
139	MAR	1991		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
140	ABR	1991		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
141	MAI	1991	60	RESIDENCIAL	RS	1986	ANA VASQUEZ	NELSON VASQUES, PAULO BERTUSSI	CONSTRUÇÕES		
			61	RESIDENCIAL	ES	1989	IONE MOTA MARROQUIM	FERNANDO MARROQUIM			
			68	RESIDENCIAL	PR	1987	CRISTIANE MARIA GANDOLFI	JOSÉ GANDOLFI, ROBERTO GANDOLFI	GANDOLFI ARQUITETOS		
			76	RESIDENCIAL	RS	1988	SIMONE GHIDDALEVICH	MARCELO MULLER, MARCELO FERNANDEZ	NUCLEO/RS ARQUITETURA		
			81	ESTAÇÃO	SP	1991	LINA BO BARDI	MARCELO FERRAZ, MARCELO SUZUKI		FORMADA ROMA, 1946	
142	JUN	1991	46	INDUSTRIA	SP	1985	CRISTIANE MARIA GANDOLFI	FILHO, ROBERTO GANDOLFI	GANDOLFI ARQUITETOS		
			47	INDUSTRIA	SP	1989	MARIA DE LOURDES MORAES STOLAGLI	ODAIR STOLAGLI	ASSOCIADOS		
			48	INDUSTRIA	ES	1986	MARIA LUIZA DE SOUZA SOARES	ENIO DE MEDEIROS MARQUES			
			49	MARCENARIA	SP	1989	CLAUDIA NAPHAN	ENESTO FREIER			
			50	INDUSTRIA	RS	1986	SANDRA MARA BOEIRA	LUIZ I. BOEIRA			
			54	INDUSTRIA	SP	1988	ESTER MEYER, ANGELA BOHRER				
			56	INDUSTRIA	SP	1987	MARIA LUCIA PEREIRA DE ALMEIDA				
			142	AEROPORTO TERMINAL 2	SP	-	ANA MARIA LINDENBERG ALVARENGA, VANIA TESSARI COUTINHO	JORGE MICHIREFE, AMILCAR S. MOURA, ANTONIO S. BERGAMIN, CARLOS A. C. MACHADO, MARIO Y. VALTER C.			
143	JUL	1991	60	EDIFICIO COMERCIAL	RS	1990	ANNA PAULA M. CANEZ	SERGIO MARQUES		FORMADA FAU UFRGS 1988	
			62	CASA COMUNITARIA	RS	1989	MIRELA AMPESSAN	GEDERSON MEOTTI, LAURO MACIEL		FORMADA FAU UFRGS 1988	
			62	RESIDENCIA	RS	1991	MIRELA AMPESSAN	GEDERSON MEOTTI, LAURO MACIEL		FORMADA FAU UFRGS 1988	
143	JUL	1991	62	PROFISSIONAL	RS	1990	MIRELA AMPESSAN	GEDERSON MEOTTI, LAURO MACIEL		FORMADA FAU UFRGS 1988	
			65	RESIDENCIAL	RS	1988	SANDRA SAFFER			FORMADA FAU UFRGS 1984	
			69	HOSPITAL	SP	1986	FERNANDA FAVA DOS SANTOS, FLAVIA ZELENOVSKY	JOSE M. P. DE ABREU, LUIS A. JORGE		FORMADAS FAU PUC CAMPINAS 1961 E 1963	
			69	RESIDENCIAS	SP	1989	FERNANDA FAVA DOS SANTOS, FLAVIA ZELENOVSKY	JOSE M. P. DE ABREU, LUIS A. JORGE		FORMADAS FAU PUC CAMPINAS 1961 E 1963	
			70	RESIDENCIAL	SP	1987	LIVIA MARIA LEITE FRANÇA	EURICO R. FRANCISCO		FORMADA FAU USP 1986	
			70	CAMARA LEGISLATIVA	DF	1989	LIVIA MARIA LEITE FRANÇA, MARIA DO CARMO VILARINO	EURICO R. FRANCISCO, FABIO M. GONÇALVES, LUIS MAURO FREIRE, ZEULER LIMA	PROJETO PAULISTA DE ARQUITETURA S.C. LTDA	FORMADA FAU USP 1986 e 1988	
			71	CATEDRAL	SP	1991	MARIA DO CARMO VILARINO	FREIRE, ZEULER LIMA	ARQUITETURA S.C. LTDA	FORMADA FAU USP 1988	
144	AGO	1991	44	MUSEU	SP	NI	MARLENE YURGEL	RODRIGUES			
145	SET	1991	44	CENTRO CULTURAL	PR	1987	ANGELA CEZAR SOARES	KOGA	ARQUITETURA		
145	SET	1991	60	SESI	ES	-	IONE MOTA MARROQUIM	JOAO FERNANDO MARROQUIM			

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
146	OUT	1991	97	GOVERNO	TO	-	MARIA LUCI DA COSTA	ERNANI VILELA		TOCANTIS
			97	MUSEU	TO	-	MARIA LUCI DA COSTA	ERNANI VILELA		TOCANTIS
			112	ESTAÇÃO	SP	1986	ODILEIA TOSCANO	KAMIMURA		
			120	MUSEU	SP	1968	LINA BO BARDI			
147	NOV	1991	66	EDIFICIO RESIDENCIAL	PR	1987	MIRNA CORTOPASSI LOBO, ENEIDA KUCHPIL			
148	DEZ	1991	66	SHOPPING	SP	1986	LAURA CAPELAS	CARLOS DOMINGUEZ, FELIPE LARREA		
			66	SHOPPING	SP	1988	LAURA CAPELAS	CARLOS DOMINGUEZ, FELIPE LARREA		
			67	SHOPPING	MG	1989	ZULEIDE MATOS	ANDRE AS		
148			68	SHOPPING	MG	1989	BEATRIZ SALLES, ELISA BOKADA, LUZIANA PEÇANHA	EDUARDO MONDOLFO		
149	JAN/ FEV	1992	24	SESC	SP	-	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
			40	IGREJA	MG	1978	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
			44	CAPELA	SP	1982	LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
150	MAR	1992	60	EMPRESARIAL	RS	1988	ROVENA MARIA SCHUMACHER	PAULO BERTUSSI, FERNANDO MACHADO		
151	ABR	1992	30	HOTEL	SC	1989	MARIA INES LAURENTINO	SECCO		
			34	POUSADA	SP	1989	ODILEIA TOSCANO	JOAO WALTER TOSCANO		
152	MAI	1992	35	CENTRO COMERCIAL	PR	1989	CELIA BIM, SIMONE SOARES	ABRAAO ASSAD		
			52	EDIFICIO RESIDENCIAL	SP	1988	MARCIA UMEOKA, ROSEMEIRE AUGUSTO, ROSELI NEVES SOTO	RUY OHTAKE, LEO BONFIM JR		
			56	RESIDENCIAL	RS	1989	FATIMA BELTRAO	AIRTON CATTANI		
153	JUN	1992	50	EDIFICIO EMPRESARIAL	SP	1990	LINA OLIVEIRA MOURAO, MARIA JOSE CASTRO, CRISTINA PIRES MOTA	DAVINO PONTUAL, PAULO PIRES, RALPH LIFSCHITS, JOAO DO NASCIMENTO	PONTUAL ASSOCIADOS	
			54	EDIFICIO EMPRESARIAL	SP	1989	LINA OLIVEIRA MOURAO, MARIA JOSE CASTRO, CRISTINA PIRES MOTA	DAVINO PONTUAL, PAULO PIRES, RALPH LIFSCHITS, JOAO DO NASCIMENTO	PONTUAL ASSOCIADOS	
154	JUL	1992	58	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1991	LUCIA RAVACHE			
155	AGO	1992	37	RESIDENCIA	BA	1986	ESTERZILDA DE AZEVEDO	PAULO ORMINDO		
			52	RESIDENCIA	PE	1987	JEANNE BROCOS PIRES	MARCO ANTONIO GIL BORSOI		
156	SET	1992	86	CENTRO CULTURAL	SP	1982	MARCIA UMEOKA, MARCIA ROSSI	RUY OHTAKE, WALTER MAKHOHI	RUY OHTAKE	
157	OUT	1992	40	FABRICA	RS	1989	ESTER MEYER, ANGELA BOHRER			
157			46	FABRICA	MG	1988	MARIA ELIZA GUERRA, MARCIA FREITAS	ROBERTO ANDRADE		
158	NOV	1992	68	SESC	SP	1977	LINA BO BARDI	MARCELO FERRAZ, ANDRE VAINER		FORMADA ROMA, 1946
159	DEZ	1992	50	ESCOLA	AM	1989	MERCIA PARENTE	ROBERTO MOITA		

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
159	DEZ	1992	64	SHOPPING	SP	1989	LAURA CAPELAS	CARLOS DOMINGUEZ, FELIPE LARREA		
160	JAN/ FEV	1993		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
161	MAR	1993		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
162	ABR	1993	59	HABITACIONAIS	RJ	1990	ISANDA SOUZA	CORREA, BALTAZAR MORGADO NETO,	NUCLEO ARCO	
			93	SESC	SP		LINA BO BARDI			FORMADA ROMA, 1946
163	MAI	1993	54	FABRICA	ES	1989	IONE MOTA MARROQUIM	JOAO FERNANDO MARROQUIM		
			84	IGREJA			LINA BO BARDI	MARCELO FERAZ		FORMADA ROMA, 1946
			85	EDIFICIO RESIDENCIAL	MG	1982	FATIMA DINIZ CAMARGOS, PATRICIA PIMENTA AZEVEDO	LUIZ HUMBERTO FINOTTI		ESPECIAL ARQUITETURA DE UBERLANDIA
			85	RESIDENCIAL	MG	1985	TANIA SOUZA	SAUL VILELA, ZIED SABBAGH		UBERLANDIA
			86	RESIDENCIA	MG	1981	PATRICIA PIMENTA AZEVEDO	LUIZ HUMBERTO FINOTTI		UBERLANDIA
			86	EDIFICIO RESIDENCIAL	MG	1982	FATIMA DINIZ CAMARGOS, PATRICIA PIMENTA AZEVEDO	LUIZ HUMBERTO FINOTTI		ESPECIAL ARQUITETURA DE UBERLANDIA
			87	RESIDENCIA	MG	1990	MARIA ELISA GUERRA	ROBERTO ANDRADE		UBERLANDIA
			89	COOPERATIVA	MG	1987	MARIA ELISA GUERRA	ROBERTO ANDRADE		UBERLANDIA
			90	FABRICA	MG	1988	MARIA ELISA GUERRA, MARCIA C. FREITAS	ROBERTO ANDRADE		UBERLANDIA
			91	ATELIE	MG	1991	MARIA ELISA GUERRA, TANIA SOUZA	ANTONIO V. ANDRADE, ROBERTO		UBERLANDIA
			91	COMERCIAL	MG	1991	TANIA SOUZA	ZIED SABBAGH		
164	JUN	1993	30	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1989	MIRIAM BUTENAS	LANDSMAN		
165	JUL	1993	26	EMPRESARIAL	MG	1989	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA		
			49	GALPAO	SP	1990	MARIA CECILIA PASTORE	FLAVIO MARCONDES		
166	AGO	1993	58	ADMINISTRATIVO	MG	1990	JANETE COSTA, ROSA MARIA CHAGAS	BORSOI, MILTON LEITE		
167	SET	1993	37	FACULDADE	GO	1988	ANA DOMITILA DE A. MENDONÇA	MARCO ANTONIO OLIVEIRA		
168	OUT	1993	48	RESIDENCIAL	SP	1986	IZILDA DE FREITAS	RUY OTHAKE	RUY OTHAKE	
			60	PROFISSIONAL	RS	1990	REGINA GALBINSKY TEITELBAUM	FLAVIO LEAO LEMBERT		
			64	EDIFICIO COMERCIAL	RJ	1989	ISABEL VERISSIMO DE MELLO			
169	NOV	1993	50	RESIDENCIA	SP	1988	VERA CATUNDA SERRA	MARCELO C. SERRA		
			56	MEMORIAL	PR	1993	DENISE MITIKO MURATA			
170	DEZ	1993	58	SHOPPING	CE	1990	IONE FELICIO FUIZA	LUIZ BARBOSA FUIZA		
171	JAN/ FEV	1994	C1	DIVERSOS PROJETOS	DIVERSOS	DIVERSOS	JANETE FERREIRA DA COSTA, ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	MARCO ANTONIO GIL BORSOI, ACACIO GIL BORSOI	BORSOI ARQUITETOS ASSOCIADOS	
172	MAR	1994	41	ESCOLA	MG	1993	MARIA ELIZA GERRA	ROBERTO ANDRADE		
			44	ESCOLA	SP	1989	MARIA AMELIA DEVITTE FERREIRA	FILHO, JOSE A. MARTINS	EQUIPE	

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES		
172	MAR	1994	60	EMPRESARIAL	ES	1990	OLIMPIA REPSOLD			FORMADA UFES 1985		
173	ABR	1994	58	HOTEL	SP	1988	FANNY WIRTHMANN, MEIRE SOARES DOS SANTOS, SONIA RITA DE PAULA LUIZ	EDISON MUSA, JACI HARGREAVES, PETER HEIBRICH, JULIO G. GAMEIRO, LOURENÇO M. JUNIOR, EDSON INOUE, JOSE NEGRAO	EDISON MUSA ARQUITETOS ASSOCIADOS			
174	MAI	1994	48	SERVIÇOS	SP	1991	SILVIA BEATRIZ BRESSIANI	VEJA CALDAS, JOSE GUILHERME WHITAKER	ARQUITETURA			
174			62	EDIFICIO COMERCIAL	MG	1989	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA				
			62	EDIFICIO COMERCIAL	MG	1991	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA				
			63	RESIDENCIAL	MG	1990	VERONICA MATTA MACHADO	JOAO DINIZ				
			66	RESIDENCIAL	MG	1992	MARIZA MACHADO COELHO	ALVARO VEVEVO HARDY				
			67	EDIFICIO COMERCIAL	MG	1994	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA				
			67	RESIDENCIAL	MG	1993	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA				
			67	SHOPPING CENTER	MG	1994	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA				
175	JUN	1994	70	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1992	MIRNA ZAMBRANA	AURELIO MARTINEZ FLORES	ZAMBANA			
176	JUL	1994	53	HOSPITAL	PR	1991	ELAINE MARLI MILAN	MITITAKA IKEDA	EQUIPE			
			56	CENTRO MEDICO	SP	1988	LIGIA A. DE BASTOS MIQUELIN	LAURO C. MIQUELIN, SUNG MEI LING	EQUIPE			
			58	CENTRO TECNICO	SP	1993	LIGIA A. DE BASTOS MIQUELIN	LAURO C. MIQUELIN, SUNG MEI LING	EQUIPE			
			60	HOSPITAL	MG	1991	MARIA GISELDA CARDOSO VISCONTI	JOSE BORELI NETO, HERCULES MERIGO	BORELI E MERIGO			
177	AGO	1994	50	TORRE COMERCIAL	MG	1990	JO VASCONCELOS	EOLO MAIA				
178	SET	1994		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA								
179	OUT	1994	80	CONCESSIONARIA	SP	1990	ELSA WALSH SIEFER, ELOISE T. AMADO	SYLVIO BARROS SAWAYA	ARQUITETOS ASSOCIADOS			
			82	CONCESSIONARIA	SP	1993	ANAMARIA P. KEREMIAN, CLAUDIA R. S. MOREIRA, THELMA R. DA ROCHA LIMA					
			84	ESCOLA	MG	1994	ELIANA MARIA N. M. B. OLIVEIRA	MEYER, MARCO A. F. DA SILVA				
180	NOV	1994		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA								
181	DEZ	1994	60	COMERCIAL	SP	1992	RAQUEL DOMINGUES					
			66	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1992	MYRIAN A. TIBIRIÇÁ	JOSÉ E. TIBIRIÇÁ				
182	JAN/ FEV	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA								
183	MAR	1995	57	RESIDENCIAL		1993	ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	BORSOI	ACACIO GIL BORSOI			
			59	RESIDENCIAL	MG	1992	MARIA DA GRAÇA A. DE MOURA	JOAO ANTONIO VALLE DINIZ				
183	MAR	1995	62	PAÇO DAS ARTES	SP	1994	ELOISE TORRES AMADO	MACHADO				
			68	FIOCRUZ	RJ		CHRISTINA SIMAS, LETICIA ZAMBRANO					
184	ABR	1995	70	ESCOLA	ES	1990	IONE MOTA MARROQUIM	JOAO FERNANDO MARROQUIM				
			80	FLORESTAL	RO	1993	LEDA LIMA LEONEL					
185	MAI	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA								

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
186	JUN	1995	66	EDIFÍCIO COMERCIAL	MG	1991	JO VASCONCELOS	ELO MAIA		
187	JUL	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
188	AGO	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
189	SET	1995	66	CAPELA	MG	1991	MARIA VALQUIRIA VALLE NORONHA			
190	OUT	1995	60	PRAÇA E SERVIÇOS	MG	1993	ANA MARQUES MACHADO, MARCIA AUGUSTA PEREIRA	ANTONIO BRASIL		
			65	PRAÇA E MERCADO	MG	1992	FERNANDA DE VASCONCELOS	GASTON OPORTO		
191	NOV	1995		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
192				NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
193	JAN/ FEV	1996	C1	HOTEL	RN	1984	ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	BORSOI	ASSOCIADOS	
			D1	EDIFÍCIO COMERCIAL	SP	1991	VANIA ZANOTTO	LANDSMANN, EDUARDO SUAREZ	ASSOCIADOS	
193			H8	HOTEL	CE	1985	IONE FELICIO FIUZA	LUIZ FIUZA	ASSOCIADOS	
			H8	HOTEL	CE	1991	IONE FELICIO FIUZA	LUIZ FIUZA	ASSOCIADOS	
			K8	EDIFÍCIO COMERCIAL	PA	1987	ROSEMERIE AUGUSTO	MIURA, SERGIO NOZU	RUY OHTAKE ARQUITETURA	
194	MAR	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
195	ABR	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
196	MAI	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
197	JUN	1996	60	CENTRO COMERCIAL	PR	-	MARIA TEODOROVICZ	GERSON SMAL STAEHLER		
			60	FAROL E BIBLIOTECA	PR	1994	MARIA TEODOROVICZ	GERSON SMAL STAEHLER		
198	JUL	1996	52	TERMINAL DE TRANSPORTES	MA	1996	CLAUDIA VIAL RIBEIRO, MARIA ELISA BAPTISTA			
			52	TRANSPORTES	RS	1996	CLARICE DELIAGI POSTIGA	DECKEN DEBIAGI, JOAO LUIZ DE ANDRADE		
199	AGO	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
200	SET	1996	60	ESCOLA	MG	1994	ELIANA N. M. B. OLIVEIRA	MEYER, MARCO AURELIO SILVA	SILVA	FORMADA EAUFMG, 1979
201	OUT	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
202	NOV	1996	100	EDIFÍCIO COMERCIAL	MG		JO VASCONCELOS	ELO MAIA		
			100	FAROL E BIBLIOTECA	PR	1994	MARIA TEODOROVICZ	STAEHLER		
203	DEZ	1996		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
204	JAN	1997		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUVE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA						
205	FEV	1997	38	RESIDENCIAL	PE	1991	ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	BORSOI	ASSOCIADOS	
			42	RESIDENCIAL	PE	1986	ROSA MARIA CHAGAS AROUCHA	BORSOI		
206	MAR	1997	48	MEMORIAL	PR	1992	VALÉRIA BECHARA	FERNANDO POPP		
207	ABR	1997	45	ONIBUS	SP	1995	MARTA MOREIRA	MILTON BRAGA, PAULO MENDES DA		FORMADA FAU/USP EM 1987

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES	
208	MAI	1997	50	EDIFÍCIO COMERCIAL	SP	1991	SYLVANA BILLIA			FORMADA FAU-ESCOLA DE BELAS ARTES DE SÃO PAULO	
			65	EDIFÍCIO COMERCIAL	SP	1993	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRAROIA, SERGIO CAMARGO	NPC GRUPO ARQUITETURA	FORMADA FAU/USP EM 1985	
209	JUN	1997	54	ESCOLA	RJ	1997	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRAROIA, SERGIO CAMARGO	NPC GRUPO ARQUITETURA	FORMADA FAU/USP EM 1985	
210	JUL	1997	48	CENTRO COMERCIAL	RS	1992	ANNA PAULA M. CANEZ	JOSE MARQUES	ARQUITETOS ASSOSSIADOS	FORMADA UFRGS EM 1988	
			67	GALPÃO INDUSTRIAL	SP	-	CHRISTINA DE CASTRO MELLO, RITA DE CASSIA VAZ		TEUBA ARQUITETURA		
			68	RESIDENCIA	SP	-	ANNA JULIA DIETZCH	MORETTIN			
211	AGO	1997	69	RESIDENCIA	SP	-	MARIA INES TOLEDO	RUBENS TIEZZI			
212	SET	1997		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
213	OUT	1997	70	MERCADO CENTRAL	CE	1994	IONE FELICIO FIUZA	LUIZ BARBOSA FIUZA	ASSOCIADOS		
			76	ONIBUS	SP	1996	ODILEIA TOSCANO	JOAO WALTER TOSCANO		FORMADA FAU-USP 1958	
214	NOV	1997		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
215	DEZ	1997	33	FUNDAÇÃO	SP	1996	TANIA REGINA PARMA	NEWTON MASSAFUMI YAMATO		ARQUITETURA	
216	JAN	1998		ÍNDICE EDIÇÕES ANTERIORES - NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
217	FEV	1998		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
218	MAR	1998	52	BENEFICENTE	SP	1995	REGINA CELI DE ALBUQUERQUE MACHADO			STA ÚRSULA RJ - 1981	
			70	UNIVERSIDADE	SP	1998	EDNA NAGLE	JOAN VILLA ANGELO CECCO JR.	CECCO ARQUITETOS		
218			73	ESCOLA	SP	1998	ODETE GABRIELA TOMCHINSKY, MARCIA APARECIDA ARANNIC	LEO TOMCHINSKY	TOMCHINSKY ARQUITETOS		
219	ABR	1998	60	RESIDENCIA	SP	1995	LUCIANA TEIXEIRA DE CAMARGO	FERNANDO TEIXEIRA DE CAMARGO		1985	
			68	RESIDENCIA	SP	1995	RAQUEL DOS SANTOS	MARCIO DO AMARAL		FORMADA FARIAS BRITO 1979	
220	MAI	1998	54	TEATRO	SP	1996	REGINA PENTEADO DE TOLEDO	ANTONIO LUIZ DE LIMA	A/C ARQUITETURA	FORMADA BRÁS CUBAS	
			113	EDIFÍCIO COMERCIAL	SP	-	MYRIAN DE ARAUJO TIBIRIÇA	JOSÉ EDUARDO TIBIRIÇA	TIBIRIÇA ARQUITETOS		
221	JUN	1998	44	LABORATORIO	SP	1995	HELENA YUMI OKADA, ROSE AUGUSTO	RUY OTHAKE, EDUARDO PRIETTO	RUY OTHAKE		
			53	TECNOLOGICO	RJ	1996	PATRICIA FAÉ DE CASTRO	ALEXANDRE FEU ROSA	ALEXANDRE FEU ROSA		
			54	FABRICA	RJ	1996	PATRICIA COHEN	JOAO MARTINEZ CORREA	PROMON	FORMADA STA ÚRSULA RJ -1979	
221	JUN	1998	78	LICEU	SP	1998	EDNA NAGLE	ANGELO CECCO JR.	ASSOCIADOS		
222	JUL	1998	40	EDIFÍCIO COMERCIAL	RS	1995	ROVENA MARIA SCHUMACHER	FERNANDO DOS S. ROCHA MACHADO	SHUMACHER E MACHADO	FORMADA UFRS 1987	
			48	SEDE DISTRITAL	MG	1994	LIZA MARIA SOUZA DE ANDRADE, LUCIANA FRANÇA COELHO, HELOISA BRUZZI FREIRE		L.A. ARQUITETURA E ENGENHARIA	FORMADAS UFMG	
			62	HABITACIONAL	SP	-	DENISE MARIA CORREA				
			62	HABITACIONAL	SP	-	VIRGINIA DE AZEVEDO M. S. H. COSTA				

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
223	AGO	1998	37	EDIFICIO COMERCIAL	RS	1996	DANIELA PICCININI			MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA UFRS 1992
224	SET	1998	30	EDIFICIO COMERCIAL	PR	1995	ELIZABETH SCHMIDT CAVALCANTE	MAURICIO CAVALCANTE	SOMOS ARQUITETURA	MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA UFPR 1975
			32	CENTRO CULTURAL	PR	1993	CRISTINA BARNABÉ	PAULO BARNABÉ	BARNABÉ ARQUITETOS ASSOCIADOS	MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA PUC PR 1982
			33	RESIDENCIA	DF	1994	BEATRIZ DE ABREU LIMA	ANTONIO JOSÉ RODRIGUES		MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA UNIVERSIDADE FEDERAL DE BRASILIA 1991
225	OUT	1998	32	RESIDENCIA	SP	1996	MARISA PATRICIO			MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADAS MACKENZIE 1981
			42	CULTURAL	RJ	1991	FABIANA IZAGA	EDUARDO HORTA		URSULA 1991
226	NOV	1998	63	RESIDENCIAL	SP	1998	CRISTINA TOSTA	ALVARO PUNTONI		
227	DEZ	1998	35	RESIDENCIA	SP	1995	VITORIA GOMES			MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA FACULDADE DE BELAS ARTES SP 1986
			36	RESIDENCIA	BA	1997	OLIVIA FERNANDES DE OLIVEIRA	SERGE BUTIKOFER		MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA UFBA 1986
228	JAN/ FEV	1999	71	RESIDENCIA	SP	1980	MARILIA SANT'ANNA DE ALMEIDA	LUIZ FISBERG		FORMADA FAU/USP EM 1972
			74	ESCOLA	SP	1989	ANNE MARIE SUMMER	LUIS GIMENEZ		FORMADA FAU/USP EM 1978
			75	RESIDENCIA	SP	1985	TANIA REGINA PARMA	NEWTON MASSAFUIMI YAMATO		FORMADA FAU/USP EM 1977
			81	RESIDENCIA	SP	1992	RAQUEL DOS SANTOS	MARCIO DO AMARAL		ESPECIAL 50 ANOS FAU/USP
			83	RESIDENCIA	SP	1993	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRAROIA, SERGIO CAMARGO	NPC GRUPO ARQUITETURA	FORMADA FAU/USP EM 1985
			83	RESIDENCIA	SP	1992	ANA PAULA CALBUCCI	CARLOS EDUARDO WARCHAVCHIK		FORMADA FAU/USP EM 1986
			84	SEDE	SP	1994	MARTA MOREIRA	FRANCO		FORMADA FAU/USP EM 1987
			85	INSTITUTO	SP	1994	MARIA DO CARMO VILARINO	FREIRE, ZEULER LIMA		FORMADA FAU/USP EM 1988
229	MAR	1999	57	AEROPORTO	RJ	1997	ROSELI MULLER PEREIRA			FORMADA UFRJ
			62	CENTRO CULTURAL	MG	1997	ANNA CRISTINA LAZZARINI AVILA	GUSTAVO RIBEIRO, ANDRE ABREU	SITIO ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1992
230	ABR	1999	29	RESIDENCIAL	BA	1995	INES CERQUEIRA, RITA REBOUÇAS	NILO TEIXEIRA		FORMADAS UFBA
			46	INDUSTRIA	SP	1996	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRAROIA, SERGIO CAMARGO	NPC GRUPO ARQUITETURA	FORMADA FAU/USP EM 1985
			64	PESQUISA	SP	1998	PAULA RAPHAELIAN , LEDA BRESCIANI	OVIDIO ARMELIN, MONSERRAT PEÑA	RAPHAELIAN E PEÑA	FAUUSP 1985
231	MAI	1999	32	HOTEL	RS	1996	CLAUDIA GEREMIA			ARQUITETURA BRASILEIRA

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES
232	JUN	1999	40	RESIDENCIA	SP	1996	MARCIA AFLALO	MARCELO AFLALO		FORMADA MACKENZIE 1978
			48	RESIDENCIA	SP	1997	CATHERINE OTONDO, FERNANDA BARBARA,	FERNANDO VIEGAS, FABIO VALENTIM	UNA ARQUITETURA	FORMADAS FAUUSP 1993
			60	RESIDENCIA	PE	1997	CATIA AVELLAR, GLICIA FERNANDES	ROBERTO MONTEZUMA	MONTEZUMA	FORMADAS FAUPE-1983
232	JUN	1999	76	RESIDENCIA	RS	1995	HELENA KARPOUZAS			FORMADA RITTER RS- 1984
233	JUL	1999	26	CRECHE	MS	1996	ANA PAULA ZARHAN	LUIS FERNANDO LEAL		
234	AGO	1999	30	CLINICA	PR	1997	KAREN MULER CAMIOTTI			ARQUITETURA BRASILEIRA
			33	RODOVIARIO	PR	1996	MARIA ISABEL CORDEIRO CALVO	CLAUDINEI JOSE VECCHI		
			64	HOTEL	SP	1995	TANIA REGINA PARMA	MARCELO CECCHI, NEWTON MASSAFUMI	CECCHI, MASSAFUMI E PARMA	FORMADA FAU/USP EM 1977
			95	POUSADA	SP	1999	PATRICIA KATAYAMA	IGOR GUATELI		
235	SET	1999	40	CENTRO DE LOJAS	MG	1998	ANA LUIZA PIRES, LUCIANA MOREIRA, MARCELA CARVALHO			MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADAS PUC MG 1997
			41	CLÍNICA	PR	1997	SUSY MIYAZAKI, ÉRICA NISHIMURA			ARQUITETURA BRASILEIRA
236	OUT	1999	32	RESIDENCIAL	MA	1995	TANIA BARRETO	PAULO MOCELIN (ENGENHEIRO)		FORMADA UFPE 1986.
			66	ESCOLA	SP	1997	ANA PAULA PONTES, CATHERINE OTONDO, FERNANDA BARBARA, CRISTIANE MUNIZ	FERNANDO VIEGAS, FABIO VALENTIM, RENATO VIEGAS	RENATO VIEGAS E UNA ARQUITETURA	FORMADAS FAUUSP 1993
			67	ESCOLA	SP	1997	RITA DE CASSIA ALVES VAZ, CHRISTINA DE CASTRO MELLO		TEUBA ARQUITETURA	
237	NOV	1999	30	HOSPITAL	SP	1992	CELIA BERNHART			ARQ. BRASILEIRA FORMADA
			50	TEATRO	SP	1996	JOARA CRONEMBERGER RIBEIRO SILVA	PAULO ZIMBRES, MARCOS ZIMBRES	ASSOCIADOS	FORMADA UNIV. BRASILIA 1990
			66	CLÍNICA	SP	1995	MARTA MOREIRA	ANGELO BUCCI	ANGELO BUCCI/MMBB	
238	DEZ	1999	38	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1996	ADRIANA AUN	MARCOS ACAYABA		FORMADA FAUUSP 1988
			64	EDIFICIO COMERCIAL	PE	1994	CATIA AVELLAR, GLICIA FERNANDES	ROBERTO MONTEZUMA	CIA DE ARQUITETURA	FORMADAS FAUPE 1983
239	JAN	2000	38	ESTAÇÃO	SP	1991	ODILEIA TOSCANO	JOAO WALTER TOSCANO		PREMIO 4º BIA
			40	TEATRO	SP	1996	JOARA CRONEMBERGER RIBEIRO SILVA	PAULO ZIMBRES, MARCOS ZIMBRES		PREMIO 4º BIA
			47	RESIDENCIA	SP	1996	MARTA AFLALO	MARCELO AFLALO		PREMIO 4º BIA
			51	SUBTERRANEA	SP	1996	MARTA MOREIRA	ANGELO BUCCI	MMBB ARQUITETOS	PREMIO 4º BIA
240	FEV	2000	38	EDIFICIO RESIDENCIAL	SP	1995	PAULA KATAKURA, SUSY HONDA	EDUARDO BESEN		MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADAS FAUUSP 84
			39	RESIDENCIA	RS	1992	INGRID STEMME	PAULO HENRIQUE RODRIGUES, ROBERTO STEMME		MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA UFRGS 1987

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES	
240	FEV	2000	41	RESIDENCIA	PR	1997	MONICA PRISON	PAULO LETTI		MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA FAU UEL 1985	
			52	FAZENDA	MG	1995	LUCIANA FLORES MARTINS			FORMADA MACKENZIE 1993	
240			62	RESIDENCIA	SP	1999	VALERIA SANTOS	ROBERTO FIALHO		1992	
			66	RESIDENCIA	SP	1996	FLAVIA ZELENOVSKY	LUIS ANTONIO JORGE		FORMADA PUC CAMPINAS 1985	
			70	RESIDENCIA	ES	1998	OLIMPIA REPSOLD	GREGORIO REPSOLD		FORMADA UFES 1985	
241	MAR	2000		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
242	ABR	2000	41	RESIDENCIA	SP	1998	ALESSANDRA PIRES, CARLA BARRANCO			ARQUITETURA BRASILEIRA	
243	MAI	2000	39	EVENTO	SP	1999	JANNE SAVIANO			FAU MACKENZIE 1996	
244	JUN	2000	74	RESIDENCIA	SP	1996	ANA PAULA CALBUCCI	CARLOS WARCHAVCHIK		FORMADA FAUUSP 1985	
			90	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1999	MARCIA CRISTINA ANTEGHINI	LUIZ FIUZA			
			92	RESIDENCIAL	SP	1999	APOENA ALMEIDA, KATIA MELANI	MORACY ALMEIDA, PABLO HERENU			
245	JUL	2000	68	RESIDENCIAL	PE	1994	SYLVIA RANGEL	LUIZ RANGEL		FORMADA UFPE 1986	
246	AGO	2000		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
247	SET	2000	34	SERVIÇOS	MG	1999	PAULA BARROS			ARQUITETURA BRASILEIRA	
			70	HOTEL	PE	1992	IONE MARROQUIM	JOAO FERNANDO MARROQUIM	MARROQUIM ARQUITETOS	FORMADA UFPE 1973	
			80	HOTEL	CE	1997	LUCILA NOVAES	ARTUR NOVAES, AMERICO GIRAO		FORMADA UFCE 1985	
			99	ESCOLA	TO	1999	TANIA REGINA PARMA	NEWTON MASSAFUMI YAMATO	GESTO ARQUITETURA		
248	OUT	2000	46	EDIFICIO RESIDENCIAL	RJ	1999	MYRTHES AZEVEDO	FREDERICO PAIONE		MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA FORMADA. UNIVERSIDADE STA URSULA 1995	
			68	ESTAÇÃO DOCAS	PA	1992	ROSARIO LIMA	PAULO FERNANDES		FORMADA UFPA 1984	
			79	ODONTOLOGICA	SP	1998	MARTA MOREIRA	ANGELO BUCCI	MMBB ARQUITETOS	FORMADA FAU/USP 1987	
249	NOV	2000		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
250	DEZ	2000	34	CONCESSIONARIA	ES	1998	SHEILA BASILIO, CINTIA CHIEPPE			1996	
250			36	RESIDENCIAL	SP	1999	PRISCILA RAFFANI	SILVIO EKMAN		FORMADA MACKENZIE	
			37	ESCOLA	SP	2000	JULIANA FIORINI			FORMADA FAU USP 1999	
			52	HOSPITAL	SP	1999	JOARA CRONEMBERGER RIBEIRO SILVA	ZIMBRES	ASSOCIADOS	BRASILIA 1990	
250	DEZ	2000	57	HOSPITAL	MG	1998	CARMEM SILVA MALUF			FORMADA FARIAS BRITO 1978	
251	JAN	2001	89	EMPRESARIAL	MG	1989	JO VASCONCELOS	ÉOLO MAIA		ESPELICAL ANOS 90	
			109	(EDIFICIOS	PR	1992	VALÉRIA BECHARA	FERNANDO POPP		ESPELICAL ANOS 90	
			109	(EDIFICIOS	MG	1997	ANNA CRISTINA LAZZARINI AVILA	GUSTAVO RIBEIRO E ANDRE ABREU		ESPELICAL ANOS 90	
			109	CULTURAIS)	MG	1994	MARIZA COELHO	ALVARO HARDY (VEVECO)		ESPELICAL ANOS 90	

EDIÇÃO	MÊS EDIÇÃO	ANO EDIÇÃO	PAG.	TIPO DE PROJETO	LOCAL PROJETO	ANO PROJETO	AUTORA /CO-AUTORA	CO-AUTOR	ESCRITÓRIO / EMPRESA	OBSERVAÇÕES	
251	JAN	2001	127	RESIDENCIA	SP	1994	ANNE MARIE SUMMER			ESPELICAL ANOS 90	
252	FEV	2001	36	ESCOLA	MS	1997	ANA PAULA ZAHKAN	LUIS FERNANDO LEAL	A+L ARQUITETURA	ARQUITETURA BRASILEIRA	
			46	LABORATORIO	SP	1996	RENATA SEMNIN	MARTINS DE MELLO	MELLO E PIRATININGA	FORMADA PELA FAU USP 1982	
			54	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1998	ANGELA MONTEIRO	ROBERTO COLLAÇO	COLLAÇO E MONTEIRO	FORMADA PELA FAU USP 1974	
253	MAR	2001	62	SERVIÇOS PUBLICOS	SP	1998	MARTA MOREIRA	FRANCO, MILTON BRAGA E ANGELO BUCCI	E MMBB ARQUITETOS	FORMADA FAU/USP 1987	
254	ABR	2001	47	CLINICA	PR	1998	ELIZABETH SCHMIDT CAVALCANTE	MAURICIO CAVALCANTE	SOMOS ARQUITETURA	MATÉRIA DA REVISTA -NOVA ARQUITETURA BRASILEIRA	
			70	UNIFAMILIAR	SP	1996	CLAUDIA NUCCI	VALERIO PIETRAROIA, SERGIO CAMARGO	NPC GRUPO ARQUITETURA	FORMADOS USP DECADA DE 80	
			74	UNIFAMILIAR	MG	1999	ANA BEATRIZ CAMPOS			FORMADA UFMG 1978	
			81	UNIFAMILIAR	MG	1999	ANA LUISA LLOYD	SERGIO PALHARES		HENDRIX EM BH	
255	MAI	2001	36	COMERCIAL	SP	2000	VANESSA FALCOCHIO RIVERA		DE ENGENHARIA	ARQUITETURA BRASILEIRA	
			39	AUTOMOVEIS	AM	2000	MARIA TEREZA GUERREIRO			ARQ. BRASILEIRA FORMADA	
			60	EDIFICIO COMERCIAL	SP	2000	REGINA PENTEADO TOLEDO	ANTONIO LUIZ RIBEIRO		FORMADA BRAS CUBAS 1978	
			64	CONVENIENCIA	MG	1999	ANNA CRISTINA LAZZARINI	ANDRE ABREU, GUSTAVO RIBEIRO	SITO ARQUITETURA	FORMADA UFMG 1992	
256	JUN	2001		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
257	JUL	2001	41	POUSADA	MA	1999	TANIA BARRETO			FORMADA UFPE 1986	
258	AGO	2001		NESTA EDIÇÃO NÃO HOUE PUBLICAÇÃO DE NENHUM PROJETO COM AUTORIA DE PROFISSIONAL FEMININA							
259	SET	2001	67	CENTRO EMPRESARIAL	SC	1999	EMILIA ZAZUMI OKUDA, MARIA INES LAURENTINO	RICARDO MONTI, HUMBERTO SECCO, ANDRE SCHIMITT, DANIEL RUBIO	MOS ARQUITETOS ASSOCIADOS, DESENHO ALTERNATIVO	FORMADAS UFSC 1986	
			77	EMPRESARIAL	PE	1997	HELENA MENEZES	JERONIMO DA CUNHA LIMA	JCL ARQUITETOS	FORMADA UFPE 1996	
			80	EDIFICIO COMERCIAL	SP	1997	ANGELA MONTEIRO	ROBERTO COLLAÇO	ARQUITETOS, SOM	FORMADA FAU/USP 1974	
260	OUT	2001	45	RESIDENCIAL	SP	1996	MARIA BEATRIZ PADOVANO	BRUNO PADOVANO	PADOVANO & ASSOCIADOS	FORMADA FAU-USP 1981	
261	NOV	2001	34	SERVIÇOS	RJ	1999	FERNANDA MATELLO		COPPE/UFRJ	FORMADA UFRJ 1994	
			35	EMPRESARIAL	SP	1998	CAROLINA MELARDI	RODOLFO MELARDI	MELARDI ARQUITETOS	FORMADA MACKENZIE 1996	
			53	TEATRO MUNICIPAL	PR	1997	FABIOLA ANA TONIN	ANTONIO SARDO, MARIO COSTERNARO		FORMADA PUC PARANÁ 1983	
			58	ESCOLA	SP	2000	CECILIA C. HORNER HOE			FORMADA FAU-UAP 1989	
			76	RESIDENCIAL	SP	2001	ELIZABETH GOLDFARB		EGC ARQUITETURA		
262	DEZ	2001	40	CLINICA	SP	1999	ALESSANDRA SANT'ANNA	OLAIR DE CAMILLO		FORMADA FAAP 1984	
			48	INDUSTRIAL	SP	2000	CLAUDIA NUCCI	SERGIO CAMARGO, VALERIO PIETROIA	NPC GRUPO ARQUITETURA	FORMADA FAU-USP 1984	
			58	RESIDENCIA	MG	1999	MARIA DO CARMO VILARIÑO	LUIS FREIRE, FABIO GONÇALVES	ARQUITETURA	FORMADA FAU-USP 1988	

Entrevistas transcritas

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Arquiteta Barbara Bratke

Entrevista elaborada em 4 maio de 2010.

Dados pessoais:

Idade:

Estado civil: **Casada**

Filhos: **1 filho de 9 anos**

Endereço: **Av. Albert Einstein, 69. Morumbi. São Paulo.**

Telefone: **3743-9621**

Local de graduação: **FAU - USP**

Ano de graduação: **1994**

Pós-graduação:

A escolha:

Por que você optou pelo curso de arquitetura e urbanismo?

- **Sempre fui pela idéia do meu pai de ser criativa. São questões muito subjetivas, o que é belo etc. Por isso eu não fiz a Engenharia.**

Como foi a decisão, teve influencias?

- **Sim, do meu pai. Nunca tive dúvida sobre o que faria, em que faculdade iria cursar, sempre tive certeza. Porém depois de entrar na Universidade surgiram duvidas, me senti muita cobrança por ser filha e neta de arquitetos renomados. Sofri muito preconceito**

No decorrer da carreira, já pensou em seguir outra área de atuação?

- **Se eu soubesse que engenharia era tão bom eu teria feito.**

Formação e inicio da carreira:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Quais os aspectos positivos e negativos da formação nesta Universidade?

- **Acho que meu caso é diferente, eu me decepcionei um pouco com a FAU porque ela preconiza uma linguagem sem discussão e acho que me trouxe uma parte teórica planejamento paisagismo historia da arte, mas na parte de projeto teve muito preconceito com os professores . Parecia que alguns professores fizeram concurso para ter emprego publico como funcionário da prefeitura. Me encantei e decepcionei ao mesmo tempo com a FAU.**

Estágios e empregos. Que situações passou para chegar até a forma de inserção atual no mercado de trabalho? Como arrumou o primeiro emprego?

- **No inicio da faculdade fiz estagio com o meu pai (Carlos Bratke) e também em um escritório de arquitetura promocional. Até surgir um projeto de reforma de uma casa de um amigo de minha mãe e logo após fui convidada para participar de uma mostra de decoração. Foi assim as coisas foram acontecendo, tudo muito rápido, projetos aparecendo sem ter tempo para pensar. Assim surgiu a oportunidade de iniciar a carreira solo, ainda no começo do quarto ano da faculdade abri escritório com um amigo, que depois não deu certo. Fechou logo depois, em 1997. Desde 2000 estou sozinha. Acredita que o choque, a dúvida viram depois de uns anos de formada.**

Forma de inserção:

Como você está inserida no mercado de trabalho, do ponto de vista institucional (empresária, autônoma, empregada, cooperativa).

- **Sou empresária porque tenho um escritório com minha mãe.**

Quais as vantagens e desvantagens desta forma de inserção profissional?

- **Impostos, porque autônomo paga muito mais.**

Você sempre trabalho sozinha ou já contou, em algum momento da carreira, com participação masculina na elaboração dos projetos?

- **Já tive um sócio arquiteto, já trabalhei com meu pai e com meu marido. Por causa de experiências anteriores, não acredito na elaboração de projetos no formato de sociedade com outros arquitetos, porém o**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

formato de parcerias a profissional acho interessante, pois arquitetura é um trabalho muito solitário e dinâmico.

Ambiente de trabalho:

Descrição do local:

- **Aqui é minha sala, lá adiante é a sala das estagiárias.**

Descrição da equipe:

- **Agora eu tenho uma estagiária, uma arquiteta recém-formada e outra**

Quantas mulheres e quantos homens trabalham no seu escritório?

- **Trabalha mais meninas. A mulher tem uma visão mais detalhista e ao mesmo tempo mais prática do trabalho. Homem "viaja", querem logo dar palpite assim que chegam. Menina é mais realista. Um veio perguntando se era pra fazer maquete de uma casinha a toa. Quando mando tirar pilares eles não tiram porque acham que não se deve.**

Trabalho:

Qual a sua relação com a produção do projeto (criação, contato clientes, fornecedores, desenvolvimento do projeto, gestão do projeto)?

- **Minha participação é total no projeto. Pesquiso muito, procuro conhecer novos projetos de vários arquitetos.**

Existe plano de carreira para os funcionários do escritório?

- **Eu não assino carteira. É complicado plano de carreira para os empregados.**

Com se realiza a organização administrativa do escritório?

- **Eu mesma toco a administrativa.**

Projetos:

Quais tipos de projetos seu escritório desenvolve?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Temos um projeto grande que faço com meu marido. É um centro esportivo. Não remunera, pois depende de captação de recursos, por isso vai se trabalhando de graça. Há também projeto de uma construtora que acabou de abrir fazendo casinhas em Santa Rita, classe C, baratinhas.**

Qual o projeto mais importante, no seu ponto de vista, já elaborado?

- **O mais importante é desse concurso do 11 de Agosto, concurso fechado, terreno de 25 mil metros quadrados. É da Faculdade de Direito da USP. O terreno foi dado pelo Janio Quadros há mais de 50 anos para fins esportivos e vai ter até teatro.**

E qual o projeto/obra que lhe trouxe mais prazer?

- **Foi a casa do Real Parque– reforma e interiores. A estrutura estava ameaçada, porem a cliente preferiu manter, houve consultoria de um engenheiro estrutural. . Foi super desafiante. Era uma casa com problema na estrutura, nós chamamos um "cara" de estrutura, fizemos uma viga invertida... Acredita que foi uma parceria interessante entre arquiteto e cliente e virou amizade.**

Que etapas dos projetos o escritório elabora? Detalhamento, projeto executivo, complementares, aprovação prefeitura.

- **Instalações eu também faço quando o trabalho é pequeno, casa unifamiliar, mas quando é maior, vale a pena pegar um engenheiro que faça cálculo de hidráulica etc.**

Em termos de volume de trabalho, hoje como você mede a sua produção? Em média quantos projetos por mês? No momento, quantos projetos está executando?

- **O Centro Esportivo, as casinhas de Santa Rita e uma casa em Pirataia. O cliente está perdido e eu estou fazendo orçamento de estrutura e tudo.**

Publicações:

Quais periódicos (revistas) já publicaram os seus projetos?

- **Meus projetos já saíram em Casa e Construção.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Como foi o processo para ter projetos publicados em revistas? Você foi procurada ou precisou “batalhar” para ser publicada?

- **Minha assistente Livia é que mandava fotos para as revistas. Eu não tenho paciência.**

O que resultou essa publicação, outros trabalhos?

- **Essa publicação nem a casa Office não resultaram em nada.**

Órgão de classe:

Comente o papel dos órgãos de classe frente ao exercício profissional.

- **Os órgãos de classe não dão suporte necessário para a carreira. O CREA acredito que seja o mais funcional.**

Quais os órgãos que você faz parte?

- **Eu não me interesso muito por coisas e classe. Se o meu pai sabe que eu não ligo para isso. Sou até sócia do meu pai e sou só do CREA.**

Honorários:

Como são cobrados os projetos?

- **Honorários aprendi com uma colega arquiteta, tabela do IAB, custo de obra por metro quadrado. Você cobra pelas horas que desenha e depois pela execução.**

Qual a sua relação com a reserva técnica?

- **Reserva Técnica só para Interiores. Eu aceito porque se ganha pouco. Porém esse esquema fica meio debaixo dos panos e eu prefiro cobrar mais e não ficar louca com RT.**

Questões de gênero:

Comente sobre as influencias causadas pelo ambiente doméstico em sua carreira. Como ocorre a divisão da dedicação entre a família e o trabalho?

- **Quando ficou grávida queria ter uma vida segura, protegida, que a família não precisasse de nada. Acredita que se tornou muito melhor**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

arquiteta depois que teve filho, além de melhorar muito como ser humano.

Como a questão familiar (filhos e marido) e maternidade influenciou ou influencia sua vida profissional?

- **Eu e meu marido não quisemos ter babá. Os primeiros anos do João (filho) nos acabamos eu investi menos na profissão. Ficou mal a questão econômica. Reuniões com clientes sábado à noite, como eles gostam, não existia. Ficou tudo limitado. Mas o ganho que eu tenho hoje não me arrependo. Foram dois anos. Mais importante é ser do que ter. Eu acho que eu consegui. Ser mãe é uma coisa muito importante. Mais do que ser arquiteta é formar o meu filho.**

Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento da carreira?

- **Eu sofri muito preconceito dentro da Faculdade porque na minha família tem muitos arquitetos, mais ou menos 16.**

Qual a sua opinião sobre a inserção feminina no mercado de trabalho de arquitetura?

- **Eu nunca senti dificuldade de entrar no mercado. Eu acho que a Arquitetura é profissão de macho, mas não precisa ser homem. Tem que ter determinação. Estar muito seguro para convencer o cliente.**

Acredita que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nessa carreira, frente as demais profissões?

- **Você começa e melhora na maturidade. Meu primeiro projeto foi um teatro e todo mundo se espantou quando viu pronto funcionando. É uma profissão muito de criação porque eu tenho idéias no meio da noite. Não há diferença entre ser mulher ou homem. Tem que ter muita força. Meu pai sempre fala que tem que ter vocação, ser perseverante e forte. Ela acredita que arquitetura é uma profissão de “homem”, mas não precisa ser homem propriamente dito, seria no sentido de personalidade, força, determinação, muita fé para convencimento do cliente das suas idéias. Ser muito seguro do seu projeto. A arquitetura não é uma questão de ser mulher ou ser homem, o profissional tem que ter muita força para acreditar no que se propõe. A mulher busca mais segurança do que aventura, não é preconceito da sociedade é uma característica da personalidade da mulher.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Acredita que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nessa carreira, frente as demais profissões?

- **As mulheres buscam mais segurança. Quando eu fiquei grávida eu queria fazer um ninho para a minha família e para ser arquiteto tem que ser muito aventureiro.**

Quais foram as maiores dificuldades, que você considera, que ocorreu no decorrer da sua carreira?

- **Ao mesmo tempo o arquiteto tem que fazer marketing, tem que elaborar projetos, vender o projeto, convencer e conquistar o cliente. É preciso ser um vendedor e um artista ao mesmo tempo**

Perspectivas:

Está satisfeita com sua área de atuação profissional? Você se sente realizada profissionalmente?

- **É uma carreira de altos e baixos. Tem às vezes 6 meses que não entra nada. Dá vontade de largar.**

Quais os planos e perspectivas para o futuro?

- **Agora quero concluir o MBA e penso ate em fazer algo de consultoria com outros arquitetos Eu gosto se trabalhar junto, mas não sociedade. Queria fazer Direito Ambiental.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Arquiteta Humberta Farias

Entrevista elaborada em 15 junho de 2010.

Dados pessoais:

Idade: **54 anos**

Estado civil: **casada**

Filhos: **André: 29 anos, cirurgião oncológico.**

Filipe: 25 anos, arquiteto

Daniel: 21 anos, estudante de direito

Endereço: **Av. Álvaro Otacílio 2741, apto 604, ponta verde Maceió, Alagoas**

Telefone: **82-32314688**

Local de graduação: **Universidade Federal de Alagoas**

Ano de graduação: **1979**

Pós-graduação: **Universidade Nacional de Brasília**

A escolha:

Por que você optou pelo curso de arquitetura e urbanismo?

- **A princípio pelo encantamento da arte e depois pelo sonho de construir um mundo melhor.**

Como foi a decisão, teve influencias?

- **Sim, tive influência de uma avó e tia artistas. Sempre gostei de trabalhar com a criatividade e desde pequena adorava desenvolver o raciocínio abstrato.**

Você tem algum Hobby ligado as artes?

- **Faço desenhos tipo nanquim dos mais variados, mas quase sempre destruo, pois meu senso crítico não me permite expor. Quando viajo**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

levo sempre comigo material para esses desenhos ,Tenho necessidade psicológica de executá-los ,acho que para extravasar a pressão que recebo dos clientes e do mercado imobiliário que não me permitem liberdade total de criação,de expressão artística..Quando fico alguns dias sem desenhar, chego a sonhar com isso É o meu relax.

No decorrer da carreira, já pensou em seguir outra área de atuação?

- **Não, nunca**

Formação e inicio da carreira:

Quais os aspectos positivos e negativos da formação nesta Universidade?

- **Dizemos sempre no nordeste, que tiramos leite de pedras... As dificuldades de uma universidade pobre, sem verbas, são enormes. Eu fiz parte da primeira turma de arquitetos da UFAL, fomos "cobaias" e isso de certa forma me serviu como estímulo, como um grande desafio. Encarei todas essas dificuldades, a cada dia foram elas o meu suporte.**

Estágios e empregos. Que situações passou para chegar até a forma de inserção atual no mercado de trabalho? Como arrumou o primeiro emprego?

- **Na época, não existiam escritórios consolidados para se estagiar em Maceió e para suprir essa falta, passava as férias estagiando nos escritórios de Recife. Recebi uma forte influência da escola Pernambucana e me encantei com Janete Costa, Borsoi, Alexandre Castro, Pontual e tantos outros nomes que honraram a autêntica arquitetura Brasileira. Estagiava durante o período escolar na somurb,companhia de urbanização de Maceió órgão ligado à prefeitura ,onde tive uma boa experiência em urbanismo.**

Quando e por que optou por montar um escritório próprio?

- **Desde o começo percebi que seria a única forma de projetar o meu trabalho e comecei trabalhando de graça, para mostrar como fazia. Um projeto foi conquistando outro e assim fui formando o escritório.**

Forma de inserção:

Como você está inserida no mercado de trabalho, do ponto de vista institucional (empresária, autônoma, empregada, cooperativa).

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Meu escritório é pessoa jurídica, contudo me considero como autônoma tamanha é a oscilação do mercado em Maceió. Sempre foi assim? Sim, sendo que a princípio o mercado era bem mais aquecido. Existia uma classe média que foi "engolida" por uma série de fatores que prefiro não citar.**

Quais as vantagens e desvantagens desta forma de inserção profissional?

- **A maior desvantagem é a instabilidade financeira e a maior vantagem é a liberdade de trabalho.**

Escolha por ser autônoma/empresária, o motivo foi a falta de opção de emprego ou pela chance de se ter uma renda mais alta?

- **A escolha foi mais por uma questão de realização pessoal.**

Você sempre trabalhou sozinha ou já contou, em algum momento da carreira, com participação masculina na elaboração dos projetos?

- **Sempre trabalhei sozinha**

Ambiente de trabalho:

Descrição do local:

- **Meu escritório é meu Oasis, um armazém antigo situado na linda zona portuária de Maceió. Uma caixa de vidro dentro desse armazém e cercado por jardins tropicais.**

Descrição da equipe:

- **A equipe de arquitetos é toda formada por ex-estagiários, parte fixa e parte temporária. É um grande desafio conseguir manter essa equipe. São pessoas que foram formadas por mim e comungam dos mesmos ideais, dedicados profissionais que procuram passar junto comigo, ensinamentos aos novos estagiários.**

Quantas mulheres e quantos homens trabalham no seu escritório?

- **A maioria é feminina, diria que 90 por cento.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Trabalho:

Qual a sua relação com a produção do projeto (criação, contato clientes, fornecedores, desenvolvimento do projeto, gestão do projeto)?

- **Participo de todas as etapas de trabalho, sem exceção.**

Como é feita a divisão do trabalho dentro do escritório?

- **De acordo com minha avaliação, minha intuição.**

O Seu escritório executa algum tipo de obra?

- **Não, mas esse ano começará a executar, acho que assim teremos um acréscimo enorme nos lucros. Pois estamos sempre presente nas obras sem, no entanto receber remuneração para isso.**

Existe plano de carreira para os funcionários do escritório?

- **Esse plano ocorre de forma bastante peculiar, inclusive como a maioria é jovem e feminina, é comum o afastamento temporário por questões familiares, filhos pequenos, etc. Mas existe uma hierarquia natural nesse processo.**

Com se realiza a organização administrativa do escritório?

- **Existe uma espécie de cooperativa e cada profissional recebe uma porcentagem em cima de sua participação nos trabalhos. Nessa parte pouco me envolvo. Delego aos meus administradores.**

Qual o critério adotado para contratar arquitetos e/ou estagiários?

- **Tenho convênio com Escola Técnica e duas faculdades da cidade. É feita uma seleção criteriosa Quanto aos arquitetos, todos são ex-estagiários.**

Projetos:

Quais tipos de projetos seu escritório desenvolve?

- **Todos os tipos, num mercado como o de Maceió, o que salvou o escritório foi à pluralidade de projetos. Fazemos desde arquitetura de interiores em pequenos apartamentos e peças de design a grandes**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Resorts, hotéis urbanos, prédios residenciais e até uma usina de açúcar como a que estamos projetando em São Paulo para um grupo alagoano. É complicada e trabalhosa essa variedade, mas só assim conseguiria manter a equipe.

Você fez mais projetos institucionais ou residenciais ao longo da sua carreira?

➤ **Residenciais**

Qual o projeto mais importante, no seu ponto de vista, já elaborado?

- **Não existe... É sempre o que estamos trabalhando. Agora mesmo estou encantada com a novidade de fazer essa usina de açúcar. Envolve a arquitetura industrial, consultorias mais diversas. É um sonho poder fazer esse projeto.**

E qual o projeto/obra que lhe trouxe mais prazer?

➤ **Não saberia escolher...**

Que etapas dos projetos o escritório elabora? Detalhamento, projeto executivo, complementares, aprovação prefeitura.

- **Detalhamento, projeto executivo, complementares, aprovação prefeitura. Todos esses com exceção dos complementares onde apenas fazemos a compatibilização. Relação com a execução/construção dos projetos. Acompanhamento, vistoria. Procuramos estar sempre presentes, é nosso grande trunfo.**

Em termos de volume de trabalho, hoje como você mede a sua produção? Em média quantos projetos por mês? No momento, quantos projetos está executando?

- **Estou tentando depois de tantos anos diminuir o fluxo de trabalhos, priorizando os mais importantes. Não está sendo fácil, pois isso reflete em diminuição de equipe, mas estamos decididos a fazê-lo.**

Publicações:

Quais periódicos (revistas) já publicaram os seus projetos?

- **Projeto e Design, AU, Casa e Jardim (Lisboa), Casa e Jardim (Brasil), Casa Claudia, Casa vogue, Caras Decorações (Lisboa), Beach House of**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

South América (Austrália), Mil arquitetos (Austrália), Revista Rochas, GO Where House, A & D (Espanha), Decor Year Book, Revista Kaza, Revista Décor.

Como foi o processo para ter projetos publicados em revistas? Você foi procurada ou precisou “batalhar” para ser publicada?

- **Participo em noventa por cento como convidadas, não poderia nem gostaria de bancar publicidade, só valoriza realmente as que são em caráter editorial.**

O que resultou essa publicação, outros trabalhos?

- **Uma certa referência ao meu trabalho ,um conhecimento maior da minha existência ,afinal não é fácil ser reconhecida trabalhando fora do eixo Rio- São Paulo.**

Órgão de classe:

Comente o papel dos órgãos de classe frente ao exercício profissional.

- **Pouco vejo essa atuação, desconheço a eficiência desses órgãos.**

Quais os órgãos que você faz parte?

- **CREA e sindicato dos arquitetos.**

Honorários:

Como são cobrados os projetos?

- **Cada orçamento é estudado de forma diferente**

Você está satisfeita com a sua remuneração?

- **Não, de forma alguma.**

Qual a sua relação com a reserva técnica?

- **Acho que os escritórios deveriam urgentemente tratar de trabalhar sem a reserva técnica. Ela tira a nossa liberdade de atuação profissional.**

Acredita que ganha em média menos do que um arquiteto masculino com um currículo profissional parecido e com as mesmas funções exercidas?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Se esse arquiteto morar em outro estado, sim. Se for em Maceió talvez a diferença não seja tão gritante mas ela existe sim.**

Qual a importância do seu salário dentro da renda familiar? Qual a média de porcentagem que seu salário representa na renda familiar como um todo?

- **Meio a meio.**

Questões de gênero:

Comente sobre as influências causadas pelo ambiente doméstico em sua carreira. Como ocorre a divisão da dedicação entre a família e o trabalho?

- **É difícil. Tive três filhos, sem direito a licença maternidade. Saindo da maternidade para a prancheta montada dentro de casa, alternando o trabalho com as mamadas. As crianças sentiam muito minha falta e eu morria de remorso pelas ausências. Meu marido é médico e muito dedicado ao seu trabalho. Essa tão famosa divisão de serviços não existe. Para as mulheres profissionais, da minha geração foram acrescentadas às tarefas domésticas, as responsabilidades da profissão.**

Como a questão familiar (filhos e marido) e maternidade influenciou ou influencia sua vida profissional?

- **Influencia demais, assumo as responsabilidades em dobro. Fica difícil conciliar as duas funções.**

Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento da carreira?

- **Sim, muito, principalmente nos projetos imobiliários que envolvem os corretores e arquitetos machistas**

Qual a sua opinião sobre a inserção feminina no mercado de trabalho de arquitetura?

- **Ainda engatinhando.....**

Acredita que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nessa carreira, frente as demais profissões?

- **Em todas as profissões sem exceção, a mulher entra em desvantagem.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Que tipo de medidas acredita ser importante serem adotadas por parte do governo ou órgãos de classe para incentivar a inserção da mulher na carreira?

- **Sinceramente não sei.. Às vezes medidas desse tipo dão resultados opostos.**

Acredita que se deva a que o grande aumento de mulheres no curso de arquitetura?

- **Sempre pensei que a presença maior no curso de arquitetura fosse de mulheres. A dominância com sucesso no exercício profissional é que é masculina.**

Quais foram as maiores dificuldades, que você considera, que ocorreu no decorrer da sua carreira?

- **A maior dificuldade encontrada por mim no escritório foi prover a minha equipe de arquitetas, num mercado tão oscilante. A maior dificuldade encontrada no meu exercício profissional (além do desafio de criar três filhos e ter escritório) foi romper preconceitos existentes à atuação feminina, (na edificação de prédios Multifamiliares, por exemplo). Existe um preconceito elado, enfatizado pelos colegas arquitetos e corretores imobiliários ao longo de mil anos ,de que as construções projetadas por mulheres não atingem o ideal do mercado imobiliário. Hoje meu escritório entra pesado nessa concorrência, projetando para a melhor construtora da cidade, os prédios de luxo, mas foi preciso uma luta enorme para conseguir esse crédito. E preciso me superar todos os dias para continuar no mercado. É isso aí, Flávia, e sabia que segundo os especialistas no assunto, não podemos despertar esse assunto do preconceito porque corremos o risco de aumentar os adeptos adormecidos? Temos que fazer de conta que ele não existe e partir para a guerra. Foi o que fiz e deu certo. Pense sobre isso....**

Perspectivas:

Está satisfeita com sua área de atuação profissional? Você se sente realizada profissionalmente?

- **Sim muito satisfeita.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Quais os planos e perspectivas para o futuro?

- **Projetar fora do meu estado e país.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Arquiteta Rosana Ferrari

Entrevista elaborada em 10 junho de 2010.

Dados pessoais:

Idade: **52 anos**

Estado civil: **divorciada**

Filhos: **04**

Idades: **21, 28, 31, 32**

Endereço: **Rua do Retiro nº 1100 – Parque do Colégio Jundiaí SP**

Telefone: **11 45864963 (com) 11 7759 1982**

Local de graduação: **PUC Campinas**

Ano de graduação: **1981**

Pós-graduação: **PUC Campinas 1996**

A escolha:

Por que você optou pelo curso de arquitetura e urbanismo?

- **Fui muito influenciada por minha mãe, que adorava as obras do Arqº Vasco Venchiarutti, arquiteto que foi três vezes prefeito de Jundiaí. Além disso, meu pai trabalhou como projetista de 1950 até o ano de sua morte em 1959, quando minha mãe viúva assume aos trabalhos dele.**

Como foi a decisão, teve influências?

- **As influências foram exatamente as que foram descritas acima.**

No decorrer da carreira, já pensou em seguir outra área de atuação?

- **Nunca. Adoro o que faço.**

Formação e início da carreira:

Quais os aspectos positivos e negativos da formação nesta Universidade?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **A PUC Campinas foi muito positiva na minha formação, no sentido de dar ferramentas e não “a coisa pronta”. O aprendizado veio não como uma fórmula de projetar, mas como um potencial para que eu desenvolvesse a minha metodologia, junto ao mercado de trabalho. Esse é o aspecto positivo. Não vejo aspecto negativo na minha formação. Vejo sim que o meu esforço foi muito maior do que os colegas, porque, ao me casar cedo, tive os três primeiros filhos na faculdade e levei os cinco anos com muita batalha. Não fui uma aluna exemplar na faculdade, como no colégio, onde eu tirava as melhores notas, mas me formei. A Universidade me ajudou-me a enfrentar desafios, porque os anos 80 foram anos de crise econômica nos países, pós regime militar. Mas ao, me formar, decidi ficar uns cinco anos só cuidando da família e filhos. Eu estava em débito com eles..**

Estágios e empregos. Que situações passou para chegar até a forma de inserção atual no mercado de trabalho? Como conseguiu seu primeiro emprego?

- **Fiz estágio de 1979 até 1981, no escritório do Arquiteto Eduardo Carlos Pereira, que hoje é Conselheiro Superior do IAB SP e Coordena o GT Patrimônio Histórico. Iniciei minhas atividades em 1987, em um escritório com mais 05 arquitetos, em Jundiaí, onde fiquei até 2001. A partir daí montei meu próprio escritório. O único emprego que tive, foi na Prefeitura de Itatiba, como Diretora de Planejamento (coordenei o Plano Diretor de lá em 1995/1996) Secretária de Obras (1997/1998) e por um curto período Chefe de Gabinete, num cargo político trabalhando direto com o prefeito que era engenheiro civil.**

Quando e por que optou por montar um escritório próprio?

- **Meu percurso profissional está descrito acima. No meu escritório, que funciona desde 2001, tenho alguns arquitetos e estagiários trabalhando comigo. O ano passado chegamos a 08 profissionais entre arquitetos, designers e estagiários.**

Forma de inserção:

Como você está inserida no mercado de trabalho, do ponto de vista institucional (empresária, autônoma, empregada, cooperativa).

- **Autônoma.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Quais as vantagens e desvantagens desta forma de inserção profissional?

- **As vantagens resumem-se na liberdade profissional de se decidir com o que trabalhar. Minha personalidade não combina com “ser empregado de alguém” As desvantagens são as financeiras, que muitas vezes advêm da oscilação na carteira de clientes. As contas a pagar não oscilam e são permanentes.**

Você sempre trabalho sozinha ou já contou, em algum momento da carreira, com participação masculina na elaboração dos projetos?

- **Já me associei algumas vezes com arquitetos, em alguns projetos. Fiz projeto de dois loteamentos em sociedade com um amigo meu, arquiteto. Fiz vários projetos com outros colegas também, mas sempre fora do meu escritório.**

Ambiente de trabalho:

Descrição do local:

- **Meu escritório é lindo! Modéstia a parte, fiz duas reformas nesses dez anos de funcionamento. Um sobrado pequeno de esquina, numa rua muito conceituada aqui em Jundiaí. Depois que inaugurei meu escritório, começou a surgir na minha rua, estabelecimentos comerciais com certo padrão. Hoje a rua toda é tomada por lojas e escritórios, que atendem uma clientela “A” e “B”**

Descrição da equipe:

- **Somos três arquitetas, duas estagiárias, uma designer de interiores, com pós nessa área e um gerente (homem, que é meu filho) administrativo financeiro.**

Quantas mulheres e quantos homens trabalham com ou para você?

- **Comigo, somos seis mulheres e apenas um homem.**

Trabalho:

Qual a sua relação com a produção do projeto (criação, contato clientes, fornecedores, desenvolvimento do projeto, gestão do projeto)?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Eu é que faço a parte comercial, de contato e fechamento de orçamento. Desenvolvimento de projetos são as arquitetas e a designer, após discutirem comigo. O contato com fornecedores, eu faço quando tenho que especificar materiais para clientes, mas na maioria das vezes é alguma das profissionais que recebe os fornecedores.**

Como é feita a divisão do trabalho dentro do escritório?

- **Depende da aptidão de cada uma e dos projetos que entram, mas de forma geral todas fazem reforma e interiores. Projetos de arquitetura sou eu e uma das arquitetas (que está comigo há 08 anos) que desenvolvemos.**

Existe plano de carreira para os funcionários do escritório?

- **Ainda não**

Com se realiza a organização administrativa do escritório?

- **Existe um gerente que organiza administrativamente, mas estou pensando em promover uma das arquitetas a gerente de projetos.**

Qual o critério adotado para contratar arquitetos e/ou estagiários?

- **Estagiárias pelo sistema de estágio e as arquitetas, por sociedade nos projetos.**

Projetos:

Quais tipos de projetos que seu escritório desenvolve?

- **Projetos Hospitalares, Industriais, reformas, comerciais e de residências, tanto arquitetura como arquitetura de Interiores.**

Projetos mais importantes (do seu ponto de vista) já elaborados?

- **Projetos Hospitalares**

Qual de seus projetos/obras lhe trouxe mais prazer?

- **Projeto Casa da Criança, que foi o primeiro a ser implantado em Jundiaí em 2001, onde fui uma das coordenadoras. Coordenei 32 profissionais, entre designers e arquitetos e 17 construtoras. Além**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

disso, fui responsável pelo projeto da fachada da Casa Transitória (que abriga crianças em espera de adoção) e um dormitório de meninas de 02 anos.

Que etapas dos projetos o escritório elabora? Detalhamento, projeto executivo, complementares, aprovação prefeitura.

- **Todas essas etapas.**

Qual a sua relação com a execução/construção dos projetos? E quanto ao acompanhamento, vistoria? Você faz projetos e gerencia a obra?

- **Faço projetos, mas algumas vezes faço a coordenação dos profissionais envolvidos, mas sempre procuro fazer o acompanhamento.**

Em termos de volume de trabalho, hoje como você mede a sua produção? Em média quantos projetos por mês? No momento, quantos projetos estão executando?

- **Depende do porte dos projetos.**

Publicações:

À quais publicações especializadas você tem acesso?

- **Revistas Projeto, AU, Arquitetura e Construção, além de livros e revistas importadas, que compro com bastante frequência.**

Quais periódicos (revistas) já publicaram os seus projetos?

- **Meus projetos não foram publicados.**

Como foi o processo para ter projetos publicados em revistas? Você foi procurada ou precisou “batalhar” para ser publicada?

- **Fui procurada pela minha atuação na região e nas duas edições de Jundiáí Décor.**

O que resultou essa publicação? Outros trabalhos?

- **Visibilidade para o meu trabalho.**

Órgão de classe:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Comente o papel dos órgãos de classe frente ao exercício profissional.

- **“A profissão só se constrói coletivamente”. Essa afirmação é totalmente procedente e deve ser sempre lembrada. Desde 1987 participo do IAB. Fui três vezes presidente do núcleo Jundiaí. Pelo IAB participei do Grupo que elaborou o Plano Diretor para a Serra do Japi, que resultou numa legislação e na criação do Conselho Gestor da Serra do Japi. Fui por três gestões conselheira e na última gestão, fui Presidente deste Conselho.**

Quais os órgãos que você faz parte?

- **Hoje sou Presidente do IAB Departamento SP. Atuo no FORCIS Jundiaí (Fórum do comércio, indústria e serviços de Jundiaí, que reúne os dirigentes de 27 entidades). Mas já fui do COMDEMA Jundiaí, Conselheira do Conselho Municipal de Habitação de Jundiaí e como já descrevi, fui por três vezes Conselheira do Conselho de Gestão das Serra do Japi.**

Você tem participado de algum - diretoria, grupos de trabalho, etc.?

- **Participo de um Grupo de Trabalho que está promovendo o Planejamento Participativo em Jundiaí e região, o PPR.**

Honorários:

Como são cobrados os projetos?

- **Sigo uma tabela minha, que em alguns casos é mais alta que a tabela do IAB SP. Mas sempre tento seguir o mínimo da tabela, lógico observando o mercado de trabalho. A forma de cobrar varia entre metragem quadrada e horas técnicas.**

Você está satisfeita com a sua remuneração?

- **Embora as dificuldades do mercado, estou sim.**

Acredita que ganha em média menos do que um arquiteto masculino com um currículo profissional parecido e com as mesmas funções exercidas?

- **A minha experiência no interior de SP, demonstra que nem sempre as mulheres ganham menos.**

Qual a sua relação com a RT - reserva técnica?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Nunca trabalho, nem faço orçamento contando com RT. O Projeto deve ser remunerado pelo cliente, de acordo com o que vale.**

Gênero:

Comente sobre as influencias causadas pelo ambiente doméstico em sua carreira. Como ocorre a divisão da dedicação entre a família e o trabalho?

- **Sempre batalhei para ser arquiteta, pois estudei já com a responsabilidade de cuidar de meus três primeiros filhos, mas sempre tive muito apoio de meus familiares. Hoje com os filhos criados (a mais velha médica dermatologista, a segunda formada em comercio exterior, trabalha com exportação, o terceiro é publicitário e o caçula é meu gerente no escritório), tenho a liberdade para desempenhar o meu trabalho. As arquitetas que trabalham comigo, muitas vezes demonstram o conflito por terem que se dividir entre o trabalho e a família.**

Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento da carreira?

- **O único e pesado preconceito que sofri, foi por “reações” quando assumi a presidência do IAB SP, quando vice presidente do Arquiteto Joaquim Guedes. Primeiro por ser mulher, do interior, formada pela PUC e não USP ou Mackenzie. Mas depois venci as eleições, onde a maioria dos votos foi do interior do Estado.**

Qual a sua opinião sobre a inserção feminina no mercado de trabalho de arquitetura?

- **Minha opinião é que, em qualquer mercado de trabalho, a mulher deve sempre colocar-se com competência e profissionalismo. O respeito deve ser construído.**

Acredita que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nessa carreira, frente às demais profissões?

- **Não acredito que deva haver vantagens ou desvantagens nessa carreira, para as mulheres. Mas se observarmos que em mais de 80 anos de existência do IAB SP, nunca houve uma mulher eleita para presidir a entidade, podemos diagnosticar uma diferença de tratamento entre homens e mulheres perante a profissão. Se uma profissão se constrói coletivamente e a entidade representa esse “coletivo”, porque**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

então só homens estiveram no comando do IAB SP até a minha eleição?

Você consegue informar sobre a inserção das outras mulheres de sua turma (universidade) na vida profissional?

- **Sim tiveram muitas mulheres da minha turma, que hoje atuam como eu, mas não saberia traduzir isso em índices ou números.**

Quais foram as maiores dificuldades, que você considera, que ocorreu no decorrer da sua carreira?

- **As dificuldades foram sempre no sentido de desenvolver um contrato com cláusulas justas profissionalmente. Para isso só o tempo e a experiência puderam garantir para mim, certa segurança.**

Perspectivas:

Está satisfeita com sua área de atuação profissional? Você se sente realizada profissionalmente?

- **Com certeza. Já me consolidei como profissional no mercado de trabalho e adoro o que faço.**

Quais os planos e perspectivas para o futuro?

- **Quero mais. Quero empreender, construir. Já estou pensando nisso. Tenho empresa constituída como construtora.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Arquiteta Solange Parada

Entrevista elaborada em 13 maio de 2010.

Dados pessoais:

Idade: **51 anos**

Estado civil: **Solteira**

Filhos: **1 filha de 4 anos**

Endereço: **Rua Otto Unger, 347, centro de Mogi das Cruzes. São Paulo.**

Telefone: **9996-0749**

Local de graduação: **Universidade Brás Cubas**

Ano de graduação: **1980**

Pós-graduação: **Especialização em projetos na Universidade Braz Cubas, Mestrado em Habitação IPT- Instituto de Pesquisas Tecnológicas da USP, MBA Administração do terceiro setor FGV Fundação Getúlio Vargas.**

A escolha:

Por que você optou pelo curso de arquitetura e urbanismo?

- **Eu queria fazer Arte Dramática, eu tinha 17 anos e o meu pai não queria que eu sáisse daqui (Mogi das Cruzes). Era eu e mais quatro amigas. Todas éramos professoras. Fizemos o Normal. Não fizemos o segundo grau como era de praxe, por não gostarmos de Física nem de Química. Acabamos indo ao campus da faculdade assistir uma aula de historia da arte. O assunto estava bombando e eu adorei. No fim, das cinco, só eu que vinguei.**

Como foi a decisão, teve influencias?

- **Como falei meu pai não queria que eu fosse para outra cidade e eu era muito ruim em matemática, mas como adorei a aula que assisti , me motivei e durante todo o curso as aulas de historia da arte e arquitetura foram de apaixonar.**

Você tem algum Hobby ligado as artes?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Não, eu vivi um bom tempo me dedicando 24 horas para arquitetura, escritório, aula, ONG, não sobrava muito tempo para outro tipo de arte, mas a criação dos projetos já me faz sentir em um processo de criação e de arte.**

No decorrer da carreira, já pensou em seguir outra área de atuação?

- **Não, mas fiz muitas coisas diferentes que no início era mais projetos, depois foi aparecendo obras, e lecionei muito tempo, hoje desenvolvo mais interiores.**

Formação e início da carreira:

Quais os aspectos positivos e negativos da formação nesta Universidade?

- **A Faculdade de Mogi era muito boa.**

Estágios e empregos. Que situações passou para chegar até a forma de inserção atual no mercado de trabalho? Como arrumou o primeiro emprego?

- **Quando eu me formei com 26 anos, houve greve na Belas Artes e uns colegas me perguntaram se eu não queria mandar meu currículo. Eu era tão nova que não imaginava se ia aprender ou ensinar. Meu currículo foi aprovado e eu ia todo dia a São Paulo dar aula.**

Quando e por que optou por montar um escritório próprio?

- **Para poder ter um espaço físico onde possa desenvolver os projetos e atender os clientes com mais autonomia.**

Forma de inserção:

Como você está inserida no mercado de trabalho, do ponto de vista institucional (empresária, autônoma, empregada, cooperativa).

- **Eu sou autônoma.**

Quais as vantagens e desvantagens desta forma de inserção profissional?

- **Eu tomo sempre à frente. Só trabalhei junto durante um ano. Minha sócia era casada, teve um bebê e se afastou. Hoje ela está retornando e montou um escritório na área de interiores.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Escolha por ser autônoma/empresária, o motivo foi a falta de opção de emprego ou pela chance de se ter uma renda mais alta?

- **Foi por ter mais independência profissional e uma renda melhor.**

Você sempre trabalhou sozinha ou já contou, em algum momento da carreira, com participação masculina na elaboração dos projetos?

- **Nunca fiz parceria com engenheiro nem arquiteto.**

Ambiente de trabalho:

Descrição do local:

- **O meu escritório foi feito assim, eu comprei o terreno e fiz uma estrutura metálica, com gesso cartonado.**

Descrição da equipe:

- **Hoje eu só tenho uma estagiária e se aumenta o serviço eu terceirizo.**

Quantas mulheres e quantos homens trabalham no seu escritório?

- **Atualmente só uma estagiária, mas no princípio tive 12 pessoas, até arquiteta formada.**

Trabalho:

Qual a sua relação com a produção do projeto (criação, contato clientes, fornecedores, desenvolvimento do projeto, gestão do projeto)?

- **Acabo vendo todas as etapas, entrevista, levantamento, executivo, prefeitura.**

Como é feita a divisão do trabalho dentro do escritório?

- **A estagiária ajuda, mas eu fico supervisionando tudo. Eu tenho uma independência tão grande que não dá certo trabalhar em equipe. É um crescimento grande e eu tenho dificuldade.**

O Seu escritório executa algum tipo de obra?

- **Sempre fui muito independente e gostava de tomar a frente de tudo.**

Existe plano de carreira para os funcionários do escritório?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Aqui a gente tem uma oscilação grande e eu não tive plano de carreira para ninguém. O máximo que chegamos foi gerente.**

Como se realiza a organização administrativa do escritório?

- **Por ser um escritório pequeno não tenho muitas preocupações nesse sentido e por ser um local de minha propriedade os gastos são poucos, mais é a entrada de projetos e obras para poder pagar o padrão de vida que eu tenho e remunerar as estagiárias de acordo com o projeto desenvolvido, a mão de obra das obras o cliente paga direto eu recebo pela administração dos serviços.**

Qual o critério adotado para contratar arquitetos e/ou estagiários?

- **Que tenham experiência com AutoCad e desenvoltura no atendimento com as pessoas, e com horário disponível integral.**

Projetos:

Quais tipos de projetos seu escritório desenvolve?

- **Atualmente gosto de fazer workshops de decoração.**

Você fez mais projetos institucionais ou residenciais ao longo da sua carreira?

- **Fiz mais projetos comerciais e residenciais.**

Qual o projeto mais importante, no seu ponto de vista, já elaborado?

- **Gosto muito da Residência do Iram Alves dos Anjos que foi de estrutura metálica me proporcionou ousar mais nos materiais, o aço e o Edifício de Advocacia que também foi de estrutura metálica, mas os mais emocionantes foi os que fiz como voluntária do Instituto Terra entregar uma obra para crianças carentes ou idosos carentes e ver a alegria deles não tem preço.**

E qual o projeto/obra que lhe trouxe mais prazer?

- **Os projetos que mais gostei foram essas residências que saíram nas revistas**

Que etapas dos projetos o escritório elabora? Detalhamento, projeto executivo, complementares, aprovação prefeitura.

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

➤ Todas

Em termos de volume de trabalho, hoje como você mede a sua produção? Em média quantos projetos por mês? No momento, quantos projetos está executando?

- **Quando abriu o shopping aqui em Mogi eu trabalhava dia e noite. Agora não quero mais aquela loucura. Agora estou mais com Interiores Estou com uns 5 Projetos. Duas residências na Prefeitura.**

Publicações:

Quais periódicos (revistas) já publicaram os seus projetos?

➤ AU e Techni

Como foi o processo para ter projetos publicados em revistas? Você foi procurada ou precisou “batalhar” para ser publicada?

- **Enviei fotos do projeto da casa e eles publicaram. Os clientes haviam pedido uma casa normanda. Curiosamente eles incorporaram minhas idéias e até se esqueceram do que queriam. A revista ficou muito fissurada na casa. Além do mais eu ainda estava lecionando e era importante ter publicações.**

O que resultou essa publicação, outros trabalhos?

- **Particpei também da Bienal, coloquei a casa para premiação e ganhei. Depois fiz um prédio perto do meu escritório e em quinze dias surgia a construção parecendo uma montagem de Lego. Mandeí esse projeto também para a AU e também publicaram.**

Órgão de classe:

Comente o papel dos órgãos de classe frente ao exercício profissional.

- **Eu participei muito, depois de formada, dos órgãos de classe. Eu ia a muitas festas. O que funciona mais são os dos Engenheiros aqui de Mogi. Mais do que o IAB. Eu ganhei menção honrosa no IAB e outras premiações aqui em Mogi.**

Quais os órgãos que você faz parte?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **Aqui em Mogi em uma IAB, fazemos reuniões sobre problema da cidade, da classe. Se tivéssemos um órgão mais forte nada demorava tanto para sair na prefeitura. Se conhecer um político anda mais rápido. Tínhamos que ser mais fortes.**

Honorários:

Como são cobrados os projetos?

- **Aqui em Mogi podemos cobrar o mesmo que em São Paulo. Eu faço parâmetros com a caçamba de entulho. A de SP é muito mais cara. Eu fiz um projeto em Higienópolis e vi que tudo era muito mais caro que aqui. Eu não tenho uma tabela. Eu não tenho uma tabela. Eu analiso as dificuldades que eu vou ter. Às vezes uma área menor dá mais trabalho que uma maior. Cada cliente é um cliente. Cada obra é uma obra. Houve uma época em que eu tinha tabela, mas fica muito engessado.**

Você está satisfeita com a sua remuneração?

- **Dá mais dinheiro obra, mas dá muita dor de cabeça. Projeto é aquela coisa, apresento e dá mais sossego. Se eu fizer por administração eu cobro 15%, se for à noite, padaria, por exemplo, 18%, quando são móveis 10%.**

Qual a sua relação com a reserva técnica?

- **Hoje em dia isso é muito oferecido. Todas as lojas trabalham assim. Eu acho justo. Tem cliente que só quer dicas e, mas não quer contratar você, então acho justo ter a reserva.**

Acredita que ganha em média menos do que um arquiteto masculino com um currículo profissional parecido e com as mesmas funções exercidas?

- **Acho relativo, mas acredito que sim, em empresas. É mais fácil uma incorporadora dar um conjunto de prédios para um homem. Mas o salário, não, depende.**

Qual a importância do seu salário dentro da renda familiar? Qual a media de porcentagem que seu salário representa na renda familiar como um todo?

- **A minha renda é 100%.**

Questões de gênero:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Comente sobre as influencias causadas pelo ambiente doméstico em sua carreira. Como ocorre a divisão da dedicação entre a família e o trabalho?

- **Eu tenho uma filha de 5 anos que adotei com 4 dias. No começo tinha uma moça que cuidava dela. Mas depois que ela me saiu trabalhei meio período, fiquei mal de grana. Minha mãe tem 80 anos e eu 50.**

Como a questão familiar (filhos e marido) e maternidade influenciou ou influencia sua vida profissional?

- **Eu fiz o percurso inverso como tenho filho somente agora eu me dediquei a profissão integral, congressos, viagens, cursos, e hoje estou equilibrando a profissão e os horários com minha filha.**

Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento da carreira?

- **Já me senti discriminada. Agora eu tenho um grupo de operários que me entende. Eu até digo, vocês estão com TPM? Uma vez um pedreiro falou que nem a mulher dele mandava nele. Quando eu cheguei lá estava tudo errado e eu fui chutando as pedrinhas.**

Qual a sua opinião sobre a inserção feminina no mercado de trabalho de arquitetura?

- **Acho que tudo deve ser fito com energia e a coisa flui. Nada de dizer que para uma mulher a profissão não vai dar certo. Na Arquitetura tem muita mulher por trás de um homem. Uma amiga trabalhava com um Arquiteto e ela sempre trabalhou projetando e desenhando e nós perguntávamos por que ela não montava um negócio dela e ela dizia que era muito mais fácil estar atrás de alguém do que ter uma firma e dar a cara a tapa.**

Acredita que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nessa carreira, frente as demais profissões?

- **Acho que essa profissão tem a flexibilidade da mulher trabalhar em casa. Acho que a mulher tem muita sensibilidade, esse olhar de aproximação com o cliente, que até gosta mais de lidar com arquiteta. Para mim tem que ter olho no olho, senão não rola, a mulher quer o envolvimento, o homem é mais racional.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Que tipo de medidas acredita ser importante serem adotadas por parte do governo ou órgãos de classe para incentivar a inserção da mulher na carreira?

- **Divulgação da carreira e em que áreas a mulher pode ser atuante.**

Acredita que se deva a que o grande aumento de mulheres no curso de arquitetura?

- **Na minha turma já era a maioria mulheres, acredito que para o projeto a concepção da forma do espaço, para a composição dos detalhes é preciso muita sensibilidade e é isso que fascina as mulheres.**

Quais foram as maiores dificuldades, que você considera, que ocorreu no decorrer da sua carreira?

- **Foi trazer uma arquitetura moderna para uma cidade onde imperava uma pseudo arquitetura colonial, ou outros estilos mediterrâneo que era uma tendência da época, e também por ter me formado muito jovem a credibilidade no meu profissionalismo. "logo no inicio da carreira trabalhava numa construtora e o engenheiro proprietário pediu para eu ir sozinha apresentar o projeto, fiquei muito nervosa mais fui, quando acabei a apresentação o cliente falou então tá gostei, mas pede para o engenheiro vir falar comigo,... fiquei arrasada! Rsss Bem se precisar de mais algum detalhe estou à disposição!**

Perspectivas:

Está satisfeita com sua área de atuação profissional? Você se sente realizada profissionalmente?

- **Você se sente realizada profissionalmente? Sempre fui seletiva, fazendo o que eu acreditava. É complicado que o nosso mercado oscila muito e eu me sinto bem porque não fiz nada só por dinheiro. Na época do auge eu recusei projetos porque não estavam dentro da linha que eu acredito. Não adianta fazer rococó só para ganhar dinheiro.**

Quais os planos e perspectivas para o futuro?

- **Agora que eu estou cinquentona não quero mais ficar dependendo de cliente. Eu gostaria de uma coisa mais leve, mas eu não me vejo fazendo outra coisa.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Arquiteta Yara Santucci

Entrevista elaborada em 7 maio de 2010.

Dados pessoais:

Idade: **41 anos**

Estado civil: **Casada**

Filhos: **1 filho de 4 anos**

Endereço: **Rua Itapicuru 369 cj. 1305 Perdizes**

Telefone: **3865-0553**

Local de graduação: **Mackenzie**

Ano de graduação: **1992**

Pós-graduação:

A escolha:

Por que você optou pelo curso de arquitetura e urbanismo?

- **Nunca pensei em outro curso.**

Como foi a decisão, teve influencias?

- **Não sofri influências na escolha.**

Você tem algum Hobby ligado as artes?

- **Bem, toquei piano por 10 anos e compus arranjos e tenho 7 músicas próprias. Tenho também 2 cadernos de poesias**

No decorrer da carreira, já pensou em seguir outra área de atuação?

- **Não, nunca quis outra área de atuação. Agora penso em outras áreas próximas, mas acabo continuando, principalmente por conta da complexidade que foi linha carreira profissional.**

Formação e inicio da carreira:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Quais os aspectos positivos e negativos da formação nesta Universidade?

- **Você vai me achar pessimista, mas naquela época eu tinha professores que eram muito antiquados. Mal conseguiam caminhar para dar aula. E eram de cadeiras importantes. O primeiro ano foi dramático. Minha turma batalhou para substituir professores, principalmente de Projetos, que eram nulos. Problema grave é o professor não estar no mercado. A gente chegava a freqüentar outros horários, por exemplo, à noite, procurando aulas mais interessantes. Saí de lá frustrada. Meu trabalho de graduação só foi reconhecido por um professor que me deu 10, pois não tinha aquela mentalidade muito comercial.**

E qual era o Projeto?

- **Centro de Cultura e Atividade de Lazer num terreno situado na embocadura da Oscar Freire, perto do Hospital do Câncer.**

Estágios e empregos. Que situações passou para chegar até a forma de inserção atual no mercado de trabalho? Como arrumou o primeiro emprego?

- **Fiz estágio no primeiro ano louca para conhecer esse mundo e mesmo assim quando me formei fiquei com dúvidas em como gerir um escritório, como encontrar fornecedores, arranjar pessoal. É importante.**

Quando e por que optou por montar um escritório próprio?

- **Trabalhei 3 anos depois de formada com um arquiteto. Não que eu quisesse um trabalho mais remunerado, mas com a morte do arquiteto tive que sair, pois eu senti que nada estava como antes. Ele tinha propostas ótimas. Você se forma e tem tão pouco aprendizado na Faculdade. Lá eu participava de tudo. Quando eu saí de lá tinha 4 pessoas. Eu fazia desde amostra de catálogos. Ele delegava ao profissional, desde o início ao fim do projeto. Desde o preliminar até o detalhamento e final do projeto.**

Forma de inserção:

Como você está inserida no mercado de trabalho, do ponto de vista institucional (empresária, autônoma, empregada, cooperativa).

- **Sou autônoma.**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Escolha por ser autônoma/empresária, o motivo foi a falta de opção de emprego ou pela chance de se ter uma renda mais alta?

- **Nem um nem outro. Na verdade sempre tive o perfil de trabalhar por conta, de ter meu negócio, minha linha de trabalho, minha liberdade e autonomia plenas. Hoje, depois de muito penar, penso que ter um emprego e uma remuneração fixa seria mais ameno. E ao contrário do que muita gente pensa, empresários "matam um leão por dia" p/ manterem seus negócios, e lucro, de fato, é uma luta gigantesca. São muitas contas a pagar, e sobra pouco, menos que muitos salários medianos por aí. A "liberdade" sempre teve um alto custo...**

Você sempre trabalhou sozinha ou já contou, em algum momento da carreira, com participação masculina na elaboração dos projetos?

- **Sempre tive muita dificuldade para achar pessoas para trabalhar. Quando achava alguém queria seguir seus próprios caminhos e não queria ficar atrelada a um escritório, ainda mais sem grife.**

Ambiente de trabalho:

Descrição do local:

- **Trabalho em casa.**

Descrição da equipe:

- **Trabalho no momento sozinha.**

Trabalho:

Qual a sua relação com a produção do projeto (criação, contato clientes, fornecedores, desenvolvimento do projeto, gestão do projeto)?

- **Faço tudo, orçamento, fornecedores. Tenho um leque em todas as áreas. Não é brincadeira, a mão de obra é o calcanhar de Aquiles. Sempre trabalho com residencial e comercial, menos loja. Loja você só faz loja, mais nada.**

Como é feita a divisão do trabalho dentro do escritório?

- **As únicas arquitetas que trabalharam comigo foram em parceria. O resto era estagiário. Tive uma pessoa de marketing que me aliviou**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

muito fazendo o site, projeções etc. Foi terceirizado, mas ele ficava lá o para conviver e sentir a equipe do escritório.

O Seu escritório executa algum tipo de obra?

- **Sempre executei as obras de reforma que projetei. Mas isso mudou. Decidi não executar mais obras.**

Qual o critério adotado para contratar arquitetos e/ou estagiários?

- **É desafiante demais hoje em dia você montar uma equipe que tenha excelência profissional que é o que eu busco. Não é só para fazer o projeto, mas na conduta ética é difícil conseguir isto hoje em dia. O profissional presente, independente de ser homem ou mulher, se tiver sorte, vai formar e segurar uma boa equipe.**

Projetos:

Quais tipos de projetos seu escritório desenvolve?

- **Residencial e comercial.**

Você fez mais projetos institucionais ou residenciais ao longo da sua carreira?

- **Residenciais.**

Qual o projeto mais importante, no seu ponto de vista, já elaborado?

- **Um grande trabalho realizado que marcou bastante minha carreira, foi o concurso que ganhei junto c/ Bruno Padovano para um parque na China.**

E qual o projeto/obra que lhe trouxe mais prazer?

- **Um restauro feito num monastério na Suíça que elaborei o projeto gráfico. A primeira edificação, datada em 200 DC, é a pequena capela junto ao muro externo, solta das demais edificações. A segunda foi a igreja c/ uma torre alta. O link p/ a visitação virtual do monastério suíço: <http://www.archeotech.ch/mustair/tests/index.html> Clique em "Panoramas Interactifs" para "visitar" cada uma das edificações, navegando pelos recursos do teclado.**

Publicações:

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

Como foi o processo para ter projetos publicados em revistas? Você foi procurada ou precisou “batalhar” para ser publicada?

- **Não sou da turma da Arquitetura com marca. Tem gente que tem mais ou menos colocação no mercado. Eu já tive projetos publicados, mas nunca tive muito tempo de andar atrás disso. Mas é sempre bom o cliente saber que o seu trabalho foi publicado. Também tive assessoria de marketing, mas o que funciona mesmo é o boca a boca. Meu projeto de uma capela foi publicado, mas este projeto não chegou a ser construído.**

Órgão de classe:

Comente o papel dos órgãos de classe frente ao exercício profissional.

Resposta no item - dificuldades na profissão.

Quais os órgãos que você faz parte?

- **Já fui filiada ao IAB, discuti a profissão porque a gente não tem proteção, como os advogados têm da OAB. Nunca se sabe quanto cobrar. No CREA a gente está lá só encaixada e eu sou filiada a ele.**

Honorários:

Como são cobrados os projetos?

- **Uso planilha de custo conforme hora trabalhada ou porcentagem sobre o custo final da obra. Tenho capital de giro, compro tudo e varia como tamanho da obra. Nessa hora falta um órgão de classe ativo para nos ajudar.**

Qual a sua relação com a reserva técnica?

- **Bendita RT, pois há orçamentos difíceis que você tem que explicar detalhadamente ao serralheiro, por exemplo. Por isso compensa a RT.**

Acredita que ganha em média menos do que um arquiteto masculino com um currículo profissional parecido e com as mesmas funções exercidas?

- **Não tenho muitas referências p/ avaliar bem. Sei que colegas meus também sofrem bastante a sazonalidade de trabalhos, e que também têm muito prejuízo pelos mesmos motivos que eu. Acho que esta**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

pergunta se aplica mais a profissionais empregados e não empregador-autônomos, como é o caso.

Qual a importância do seu salário dentro da renda familiar? Qual a média de porcentagem que seu salário representa na renda familiar como um todo? Qual a média de porcentagem que seu salário representa na renda familiar como um todo?

- **Sempre foi de 50%, mas depois da desaceleração profissional pela maternidade, isso caiu p/ 20%.**

Questões de gênero:

Comente sobre as influências causadas pelo ambiente doméstico em sua carreira. Como ocorre a divisão da dedicação entre a família e o trabalho?

- **Priorizar a maternidade à profissão é necessário. É um recuo estratégico. Você vê onde errou e se recicla. Nesse recuo se percebe que algumas coisas não funcionam mais.**

Como a questão familiar (filhos e marido) e maternidade influenciou ou influencia sua vida profissional?

- **Totalmente, no caso do filho. Diminui drasticamente minha atuação depois do nascimento do meu filho, mas por opção. Porque sei que seria possível continuar como antes, contratando babá. Mas não quis. Casamento não me restringiu a quase nada.**

Já sofreu algum tipo de preconceito em algum momento da carreira?

Resposta no item - dificuldades na profissão.

Acredita que há vantagens ou desvantagens para as profissionais femininas nessa carreira, frente as demais profissões?

- **Acho que esta profissão não tem desvantagens para a mulher. Só o problema do machismo. A profissão hoje está muito abalada. As mulheres vão se sentir abaladas.**

Que tipo de medidas acredita ser importante serem adotadas por parte do governo ou órgãos de classe para incentivar a inserção da mulher na carreira?

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

- **A mulher tem acesso à formação e graduação que quiser hoje. Resta saber ter ânimo, paciência e diplomacia para conquistar no mercado seu lugar. A mulher competente tem seu lugar. O governo pode fazer campanhas anti-machismo genericamente falando, em toda profissão. Talvez fosse útil.**

Acredita que se deva a que o grande aumento de mulheres no curso de arquitetura?

- **Confunde-se c/ decoração (que "virou" Interiores). Que é uma atividade c/ raízes femininas.**

Quais foram as maiores dificuldades, que você considera, que ocorreu no decorrer da sua carreira?

- **Foram várias as grandes dificuldades, falando de forma realista, seguem aqui algumas principais:**
- **- Falta de uma Organização de Classe. Não temos uma Organização que nos defenda e proteja. Qualquer um pode obter projetos e fornecedores nas bancas de revistas, por ex., ou cobrar o quanto quiser. Até hoje não há um critério único contratual ou de cobrança que tenha se consagrado e sido adotado por todos. Já sofri muito c/ isso, levando anos p/ aprender na prática como me impor comercialmente perante tantos atravessadores.**
- **- Atrasos de obra. Um contrato de 4 meses exceder-se para 6, 8 meses. A diferença nunca é remunerada, e resulta em má remuneração ao arquiteto e pouco ou ausência de lucro no negócio. Não temos proteção, então temos que encarar o prejuízo.**
- **- Com poucas reservas, o escritório não pode arcar c/ uma equipe de 1ª linha. Sobra a opção de recrutar estagiários, que nada sabem, têm que aprender tudo e apresentam sempre alta rotatividade. Acumula, portanto muitas funções sobre nós.**
- **- Choques culturais c/ clientes. Aí entra também a falta de credibilidade de alguns clientes homens perante profissionais mulheres. No meu caso essa falta de credibilidade nunca durou mais do que os dois, três primeiros encontros.**
- **- Machismo em obra. Peões ou engenheiros. Mas como tenho entrosamento bom c/ peões e sou didática, nunca tive grandes**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

APÊNDICE C

problemas c/ eles. Sempre foi mais complicado c/ o ego dos engenheiros. Eles geralmente não se sentem confortáveis seguindo ordens de mulheres, principalmente perante um cenário todo masculino. Preferem pegar o projeto e tocar sozinhos. Mas como sempre fiz questão de acompanhar as execuções dos meus projetos e tenho o perfil mais autoritário, houve sempre uma "saia justa" p/ eles, o que por vezes gerou desgastes.

Perspectivas:

Quais os planos e perspectivas para o futuro?

- **Me formei em 1992 pela Mackenzie. Não pude fazer cursos ao longo da carreira. Nada. Fiz tudo do escritório, da área de produção a administração. Sempre fui muito ocupada. Agora pretendo me reformular**

Profissão: Arquiteta

Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)